



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Aline de Oliveira França de Souza

**Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma
favelada**

São Gonçalo

2022

Aline de Oliveira França de Souza

Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma favelada



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Andréa Rodrigues

São Gonçalo

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

S729 Souza, Aline de Oliveira França de.
Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma favelada / Aline de Oliveira França de Souza. – 2022.
115f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dra. Andréa Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977. Quarto de despejo – Teses. 3. Testemunhas – Teses. I. Rodrigues, Andréa. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 4994 CDU 82.085

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Aline de Oliveira França de Souza

Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma favelada

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 19 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Andréa Rodrigues (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^ª. Dra. Bethania Sampaio Corrêa Mariani
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dra. Luiza Kátia Andrade Castello Branco
Universidade Federal de Uberlândia
Universidade Federal Fluminense

São Gonçalo

2022

DEDICATÓRIA

Às mulheres, que, com ousadia e coragem (cada uma a sua maneira) encaram as batalhas
diárias-sociais-culturais-históricas.
Às mulheres, que sempre resistiram.
Às mulheres!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e saúde; por me permitir chegar a este tão importante momento da minha história; por me dar condições de sonhar e realizar; e por todas as pessoas que colocou no meu caminho e que me incentivaram a ousar.

Aos meus pais, Bispo e Miriam, pelo incentivo e por terem se esforçado para que eu pudesse estar em lugares a que eles não tiveram acesso.

À minha irmã, Elaine, pela amizade, amor e, sobretudo, por não desistir de me fazer ver em mim aquilo que ela já havia enxergado. Sou-lhe profundamente grata por ser refúgio até mesmo quando nem sabia que o estava sendo. É um privilégio ser sua irmã.

Ao meu marido, Thiago, companheiro de mais de duas décadas e grande incentivador. Por me dar forças tanto no momento em que decidi interromper o curso quanto por me apoiar nesta retomada. Por estar sempre comigo e ser uma das vozes que insistiram em não me deixar desistir desse sonho. Pelos copos de água, pelos lanches, pelos abraços e palavras de ânimo: amar é verbo de ação.

Ao meu precioso sobrinho João: a alegria, a cor e intenso amor da vida da titia!

À minha amiga-irmã Tatiana. Por me ensinar sobre força e resiliência. Que presente a Universidade Federal Fluminense me deu!

À querida Leonor Werneck dos Santos, professora nos primeiros semestres da graduação, pelo convite para participar do seu grupo de pesquisa, o que me aproximou do texto como objeto de estudo e me permitiu participar de Jornadas de Iniciação Científica. À minha orientadora na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, agradeço por me apresentar a minha orientadora durante o Mestrado na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

À querida Andréa Rodrigues, que me apresentou à Análise do Discurso. À orientadora que me aproximou do discurso como objeto de estudo, apoiando o desenvolvimento deste projeto e, mais que isso, por ter acompanhado e respeitado o processo de autoconhecimento, crescimento e amadurecimento que percorri desde o ingresso na Faculdade de Formação de Professores (FFP/UERJ). Dotada de qualidades humanas e profissionais incríveis, pautou a relação orientador – orientando em algo além do contato burocrático / técnico, ocupando o lugar de quem aponta caminhos, mas também o de alguém que tranquiliza o ser humano ansioso que habita em mim. Agradeço por me conduzir nos mares da AD, nunca antes navegados por mim. Agradeço por tudo. Agradeço por tanto.

Às professoras Bethania Mariani e Luiza Castello Branco, por terem aceitado o convite para participar tanto da banca de qualificação quanto da de defesa, apresentando contribuições e apontamentos significativos e por dedicarem olhar e escuta de analistas do discurso que veem além do dito, do escrito, e, claro, do óbvio (como diria Pêcheux). A vocês, minha gratidão.

À minha psicóloga Taynah, por me ajudar a perceber que a vulnerabilidade é um convite à aceitação; por me fazer perceber e confrontar padrões de comportamento e crenças disfuncionais; por me fazer entender que o seguir em frente só é possível caso se enfrente – a si mesmo e às adversidades.

À minha psicóloga Flavia, por desembolar o novelo dos meus pensamentos e me ajudar a significá-los de modo mais saudável, permitindo-me tecer novas vestes e, assim, me significar de outras formas. Por me conduzir na caminhada de formação do sentir e do sentir-me, dedico-lhe minha profunda gratidão.

Às minhas amigas Jessica, Karine, Raquel, Evie, Fernanda e Daniela, que participaram mais de perto dessa caminhada no Mestrado, cheia de vírgulas, ponto e vírgulas, reticências. Agradeço as palavras de incentivo e ânimo, as risadas, os conselhos e, principalmente, as orações.

À caríssima Simone. Amiga desde o Liceu Literário Português, por me ensinar que sensibilidade é força; por me lembrar de que não me soltaria as mãos. Agradeço em especial por dedicar seu tempo para ler meu texto, mesmo com todas as demandas do doutorado.

Ao tio Nilton (*in memoriam*) e à tia Ana, por terem me contratado para o meu primeiro emprego, lá em 2002, como auxiliar em classe de alfabetização. Graças a eles que incluíram na equipe a professorinha recém-formada, consegui custear o pré-vestibular e ser a primeira da minha família a chegar à universidade pública, inaugurando um caminho que depois foi trilhado pela minha irmã. Só sei agradecer.

A Amaro, Grazi, Jorge, Larissa, Luis Caetano, aos colegas de turma que ingressaram no Mestrado comigo e a todos os que – de perto ou de longe – contribuíram para que eu chegasse até aqui, minha gratidão.

Meu sincero muito obrigada.

Em frente à casa havia uma mesa posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá; entre eles estava sentado um Caxinguelê, que dormia a sono solto, e os outros dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por sobre sua cabeça. “Muito desconfortável para o Caxinguelê”, pensou Alice; “só que, como está dormindo, suponho que não se importa.”

Era uma mesa grande, mas os três estavam espremidos numa ponta: “Não há lugar! Não há lugar!” gritaram ao ver Alice se aproximando. “Há lugar de sobra!” disse Alice, indignada, e sentou-se numa grande poltrona à cabeceira.

Lewis Carroll

Que as coisas continuem como antes. Eis a catástrofe.

Walter Benjamin

Precisamos urgentemente abrir espaços para a esperança.

Edson de Souza

RESUMO

SOUZA, A. de O. F. de. *Testemunho: a resistência do/no Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

Embasado no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa (materialista), fundada por Michel Pêcheux (1969) e reterritorializada no Brasil por Eni Orlandi, o gesto de análise empreendido na presente pesquisa se debruçará sobre o *corpus* empírico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960, de Carolina Maria de Jesus, obra considerada discursivamente como um testemunho. Assim, na montagem de nosso *corpus* discursivo, busca-se analisar processos de produção de sentidos que se constituem na relação entre a materialidade da língua e a materialidade da história. A noção de testemunho mobilizada – conforme segue estudos de Mariani (2016, 2018, 2021) – remete a um processo de “interconexão que se produziu em algum momento em dada conjuntura, entre acontecimentos históricos e vida pessoal” (MARIANI, 2021, p. 104). Testemunhar, assim, apontaria “para um relato de si que visa transmitir algo que aconteceu com um sujeito; um sujeito que enuncia a partir de uma determinada posição discursiva e sob determinadas condições históricas de produção” (MARIANI, 2018, p. 30). Na presente pesquisa, pretende-se pensar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, acionando conceitos fundamentais da Análise do Discurso materialista: discurso, formação discursiva, autoria, condições de produção, identificação, contra-identificação e desidentificação, ideologia e testemunho de resistência. Isso nos possibilitou observar que o testemunho do sujeito de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* se configura como um testemunho de resistência (MARIANI, 2018). Além disso, foram identificadas formações imaginárias das posições sujeito constituídas discursivamente, em relação ao lugar de onde fala, através de uma análise de eixos temáticos, como Fome, favela *versus* Cidade, questões de gênero, raça e política.

Palavras-chave: Quarto de Despejo. Diário de uma favelada. Análise do discurso materialista.

Testemunho. Resistência.

RESUMEN

SOUZA, A. de O. F. de. *Testimonio: la resistencia en el / del Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2022.

A partir del aporte teórico del Análisis del Discurso de línea francesa (materialista), fundado por Michel Pêcheux (1969) y reterritorializado en Brasil por Eni Orlandi (1984), el gesto de análisis emprendido en la presente investigación se centrará sobre el *corpus* empírico *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (*Quarto de despejo: Diário de uma mulher que tenía hambre*), obra de Carolina Maria de Jesus y publicada en 1960, considerado un testimonio. Así, en el montaje de nuestro *corpus* discursivo, se busca analizar procesos de producción de sentidos que se constituyen en la relación entre la materialidad de la lengua y la materialidad de la historia. La noción de testimonio movilizadora sigue estudios de Mariani (2016, 2018, 2021), situados en el campo del Análisis del Discurso materialista y remite a un proceso de “interconexión que se produjo en algún momento en determinada coyuntura, entre hechos históricos y vida personal” (MARIANI, 2021, p. 104). Testimoniar, así, apuntaría “para un relato propio que pretende transmitir algo que le pasó a alguien; un sujeto que enuncia a partir de una determinada posición discursiva y bajo determinadas condiciones históricas de producción” (MARIANI, 2018, p. 30). En la presente pesquisa, se pretende pensar *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (*Quarto de despejo: Diário de uma mulher que tenía hambre*), a partir de conceptos fundamentales del Análisis del Discurso materialista: discurso, formación discursiva, autoría, condiciones de producción, identificación, contra identificación y desidentificación, ideología y testimonio de resistencia. Esto nos permitió observar que el testimonio del sujeto de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (*Quarto de despejo: Diário de uma mulher que tenía hambre*), se configura como un testimonio de resistencia (MARIANI, 2018). Además, se identificaron formaciones imaginarias de las posiciones de sujeto constituidas discursivamente, em relación al lugar de donde habla, a través de un análisis de ejes temáticos, como hambre, favela versus ciudad, cuestiones de género, de raza y política.

Palabras-clave: Quarto de Despejo. Diário de una mujer que tenía hambre. Análisis del discurso materialista. Testimonio. Resistencia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trajetória parabólica de Carolina Maria de Jesus - antes e após publicação do livro	37
Figura 2 – Receptividade quanto à existência da fome	43
Figura 3 – Conceito de memoriável	46
Figura 4 – Processo de Assubjetivação	82
Figura 5 – Atualidade da Fome – Brasil (29 set. 2021)	87
Figura 6 – Atualidade da Fome – Brasil (9 ago. 2022)	88
Figura 7 – Atualidade da Fome – Brasil (24 jun. 2022)	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Conceituação de ideologia	30
Quadro 2 –	Tipos de testemunho	65
Quadro 3 –	Quadro de formações imaginárias – Feminino e Masculino (A)	78
Quadro 4 –	Quadro de formações imaginárias – Feminino e Masculino (B)	79
Quadro 5 –	Quadro das formações imaginárias – Racismo	83

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Análise do Discurso
CP	Condições de Produção
SD	Sequência Discursiva
FD	Formação Discursiva

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	ABORDAGEM TEÓRICA	21
1.1	Língua e Discurso	22
1.2	Sujeito, ideologia e formação discursiva	26
1.3	Autoria	31
1.4	Condições de Produção	34
2	TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA	40
2.1	Efeitos de sentido e gestos de leitura (o recorte)	47
2.2	Dos cadernos ao diário	49
2.3	Testemunha, memória e esquecimento	52
2.4	Resistência e escrita	54
2.5	Por falar de... testemunho	56
3	ANÁLISES	66
3.1	Gesto(s) – inicial(is) – de interpretação / eixos temáticos	67
3.1.1	<u>Por falar de... reticências e silêncios</u>	68
3.1.2	<u>Por falar de questões de gênero (Masculino e Feminino)</u>	73
3.1.3	<u>Por falar de racismo</u>	79
3.1.4	<u>Por falar da favela e da Cidade</u>	83
3.1.5	<u>Por falar da Fome</u>	85
	CAMINHOS E CONSIDERAÇÕES – POR UM EFEITO DE FIM	92
	REFERÊNCIAS	97
	APÊNDICES	103

APÊNDICE A – Testemunho, por Pierron (1995)	104
APÊNDICE B – Testemunho, por Lilenbaum (2007)	105
APÊNDICE C – Testemunho, por Mariani (2016)	106
APÊNDICE D – Testemunho, por Mariani (2018)	107
APÊNDICE E – Testemunho, por Mariani (2021)	109
APÊNDICE F – Discursividades	110
ANEXO A – Lista de traduções de Quarto de despejo: diário de uma favelada	112
ANEXO B – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 29/09/2021)	113
ANEXO C – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 24/06/2022)	114
ANEXO C – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 09/08/2022)	115

INTRODUÇÃO

Em 2020, a obra e o impacto de Carolina Maria de Jesus na literatura e na sociedade brasileira foram celebrados por ocasião do sexagésimo ano de publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A obra, escrita a partir da segunda metade da década de 1950 por uma mulher, negra, pobre e mãe solo detalha o cotidiano dos moradores da favela de Canindé, em São Paulo, onde Carolina Maria de Jesus residia com os três filhos.

Como destacam o historiador norte americano Robert M. Levine e o professor e historiador paulista José Carlos Sebe Bom Meihy em *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (2015)¹ – obra resultante de estudos por eles empreendidos sobre a autora, como parte do eixo temático história e literatura na América Latina – uma das peculiaridades de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, foi o fato de “no espaço de um ano [...] [ter] se equiparado, em vendagem, a Jorge Amado, e, como ele, se transformado no mais traduzido dos autores brasileiros de todos os tempos” (LEVINE; BOM MEIHY, 2015, p. 30, grifo meu).

Segundo Levine e Bom Meihy (2015), *Quarto de despejo: diário de uma favelada* alcançou mais de quarenta países. Apesar da impressionante vendagem quando da publicação da obra (o que a princípio apontaria para uma mudança radical na condição socioeconômica da autora), pode-se dizer que questões políticas (golpe militar que ocorreu em 1964, tendo como uma de suas bandeiras a exaltação da nação e empenho em restringir falares que divergissem do discurso oficial) e sociais (teor perturbador com que a luta contra a fome foi vivenciada e enfrentada pelos moradores da favela de Canindé) fizeram com que a autora vivenciasse a queda de seu prestígio em seu próprio país, tendo voltado a enfrentar condições precárias de subsistência. Diz-se “perturbador” porque, como sinaliza Patricia Lilenbaum (2007), em *Testemunho: uma breve reflexão sobre ética e estética na literatura judaica*, o testemunho muito realista causa trauma de segunda ordem no leitor / ouvinte que não conseguirá absorver a catástrofe. Assim, aquele que recebe o testemunho, ao conferir sentido ao que ouviu/leu, pode conectar-se ou não com o que foi testemunhado. Essa questão da recepção do testemunho será retomada mais adiante.

A narrativa de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, inserida no contexto de luta

¹ A obra *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, cuja primeira edição foi publicada em 1994, foi caracterizada pela crítica literária Marisa Lajolo como um estudo sistemático inaugural sobre a autora negra, de pele retinta, que ousou adentrar as portas do branco e elitista cenário editorial / literário brasileiro.

frente à marginalidade urbana e negligência política e social, foi descrita por Audálio Dantas (2014, p. 7), editor responsável pela publicação, como “uma tosca, acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida”. Assim, por meio do testemunho da rotina experimentada por ela e pelos demais moradores da favela no período compreendido entre 1955 e 1960, que envolvia, entre outras questões, o acesso precário à energia elétrica, à água, a ausência de saneamento básico, a busca por alimentos no lixo, Carolina Maria de Jesus registra o “desejo de não deixar esquecer, apagar, silenciar as violências sofridas” (FERREIRA, 2021, p. 15). Fala-se a partir de um lugar social, noção que envolve a formação ideológica e relações de poder e acaba por, nas palavras de Evandra Grigoletto (2007, p. 5, grifo meu), “determinar o seu [do sujeito] lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica”. Esse lugar social de exclusão, em que “pobreza, desemprego [...], isolamento social, amplo acesso a armas e más condições de habitação constituem o caldo da cultura do trauma” (KOLK, 2020, p. 414).

Apesar de não ser objetivo desta pesquisa se concentrar no conceito de trauma, julga-se importante incluir ponderação a respeito, tendo em vista que tal palavra marcou o século XX, período em que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi escrito e publicado. Isso porque o século passado, permeado por eventos histórico-sociais, como a *Shoah*, foi período fértil para narrativas e literatura de testemunho, “nas quais a memória traumática, apesar de tudo, tenta se dizer” (GAGNEBIN, 2006, p. 49).

Daí que *Primo Levi*, *O diário de Anne Frank*, entre outras obras testemunhais tornaram-se objeto de estudos em Análise do Discurso, gerando trabalhos como *Testemunho, acontecimento e esquecimento: shoá, alienação parental e outros casos* e *Fora do lugar: sujeito, língua, cidades*, ambos de Mariani (2021). Sendo assim, muitas das reflexões teóricas formuladas sobre o testemunho e empregadas na presente pesquisa foram construídas a partir de alguma concepção desenvolvida sobre o trauma, conceito reconhecidamente complexo.

A fim de pontuar que se trata de um vasto e profundo campo conceitual, destacam-se contribuições de Sigmund Freud, Sándor Ferenczi e Jacques Lacan, teóricos que, sob a ótica da psicanálise, elaboraram variadas formas de significar o trauma, o que aponta para a complexidade desse conceito, como destaca Ana Beatriz Favero, na Introdução de sua tese de doutorado pela PUC-Rio, intitulada *A noção de trauma em psicanálise*:

A concepção de trauma sofre mudanças nas diversas fases da construção teórica freudiana e suas diferentes acepções são discutidas desde a neurótica até a última teoria de angústia (Freud, 1926 [1925]), como também em Moisés e o monoteísmo

(Freud, 1939 [1934-1938]). Em Ferenczi, há dois enfoques: no primeiro, os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos; no segundo, as situações traumáticas colocam em risco o projeto identificatório do sujeito. Nesta última acepção, o trauma depende de uma falha na relação entre o sujeito e o outro. Valorizando a alteridade na constituição do trauma, Ferenczi se mantém fiel ao que sua clínica lhe revelava: o trauma é fundamentalmente o resultado de uma ação de um outro sobre aquele que é traumatizado. Já em Lacan o trauma é entendido como a entrada do sujeito no mundo simbólico; ele não é um acidente na vida do falante, mas constitutivo da subjetividade. (FAVERO, 2009, p. 6).

Como a variedade de concepções da noção de trauma foge ao escopo da presente pesquisa e, inclusive não é uma noção presente no primeiro plano dos estudos de Mariani sobre o testemunho (base teórica da presente pesquisa), destaca-se que a palavra trauma, neste trabalho, aparecerá: a) em citação direta de algum dos teóricos que discutem testemunho ou b) com a concepção previamente citada, apresentada em *O corpo guarda as marcas* (2020), do psiquiatra holandês Bessel van der Kolk². A obra em questão é interessante por apresentar uma concepção de trauma que, como se discutirá mais adiante, contribui com a reflexão que ora se desenvolve sobre o testemunho do/no *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Importante reforçar que, ao se empreender a análise de determinadas sequências discursivas no presente trabalho, a referida concepção de trauma será abordada de maneira tangencial.

O presente trabalho surge, então, devido a inquietações referentes à possibilidade de, discursivamente, considerar *Quarto de despejo: diário de uma favelada* um testemunho. Nossa reflexão partiu, inicialmente, da seguinte proposta formulada por Mariani (2021, p. 41): “trabalhar com relatos de violência, de acontecimentos extremos que provocam ou demarcam o rompimento com o pacto civilizatório”³. Isso porque o duelo diário contra a fome, a proximidade com a degradação (física, urbana, moral) e o preconceito são / produzem violências de diversas ordens. A partir, então, do trabalho de Kolk (2020), que assinala a existência de diversas categorias de traumas, dos quais se destacam dois: o *agudo* (onde se incluíam acontecimentos como a Shoah) e o *crônico* (onde se incluíam acontecimentos comuns ou persistentes ao longo do tempo), pretende-se analisar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que, segundo gesto de leitura empreendido na presente pesquisa, se incluiria

² Bessel van der Kolk é médico, fundador e diretor do Trauma Center, localizado em Massachusetts, além de professor de psiquiatria na Boston University School of Medicine e diretor do National Complex Trauma Treatment Network. autor do *best seller* citado, que figurou durante quase 200 semanas na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*. Iniciou há anos pesquisa com veteranos da Guerra do Vietnã, que apresentavam estresse pós-traumático.

³ Aqui, refere-se ao texto publicado no livro *Testemunhos de resistência e revolta*, de Mariani (2021) com título *Testemunho, acontecimento e esquecimento: shoá, alienação parental e outros casos*. No livro, a autora destaca que a versão deste texto publicada em 2016 na Revista Desenredo (com título *Testemunho: acontecimento na estrutura*) foi expandida, tendo passado por releituras, avanços e reescrituras. O fragmento transcrito não constava na versão inicial.

nesta última categoria.

Nosso gesto de análise se debruçará sobre o *corpus* empírico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*⁴. Para isso, embasamo-nos no aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa (materialista), fundada por Michel Pêcheux (1969) e reterritorializada no Brasil por Eni Orlandi, o que nos permitirá, por meio do recorte de sequências discursivas / enunciados na montagem de nosso *corpus* discursivo, analisar os processos discursivos em cotejo com as condições de produção em que se inscreve a obra. Em outras palavras, analisaremos os processos de produção de sentidos que se constituem na relação entre a materialidade da língua e a materialidade da história.

A noção de testemunho será mobilizada, conforme estudos de Mariani (2016, 2018, 2021), centrados na Análise do Discurso materialista. Para a autora, o testemunho remete a um processo de “interconexão que se produziu em algum momento em dada conjuntura, entre acontecimentos históricos e vida pessoal” (MARIANI, 2021, p. 104). Testemunhar, assim, apontaria “para um relato de si que visa transmitir algo que aconteceu com um sujeito; um sujeito que enuncia a partir de uma determinada posição discursiva e sob determinadas condições históricas de produção” (MARIANI, 2018, p. 30).

Na presente pesquisa, pretende-se pensar *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a partir da insistente e urgente necessidade de dizer de uma violência, bem como pelo “memoriável”: categorizado por Mariani (2021, p. 125) como “o rememorar com esquecimento”, de que se tece o testemunho.

Em se tratando de conceitos fundamentais da Análise do Discurso materialista, serão mobilizadas, entre outras, as seguintes noções: discurso, formação discursiva, autoria, condições de produção, identificação, contra-identificação, desidentificação, ideologia e testemunho de resistência, a fim de analisar enunciados formulados em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Desse modo, nosso principal objetivo é depreender e analisar os processos de produção de sentidos mobilizados discursivamente na construção de imagem (PÊCHEUX, 2014) da mulher negra e dos lugares que (não) podem / devem ser ocupados por esse sujeito

⁴ Desde o início da pesquisa, ocorreu o contato com diversas edições de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicadas pela Editora Ática. Optou-se por usar como *corpus* discursivo a seguinte edição: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ed. São Paulo: Ática, 2014. A escolha se deu por conta dos elementos pós textuais incluídos na referida edição: além de informações sobre a autora e recortes de entrevistas concedidas por ela (o que aparece em outras edições), há nas páginas finais informações que remetem a um “não deixar esquecer” e indicam que o outro foi fisgado pelo que testemunhou: o testemunho de Carolina Maria de Jesus foi transformado em marchinha de carnaval, peça teatral, documentário, programa de televisão brasileiro e filme adaptado para os telespectadores alemães.

diante da formação social brasileira nas condições de produção em que a obra foi escrita. Retomando Pêcheux (2014, p. 147), busca-se analisar formações discursivas, “aquilo que, numa formação ideológica dada [...] determinada pelo estado da luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*”. E, ainda, observar se / de que modo se constitui o gesto de resistência desse sujeito frente a imagens sociais que circulam sobre pobres, negros, favelados, moradores de rua, vistas, na presente pesquisa, como violências de diversas ordens / acontecimentos com potencial de gerar trauma do tipo crônico, como formulado por Kolk (2020).

Por meio de uma análise de diferentes posições sujeito e diferentes efeitos de sentido potencialmente produzidos em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, pretende-se: a) observar na obra de Carolina Maria de Jesus o testemunho de uma mulher negra na sociedade brasileira, paulista, urbana, da década de 1960, que tem o intenso desejo de contar, de contar-se e contar para os outros o que era viver na favela de Canindé, incluindo a situação de pobreza/miséria e a rotina de escassez e fome (situações indignas a que os moradores estavam submetidos e postos em condição limítrofe entre serem considerados / se considerarem animal ou humano), em um movimento de resistência que visa relatar para não esquecer / deixar esquecer, e b) refletir sobre o “acontecimento Carolina”: mulher negra que adentrou o espaço letrado androcêntrico, burguês e branco, emergindo do lugar social a que estava constantemente restrita.

Isso porque, entendendo acontecimento como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2015, p. 16) e acontecimento discursivo como uma “emergência [...] de uma posição enunciativa nova que reconfigura o discurso e através deste participa do processo de produção do real histórico” (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 51), trazemos o seguinte questionamento: o testemunho de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* teria produzido novos processos de significação por meio da ruptura?

No primeiro capítulo da presente dissertação, se apresenta um breve panorama da Análise do Discurso materialista, teoria construída a partir de deslocamentos propostos por Michel Pêcheux (2014; 2016a)⁵ a partir de contribuições da Linguística, Psicanálise e

⁵ A menção ao ano de textos de Bethania Mariani, ao longo desta dissertação oscila devido ao fato de que, apesar de o livro *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em Análise do Discurso*, publicado em 2021, conter um apanhado dos estudos da autora sobre testemunho, ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, iniciada em 2018, foram realizadas leituras de versões prévias dos referidos textos. Essas publicações prévias são citadas em alguns trechos. Destaca-se que, ao final de cada texto do livro *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em Análise do Discurso*, a autora menciona que dado texto já havia sido elaborado e divulgado (seja em outros livros, seja em revistas, seja em apresentação em eventos).

Marxismo. Em seguida, algumas noções fundamentais para a Análise do Discurso materialista, como sujeito, ideologia e formação discursiva, serão trabalhadas, dada sua importância para o gesto de análise ora empreendido.

O segundo capítulo aborda noções de testemunho presentes em outras áreas de conhecimento e, na sequência, expõe a formulação teórica proposta por Mariani (2016, 2018, 2021). Trata-se de etapa relevante para esta pesquisa, uma vez que os recortes de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* que compõem o *corpus* de análise são realizados a partir desses estudos. Também figurarão, neste caminho de análise, os conceitos de memória e resistência, além de um estudo a respeito da forma como a noção de memoriável, cunhada por Mariani (2016), é essencial para a compreensão de questões referentes à impossibilidade de tudo dizer e tudo lembrar ao remeter à tensão entre lembranças e esquecimentos, aos furos na memória. Como consideramos importante tratar, ainda que brevemente, sobre discussões acerca da (não) caracterização de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como literatura, este capítulo contém uma exposição do seguinte fio: o processo de escrita (folhas e cadernos) até a publicação do diário, bem como as condições de produção da obra, além de trazer algumas leituras realizadas sobre o conceito de resistência em Análise de Discurso.

No capítulo dedicado aos gestos de leitura e interpretação, mostraremos a relação de batimento teoria x análise, destacando o que se observou no aparato teórico e as reflexões acerca das sequências discursivas recortadas⁶. O objetivo deste terceiro capítulo, então, é mostrar atravessamentos da história na língua e a produção de sentidos, a partir da busca por analisar o funcionamento da linguagem e os movimentos de (des)construção / manutenção de sentidos. Além disso, retomaremos as noções de sujeito: da ideologia (cheio de contradições), do inconsciente (manifesto em lapsos, falhas e chistes) e do discurso (sujeito ao equívoco / à falha).

O quarto e último capítulo aponta para a necessidade de ampliar reflexões acerca do testemunho de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, como forma de pensar discursividades sobre o político e, de alguma forma, observar de que modo no discurso o sujeito significa a si e aos outros ao mesmo tempo em que por ele(s) é significado, apontando

⁶ Nesta etapa introdutória convém indicar que o *corpus* empírico da presente pesquisa é, como se destacou em nota anterior, o seguinte: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Em nota, os editores sinalizam que “esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo” (n.p.). Na presente pesquisa, então, os “desvios normativos” são entendidos como um indicador do modo como o povo vive / habita a língua e sente através dela.

mudanças/permanências dos discursos por/sobre o feminino e, especial, o feminino negro.

1 ABORDAGEM TEÓRICA

Ao longo deste capítulo, pretende-se indicar a abordagem teórica a partir da qual a análise de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* proposta neste estudo se dará. Ao situar os aportes metodológicos e teóricos – sem pretensão de esgotar o tema –, serão acionados alguns dos conceitos entendidos como basilares para a análise que se propõe.

A perspectiva teórica adotada nesta pesquisa será a da Análise do Discurso materialista, de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux, teoria que coloca “em relação [...] o campo da língua [...] e o da sociedade apreendida pela história” (GADET; HAK, 2014, p. 8) e permite a compreensão do processo de produção de sentidos.

Tendo surgido no auge do estruturalismo, apresenta-se como uma ruptura ao pensamento linguístico vigente à época, que valorizava a forma e tratava a linguagem como transparente, excluindo deliberadamente o sujeito. Como pontua Ferreira (2003, p. 24), a Análise do Discurso “nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente”. A Análise do Discurso materialista propõe-se, então, a estabelecer uma relação crítica a partir da identificação de brechas e contradições nessas ciências.

Não se trata, portanto, de considerar a Análise do Discurso materialista uma abordagem transdisciplinar que se instrumentaliza de outras disciplinas, mas uma “disciplina de entremeio”, em que a noção de deslocamento se faz tão importante, uma vez que conceitos de várias disciplinas foram reterritorializados numa teoria que se propõe a pensar o discurso, seu objeto teórico. Pêcheux (2014, p. 81) ao analisar o esquema comunicativo proposto por Jakobson insere a noção de discurso como “efeito de sentido entre os pontos A e B [...] [em] que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social” e nas palavras de Orlandi (2017, p. 16): “efeito de sentido entre locutores”. Constitui-se, assim, como algo a ser construído e não como uma mera transmissão de informações, tal qual apontava o esquema formalista.

O postulado da Análise do Discurso não se limita a uma captura de conceitos oriundos de outros campos do saber, mas os desloca e ajusta, permitindo a análise de questões discursivas, tendo em vista o eixo língua-história-sujeito na construção de sentidos.

Antes de passarmos propriamente ao batimento entre materialidade linguística e materialidade histórica, apresentaremos importantes conceitos, tais como ideologia, sujeito, condições de produção, discurso, testemunho, memorável, entre outros que serão acionados

nessa busca por compreender a produção de sentidos do/no *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

1.1 Língua e Discurso

Para a Linguística, a língua consiste em um conjunto de unidades que obedecem a princípios de funcionamento internos, sendo formada por elementos coesos e que funcionam a partir de regras estruturais estabelecidas no interior do próprio sistema e compartilhada pelos usuários. É nessa perspectiva que a língua se estabelece enquanto objeto de estudo da Linguística, permitindo que esta se constitua como disciplina autônoma.

A noção de língua da Análise do Discurso materialista se estabelece a partir de um deslocamento da noção proposta pela abordagem estruturalista. Uma das clássicas dicotomias propostas é a da linguagem como um objeto duplo, composto por *langue/parole*. Ao se propor um estudo imanente da língua, a abordagem saussuriana exclui efetivamente a fala do estudo da linguística e, conseqüentemente, desconsidera o falante, ocupando-se a descrever a estrutura da língua a partir de relações internas. Não há espaço para a figura do sujeito, nem para a história.

Paul Henry, em *Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969)* (2014), destaca que, para Pêcheux faz-se necessário romper com a concepção de que a linguagem se reduz a um instrumento de comunicação de informações como se a relação linguagem/pensamento/mundo funcionasse de maneira transparente e unívoca. Retomando Pêcheux, Orlandi (2013, p. 21) destaca que “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. Tal entendimento sinaliza a estreita ligação identificada por Pêcheux entre a prática política e o discurso. Assim, ao escolher “o discurso e a análise do discurso como o lugar preciso onde é possível intervir teoricamente” (HENRY, 2014, p. 25), Pêcheux aponta para o discurso como sendo o lugar onde “estão apagadas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção” (HENRY, 2014, p. 26) e onde pode ser observada a relação entre ideologias e as práticas políticas.

Em *A fronteira ausente (um balanço)*, Pêcheux (2016b, p. 321) apresenta discurso “não apenas como ‘documento’ em que são depositados os germes de uma ciência ou os rastros das existências, mas também como ‘monumento’ [...] objeto singular de linguagem,

singularidade de uma situação histórica, singularidade de uma existência”. Essa concepção remete ao duplo do discurso: ao interno e ao externo; ao dizível e ao indizível.

De acordo com Suzy Lagazzi-Rodrigues (2017, p. 159), o objeto teórico da Análise do Discurso vem “movimentando as fronteiras disciplinares e inquietando as posições estabelecidas a partir de fundamentos epistemológicos distintos, mas estranhamente familiares”. Tal familiaridade estranha advém do fato de que

as fronteiras da Análise do Discurso não apontam para o fechamento, abrindo sempre um espaço para a alteridade, para a diferença, para o novo. As análises não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação, da mesma forma que os conceitos-chave da teoria estão sempre se movimentando, reordenando, se configurando, a cada análise. (FERREIRA, 2003, p. 43).

Isso porque o conceito de discurso, objeto da Análise do Discurso, foi sendo construído e reformulado conforme a própria teoria também ia se construindo (GADET; HAK, 2014, p. 7). Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (2016a) sinaliza que apesar de o sistema linguístico ser o mesmo para o materialista e para o idealista, isso não implicará que esses personagens diversos tenham o mesmo *discurso*: “a língua se apresenta, assim, como a base comum de *processos discursivos diferenciados*” (PÊCHEUX, 2016a, p. 81).

Essa base linguística compreende as normas e leis internas da língua e a noção de processos discursivos remete à produção de sentidos, justamente porque há de se considerar a materialidade histórica que vai determinar os sentidos. Daí que a base material do discurso seja a língua.

A partir dessa intersecção entre língua, história e sujeito como elementos não transparentes, não autônomos e não imanentes, a Análise do Discurso materialista os entende como opacos e sujeitos ao equívoco:

Com a linguística ficamos sabendo que a *língua* não é transparente; ela tem sua ordem marcada por sua materialidade que lhe é própria. Com o marxismo ficamos sabendo que a *história* tem sua materialidade: o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente. Finalmente, com a psicanálise é o *sujeito* que se coloca como tendo sua opacidade: ele não é transparente nem para si mesmo. (ORLANDI, 2017, p. 15, grifo meu).

Assim, nas palavras de Ferreira (2003, p. 42), a língua para a Análise do Discurso materialista é a “língua da indefinição, do direito e avesso, do dentro e fora, da presença e ausência, onde há espaço para a diferença e o novo”, que torna possível a um só tempo tanto a comunicação quanto a não comunicação (PÊCHEUX, 2016a), já que os sentidos não estão

atrelados às palavras em si, mas são / estão constituídos por fatores como processos sócio-históricos, condições de produção, formação discursiva, entre outros, que retiram a centralidade de um sujeito que seria fonte do sentido e do seu dizer.

Gadet *et al* (2014) sinalizam, em *Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969*, que Pêcheux chega ao conceito de língua a partir do qual formula a noção de discurso ao efetuar remanejamentos, com base nas proposições linguísticas / teóricas existentes na época (a saber: estruturalismo linguístico de Saussure, a gramática gerativa, de Chomsky, a enunciação, de Benveniste, entre outras). Segundo os autores, “[...] em Jakobson MP [*Michel Pêcheux*] encontra aberturas ou proposições para ampliar os limites da linguística [...]. Explica-se desse modo a retomada da reformulação do célebre esquema da comunicação” (GADET *et al.*, 2014, p. 45, grifo meu). Pêcheux, então, em sua proposta de *Análise automática do discurso (AAD-69)*, promove um deslocamento desse esquema, ao entender a complexidade do processo de significação, que envolve não apenas sujeitos, mas sentidos afetados pela história e pela língua. Dessa forma, a definição de discurso é vista como efeito de sentido entre “elementos A e B”, que designam “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 2016a, p. 81).

Assim, o sujeito fala – sempre – interpelado pela ideologia, que o posiciona em um lugar em conformidade com a(s) filiação(ões) ideológica(s) e com a identificação a dada formação discursiva (FD). Considerando que para a Análise do Discurso, o sujeito – e seu dizer – não parte de um lugar de neutralidade, mas resulta da interpelação ideológica, identificamos em sequências discursivas (SDs) de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a tomada de posição e produção de dizeres a partir da (des)identificação do sujeito com dada formação discursiva inscrita na história.⁷ Vejamos a [SD1]:

[SD1]: 27 de dezembro [de 1958]

... Eu cancei de escrever, adormeci. **Despertei com uma voz chamando Dona Maria.** (JESUS, 2014, p. 147, grifo meu).

[SD2]: **Fiquei quieta, porque não sou Maria.** A voz dizia:

– Ela disse que mora no numero 9.

Levantei de mau humor e fui atender. (JESUS, 2014, p. 147, grifo meu).

Ora, os sentidos não residem nas palavras / no interior da língua. Melhor seria pensar

⁷ Como os conceitos de ideologia, interpelação, formação discursiva e sequência discursiva são fundamentais para a perspectiva teórica a partir da qual se desenvolverá a presente análise, mais adiante se discorrerá sobre tais noções.

que o sujeito habita a língua. Ele habita essas produções de sentido – que o antecedem. Assim, é pertinente afirmar que os sentidos não são pré-existentes mas construídos e suscetíveis à variação conforme se realize um movimento entre FDs ou, ainda, no interior delas. Pode-se observar que os sujeitos das sequências discursivas 1 e 2 (SD1 e SD2) encontram-se inscritos em FDs distintas. Para a formação discursiva identificada com a classe dominante a que estava inscrito o sujeito que chamava à porta, poderia não haver diferença chamar “Maria” ou “Carolina” (já que ambos integram o nome de batismo da interlocutora). Mas para a FD em que se inscreve a moradora do número 9 – FD em relação de aderência a classes dominadas –, o chamamento a afeta, apresentando, sim, um sentido diferente.

Segundo Orlandi (2013, p. 15) a Análise do Discurso materialista se preocupa em “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” e o discurso, seu objeto teórico possibilita isso ao constituir efeito de sentido entre interlocutores, conforme propõe Pêcheux.

Do latim *discursus*, o termo carrega a ideia de (per)curso e conseqüentemente a ideia de movimento, de algo que vai de um lugar a outro, que ocorre no entre. Para a Análise do Discurso materialista, discurso não se trata de um mero conjunto de sentenças, mas de um caminho para observar as relações entre o homem e o mundo que passam pelo simbólico e pelo imaginário. Assim, o objeto teórico da Análise do Discurso materialista consiste na mediação entre homem e a sociedade, viabilizando sua manutenção ou seu deslocamento. Para tanto, a Análise do Discurso materialista considera os processos/condições de produção da linguagem, ao relacioná-la à exterioridade, por meio da relação entre língua, sujeitos e as situações em que esse dizer se constrói (ORLANDI, 2013).

Justamente por não se limitar a uma abordagem que exclua a historicidade tampouco a uma que se ancore numa concepção de linguagem transparente (Ciências Sociais), a Análise do Discurso materialista trabalha com o discurso, objeto sócio-histórico atravessado pela linguagem e interroga como a ideologia se manifesta no linguístico ao observar de que maneira “a linguagem está materializada na ideologia” (ORLANDI, 2013, p. 16). Assim, o discurso é espaço onde se observa a relação língua-ideologia na produção de sentidos.

Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise do Discurso materialista não pretende responder a pergunta “o que quer dizer este texto?”. Posto que entende a linguagem como não transparente e dada a concepção de sujeito sob a qual tece suas análises, o enfoque materialista do discurso considera que há variadas formas de significar. A pergunta da Análise do Discurso materialista seria “como esse texto significa?” (ORLANDI, 2013, p. 17). Isso porque o concebe em sua discursividade, produzindo conhecimento a partir de sua

materialidade simbólica própria e significativa (ORLANDI, 2013).

1.2 Sujeito, ideologia e formação discursiva

Gadet e Hak (2014, p. 9) sinalizam que “é impossível a Análise do Discurso sem sua ancoragem em uma teoria do sujeito”. Mas de que sujeito se está falando? Para as ciências sociais e a linguística o sujeito é considerado estável, homogêneo e centrado, mas a Análise do Discurso aborda o sujeito de outro modo.

Luciene Jung de Campos e Raquel Alquatti, na Edição ampliada do *Glossário de Termos do Discurso* (2020) citam, no início do verbete “sujeito”, a versão formulada por bolsistas de iniciação científica para a edição anterior do Glossário, publicado em 2001, a saber

resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso. Como diz Leandro-Ferreira (2000) ele estabelece uma relação ativa no interior de uma dada FD; assim como é determinado ele também a afeta e determina em sua prática discursiva. Assim, a incompletude é uma propriedade do sujeito e a afirmação de sua identidade resultará da constante necessidade de completude. (JUNG; ALQUATTI, 2020, p. 281).

Sendo assim, o sujeito passou a ser visto como descentrado (ilusão de estar no centro de seu dizer), clivado (não é uma entidade homogênea) e efeito de linguagem (posto que as formas de linguagem por ele enunciadas, na verdade, o enunciam). A esse respeito, Henry (2014) afirma o seguinte:

o sujeito para Althusser é o sujeito da ideologia, e não há outro sujeito senão este da ideologia. [...] O objetivo de Lacan é renovar a psicanálise e seu sujeito é aquele do inconsciente estruturado como linguagem. A linguagem é a condição do inconsciente, aquilo que introduz para todo ser falante uma discordância com sua própria realidade. [...] e é aí que chegamos ao âmago daquilo que tem de ver com Pêcheux: as relações entre a linguagem e a ideologia. (HENRY, 2014, p. 34-36).

A noção de sujeito tecida pela Análise do Discurso materialista se estabelece, assim, como uma categoria dividida, em que o sujeito do inconsciente (que se manifesta nos lapsos, atos falhos, chistes) e o sujeito ideológico (relacionado à noção de assujeitamento) são constituídos pela linguagem.

A noção de sujeito do inconsciente se formula a partir da leitura que Jean Jacques Lacan faz da obra de Freud, ao entender que a linguagem materializa formulações do inconsciente; daí o conhecido aforismo “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Além disso, o psicanalista cujos estudos têm grande impacto para a Análise do Discurso também promoveu uma reterritorialização da noção de significante / significado, proposta por Saussure: ao invés de entender significante como imagem acústica, propõe que não há equivalência única / direta entre significante e significado. Assim, chega-se à noção de primazia do significante sobre o significado e dela decorre a importante relação entre significante e o sujeito do inconsciente, pois a partir dela se distingue o “eu” e o sujeito do inconsciente: o primeiro é o que assume palavra, e em cuja fala ocorrem atos falhos, lapsos; o segundo é o que justamente leva aos tropeços na língua, esquecimentos, troca de palavras/sílabas... Nesses atos falhos é que se manifestam verdades do inconsciente e, por meio deles se aponta para uma verdade, uma verdade do inconsciente, para desejos do inconsciente.

Outro aspecto importante para a concepção do sujeito na Análise do Discurso materialista está em não partir de uma análise de sujeitos empíricos; com isso, não importa o que a pessoa/indivíduo é, mas como ela se produz discursivamente. Trabalha-se com a noção de posição-sujeito, a partir da qual o sujeito dotado de pulsões e sujeito ao inconsciente se posiciona, na ilusão de gozar controle do que diz e, nesse descentramento, se dão os lapsos, atos falhos, trocadilhos e esquecimentos, constituintes da língua e do sujeito. A peculiaridade e complexidade desse sujeito residem no fato de que discursivamente se trata de uma determinação ambivalente do sujeito: uma na ordem do interior/inconsciente e outra do exterior/ideologia.

A noção de sujeito (cuja forma é afetada por duas instâncias sobre as quais o sujeito não possui controle: ideológica e psicanalítica) deve ser vista como “lugar problemático, que deve ser constituído”, como pontuam Gadet e Hak (2014, p. 9) no prefácio de *Por uma Análise Automática do Discurso*. A constituição ideológica do sujeito advém da noção althusseriana de que a prática só existe através da ideologia e esta só existe pelo/para o sujeito. Daí a noção de assujeitamento em Althusser (1996), segundo a qual “o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para livremente submeter-se às ordens do Sujeito, para aceitar, portanto (livremente), sua submissão”. O entendimento de que o sujeito é interpelado pela ideologia envolve o assujeitamento, que consiste em “ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos” (FERREIRA, 2003, p. 43). A interpelação pela ideologia se dá por meio das práticas discursivas.

Pêcheux (2016a) trabalha, ainda, com a noção de que o indivíduo é interpelado em sujeito do discurso mediante sua identificação com a FD que o domina, o que é afetado pela ideologia. Assim, a noção de sujeito refere-se a uma posição, em que o modo como o sujeito formula / articula o discurso o situa frente à FD que o domina e na qual existe algum tipo de mobilidade, por meio da dinâmica de identificação / desidentificação / contraidentificação.

Para formular esses conceitos, Pêcheux empreende uma “abordagem teórica materialista do *funcionamento das representações e do pensamento nos processos discursivos* (PÊCHEUX, 2016a, p. 115, grifo do autor), já que para ele, é necessário observar o processo de identificação do sujeito com aquilo que o representa. A esse respeito, Orlandi (2017) acrescenta que o processo de interpelação do indivíduo em sujeito se dá por meio da identificação deste sujeito do discurso com a FD que o domina. É, portanto, a partir dessa identificação que o sujeito ocupa uma posição e fala a partir dela. O funcionamento do sujeito no discurso está atrelado à noção de FD.

Como Orlandi (2017, p. 20) destaca, “formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas” e uma vez que o sujeito, no discurso, é afetado pela ideologia e dividido pelo inconsciente, a posição em que cada sujeito está inscrito se relaciona à sua identificação com dada FD distinta e é exatamente essa identificação o parâmetro que regula aquilo que pode e deve ser dito em dada situação. Assim, ao processo em que o sujeito do discurso se identifica com a FD dominante estabelecida pelo interdiscurso (memória discursiva, saber, “todo o dizer já-dito”), dá-se o nome de, em palavras de Pêcheux, identificação.

Além do “bom sujeito” (que se identifica, discursivamente com dada FD), existe o sujeito que se opõe / se distancia do que é posto como evidência do efeito ideológico; trata-se do “mau sujeito”, o que se contraidentifica. Indursky (2008, n.p.) caracteriza o “mau sujeito” como “aquele que se identifica, mas com reservas, com distanciamento, com questionamento, com dúvidas”.

Ademais dessa dicotomia “bom sujeito” x “mau sujeito”, Pêcheux apresenta o processo de desidentificação, caracterizado por “uma tomada de posição não-subjetiva”, que conduz ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito (PÊCHEUX, 2016a, p. 201). Com isso, não se pode dizer que o sujeito estaria livre de ser afetado pela ideologia, mas que se desidentificou da forma sujeito que representa dada FD, identificando-se a outra.

Consoante Tyrza Garcia (2003, p. 133) destaca, a forma-sujeito corresponderia à “categoria analítica que remete ao lugar discursivo de onde se fala, à perspectiva ou posição hegemônica de uma formação discursiva à qual um sujeito necessariamente se filia”. Sobre a

noção de sujeito, importante destacar que a análise ocorre em termos de “posições sujeito”, considerando que o sujeito ocupa diferentes posições discursivas. Assim, a noção de sujeito na Análise do Discurso trata de uma posição sócio-histórico-ideológica assumida no discurso.

O conceito de ideologia consiste em um tópico importante na abordagem da AD, que estabelece relação estreita entre linguagem e ideologia. Em *Introdução à Análise do Discurso*, Brandão (2012) apresenta uma breve trajetória de significação deste termo. Segundo a autora, a concepção de ideologia proposta por Marx e Engels considera a relação entre condições socio-históricas e as ideias produzidas, associadas a uma relação de classes, em que a dominante, usa todo o aparato de que dispõe, para produzir suas ideias de modo a fazer com que sejam assimiladas como ideias de outros, também. Nesse processo, de criação e venda de uma ilusão, fornecem-se normas e regras que guiarão não apenas o quê, como o *fazer-sentir-pensar* dos indivíduos. Essas normas e regras constituem a ideologia da classe dominante.

De acordo com Brandão (2012), as reflexões apresentadas por Althusser em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* apontam para formas de reproduzir / reafirmar as condições que viabilizam o modo de produção dominante, visando garantir sua manutenção. Nesse sentido, atua o Estado a fim de assegurar a dominação da classe dominante sobre a dominada, mediante a exploração capitalista. Ao analisar o ensaio de Althusser, a autora discorre sobre a atuação do Estado, que se materializa por Aparelhos Repressores e por Aparelhos Ideológicos de Estado. O primeiro se constitui das instituições que funcionam prioritariamente por meio da violência, tais como unidades militares e policiais, órgãos de juízo e punição, como tribunais e presídios. Os Aparelhos Ideológicos de Estado, por sua vez, se constituem de instituições como escola, religião, família, sindicatos, órgãos políticos, jurídicos, de cultura e informação.

Althusser (1996, p. 117) sinaliza que os Aparelhos Ideológicos de Estado são importantes no processo de manutenção/desconstrução das relações de produção:

Ao que sabemos, nenhuma classe é capaz de deter o poder estatal por um período prolongado sem, ao mesmo tempo, exercer sua hegemonia sobre e dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado. [...] [que] podem ser não apenas o alvo, mas também o lugar da luta de classes, e, frequentemente, de formas encarniçadas de luta de classes. [Nos AIE], a resistência das classes exploradas é capaz de encontrar meios e oportunidades de se expressar ali, seja utilizando as contradições que ali existem, seja pela conquista de posições de combate dentro deles, na luta. (ALTHUSSER, 1996, p. 117, grifos meus).

A partir da teoria das ideologias, tecida por Marx, Althusser (1996, p. 124) busca traçar uma teoria da ideologia em geral e não mais “uma teoria de ideologias particulares, que,

seja qual for sua forma (religiosa, ética, jurídica, política), sempre expressam posições de classe”. Essa teoria da ideologia em geral se constrói a partir de 3 teses:

Quadro 1 - Conceituação de ideologia

Ideologia		
Tese I	Tese II	Tese III (Central)
Representa a relação imaginária dos indivíduos com suas reais condições de existência	Tem existência material	Interpela os indivíduos em sujeitos

Fonte: Teses de Althusser, 1996.

Considerando que o homem atua por meio do simbólico e do imaginário, a Tese I indica que “na ideologia, ‘os homens representam para si mesmos suas condições reais de existência sob forma imaginária’” (ALTHUSSER, 1996, p. 126). Da Tese II, infere-se que ideologia, em realidade, se constitui em sua prática ou práticas. Daí que se caracterize sua existência como material. Essa materialidade aparece ainda nos atos do sujeito, relacionados a práticas e rituais materiais definidos pelos AIE de onde “derivam as ideias desse sujeito” (ALTHUSSER, 1996, p. 126). Assim, chega-se à Tese III, a partir da qual Pêcheux entende a ideologia para os estudos de AD: a ideologia interpela indivíduos em sujeitos (PÊCHEUX, 2016a, p. 165). O indivíduo é interpelado em sujeito quando “se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos” (BRANDÃO, 2012, p. 26).

Para Pêcheux (2016a, p. 146), não há sentido *a priori*; sua construção se dá a partir das posições (ideológicas) em que os sujeitos estão inscritos no momento da enunciação. O sentido, então, das palavras, expressões se constrói em referência às posições ideológicas. Nessa perspectiva, insere-se o conceito de FD: aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 2016a, p. 147).

Pensar sobre o sentido, então, requer que se considere a noção de ideologia e a de sujeito. Dessa forma, em cada FD variam as relações estabelecidas entre palavras / expressões / proposições de mesma FD. Isso inviabiliza que se fale em transparência de sentidos das palavras, uma vez que *a)* seu sentido cambia conforme mudem as formações ideológico-discursivas dos sujeitos que as empregam e *b)* no interior de uma mesma FD, palavras / expressões / proposições que “literalmente diferentes podem [...] ter o mesmo sentido” (PÊCHEUX, 2016a, p. 148).

Tendo em vista essas características do processo de significação, o conjunto de relações (parafrásticas, sinonímicas, substitutivas) entre palavras/expressões/proposições em

uma dada FD será considerado processo discursivo.

1.3 Autoria

Nesta subseção, se pretende discorrer sobre a questão da autoria para os estudos em AD. Posteriormente, objetiva-se conduzir a reflexão sobre o que se apresentou na Introdução como “acontecimento Carolina” na presente pesquisa, a saber: a entrada de uma mulher negra num espaço oligárquico, androcêntrico, branco e machista, por excelência. Assim, será possível tecer comentário sobre quem (não) podia / deveria ser autor no contexto urbano paulista da década de 1960.

Lagazzi-Rodrigues (2017) se propõe a pensar sobre o que é texto e sinaliza que esta pergunta vem sendo retomada ao longo do tempo, sob diferentes perspectivas. Para começar o percurso de construção deste conceito – para ela diretamente relacionado à noção de autoria –, vale-se da análise do enunciado *On a gagné* (em português, “ganhamos”) contida em *O discurso: Estrutura ou Acontecimento*, por meio da qual Pêcheux opõe formulações com respostas “sim” ou “não” (aparentemente suscetíveis a resposta unívoca) às proposições que remetem à equívocidade. Importante frisar que equívoco está sendo concebido não como sinônimo de erro, mas como constitutivo da linguagem, uma vez que, como destaca Orlandi (2017, p. 92) “as palavras, em funcionamento, são sempre passíveis de sentidos contraditórios, de diferentes interpretações, porque os fatos se formulam como razões distintas para as pessoas.”

A partir da teoria psicanalítica de Lacan, que propõe a primazia do significante sobre o significado em relação ao signo – diferente do proposto no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand Saussure que tomava o significante como contraparte do significado –, foi possível descolar pensamento e significado e “o texto pode ser pensado como um espaço de possibilidades relacionais, e não mais como um conjunto de ideias do autor” (ORLANDI, 2007a, p. 96).

Assim, pode-se dizer que o conceito de autoria envolve um eterno “lutar com palavras” – retomando Drummond de Andrade, no poema *O Lutador* – uma vez que não há relação direta entre forma e conteúdo, o modo de dizer produzirá diferentes sentidos. No emprego do / no trabalho com o significante, associado à equívocidade da linguagem, a autoria se produz, “delimitando textos. Um trabalho em que as condições de produção são

determinantes” (ORLANDI, 2017, p. 97).

Solange Gallo (2020), no *videobete* *Discurso de escrita e efeito autor*, disponibilizado no canal enciDIS-UFF, no Youtube, diz que os sujeitos sempre exercem autoria em certa medida – já que o sujeito não está na origem de seu dizer – ao assumirem uma posição em discurso. Seus dizeres vão ao encontro das reflexões de Orlandi:

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). [...] Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isso se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. (ORLANDI, 2013, p. 40).

A autoria, assim, está ligada ao modo de historicização do sujeito, ao modo como ele inscreve sua formulação no interdiscurso, ao modo como ele faz a tomada de posição de autor, produzindo interpretações que se relacionam à forma como esse sujeito se historiciza.

Michel Foucault defende a tese da “morte do autor”, que se afasta da abordagem conteudista que se ocupa em pensar no que o autor pretendeu / quis dizer. Trata-se de não mais se deter nas “características individuais daquele que escreve”. Pelo contrário, ao pensar autoria, Foucault fala em função autor, que consiste em “retirar ao sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso” (FOUCAULT, 1992, p. 70). Para ele, a função autor se constitui uma das possibilidades para a função sujeito. Ao indicar a “morte do autor”, contudo, não se trata de negar sua existência, mas de compreender que se trata de uma função autor, o que desloca a noção de autor de uma concepção permeada por nuances intrínsecas ao indivíduo para situá-la em relação à história e ao exterior.

Orlandi (2007a) destaca a correlação entre sujeito/autor e discurso/texto, ao sinalizar que, uma vez que a noção de autor é uma função da noção de sujeito, está presente sempre que “o produtor da linguagem se apresenta na origem, produzindo texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim” (ORLANDI, 2007a, p. 69). Com isso, não se pode pensar a função autor sem se assumir que o sujeito, ao se representar no lugar de autor, assume tal posição, já que

há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias. (ORLANDI, 2013, p. 73).

Lagazzi-Rodrigues (2017) também defende que, no processo de escrita, apagam-se características individuais de quem escreveu. Com isso, a escrita não seria a materialização da expressão interior de quem escreve, trata-se de um sujeito em sua função discursiva de autoria; trata-se de uma posição.

A abordagem materialista do discurso trabalha com a noção de que os sentidos se produzem na relação sujeito-escrita, escritor-texto e as formas significantes numa construção processual (não definida a priori). A imagem de funcionamento de sujeito autor está, então, constituída pelo social, pelo histórico e pela memória do dizer.

Nesse sentido, o autor se constitui no texto e o texto constitui o autor. Esse processo ambivalente se dá por meio da responsabilização do sujeito tanto pelo que foi dito quanto pelo que foi silenciado, o que não ocorre num ato de voluntarismo, mas como parte de um processo no qual figuram autor e leitor. Assim, um sujeito inscrito na cultura e posicionado sócio-historicamente pode assumir autoria, bem como o leitor também está afetado por sua inscrição socio-histórica (ORLANDI, 2013, p. 76).

Cabe destacar o que Orlandi (2017, p. 102) considera assunção de autoria: colocar-se na origem de seu dizer – como uma prática e não como gesto de vontade –, trabalhando a dinâmica interioridade (identidade como autor, que implica um dizer com começo, meio e fim) / exterioridade (àquilo a que deve se referir).

Gallo (2020), no videoverbete *Discurso de escrita e efeito autor*, fala sobre a pesquisa que realizou no mestrado, com orientação de Eni Orlandi e que culminou no livro *Discurso da escrita e ensino*, em que destaca o movimento de assunção de autoria, o qual envolve que o sujeito se represente como tal, que se coloque neste lugar, que ocupe essa posição. Quando nos voltamos ao sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, vemos que não apenas acredita-se autor, como se sente autor. Vejamos as sequências discursivas a seguir:

[SD3]:

... Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2014, p. 39, grifo meu).

[SD4]:

- Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprimem o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isto eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. (JESUS, 2014, p. 133, grifo meu).

[SD5]:

... Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolveu os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução da sua obra. (JESUS, 2014, p. 154, grifo meu).

Nas sequências discursivas [SD3], [SD4] e [SD5], o sujeito autor de *Quarto de*

despejo: diário de uma favelada se autoafirma poetisa (“sou poetisa”), em que o uso do verbo de ligação “ser” junto ao predicativo “poetisa” fala desse sujeito que se atribui o estado permanente⁸ de ser poeta e ao se ver nessa posição, reconhece a necessidade de coragem para enfrentar os perigos de sua atuação que podem envolver o enfrentamento da morte, tal seu envolvimento com o sentir-se autora. O dizer “meu livro” reforça a assunção de autoria, uma vez que trata da forma como o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* já se refere aos seus escritos: não se tratava de um registro como o de diários pessoais, que, muitas vezes ficam nas gavetas dos donos e só tendem a ser lidos por terceiros após o falecimento de quem os escrevia.

Na [SD5], parece-nos que, retomando o atributo que o sujeito confere a si mesmo na [SD3] (“sou poetisa”) e a quebra da expectativa sinalizada na [SD4] (no Brasil, sua obra não é publicada devido a fatores socioeconômicos, mas nos Estados Unidos da América, isso não seria um impedimento) fala da tristeza sentida por sua obra não ter sido recepcionada pelos editores americanos.

O poeta, que desafia a morte ao escrever, encontra-se ferido, esbofeteado e mutilado com a devolução de sua obra. No gesto de leitura que se empreende, a tristeza de que o sujeito autor fala parece remeter ao que Lilenbaum (2007) diz sobre o testemunho ao destacar que não raro, pessoas que não vivenciaram aquilo que se expõe no testemunho, têm dificuldades para serem cativadas pelo realismo do sofrimento relatado: “o realismo da representação dos eventos terríveis produz um efeito de irrealidade [...] [e] parece criar uma negação, uma rejeição” (LILENBAUM, 2007, p. 140).

1.4 Condições de Produção

Neste subcapítulo, pretende-se falar de uma noção cara à AD: as condições de produção do discurso. Para a análise dos dizeres que compõem o *corpus* da presente pesquisa, considerar elementos como contexto e historicidade atrelados à noção de sujeito e à sua posição no discurso possibilitará que se observe a relação linguagem-sociedade-história e efeitos de sentido produzidos, já que “o sentido não está já fixado *a priori*, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica do sentido”

⁸ Cf. BECHARA, 2014.

(ORLANDI, 1994, p. 56).

Diversas teorias desenvolveram conceituações próprias para a noção de condições de produção, como a Linguística Textual, Pragmática, Sociolinguística, como referência a elementos extralinguísticos. Numa abordagem psicologizante, as Condições de Produção (CP) tratariam de uma espécie de análise de fatores biográficos, referentes à história de um dado sujeito empírico e que faria recair sobre o sujeito a fonte do dizer. Sob uma perspectiva sociologizante, ao considerar simplesmente os fatores da situação de enunciação, estariam estabelecidas as Condições de Produção (CP).

O conceito de Condições de Produção adotado pela AD foi desenvolvido por Pêcheux a partir das discussões de Zellig Harris⁹:

[...] fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo, e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso (PÊCHEUX, 2014, p. 78, grifos do autor).

Em *Análise Automática do Discurso* (2014), Pêcheux destaca que fenômenos linguísticos superiores à frase podem ser concebidos como um funcionamento desde que não sejam tidos como essencialmente linguísticos e desde que se respeite a condição de serem definidos em referência a um mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, o que chama de mecanismos de Condições de Produção do discurso. Em seguida, o autor apresenta o que seriam os elementos estruturais pertencentes às CPs, ao situar o discurso em oposição a um esquema reacional (estímulo - resposta) e a um esquema informacional, para, então, apresentar o esboço – incompleto e provisório, destaca o autor – do processo discursivo, formulado mediante duas regras, a saber: 1) todo processo de produção de discurso resulta da composição das CPs com o sistema linguístico; e 2) todo processo de produção de discurso, em composição com um estado determinado das condições de produção, o que leva à transformação desse estado (PÊCHEUX, 2014).

Isso impacta tanto a produção quanto a leitura das CPs. A esse respeito, Fabiele de Nardi (2020), em *videoverbete Condições de Produção*, disponibilizado no canal enciDIS-UFF, no Youtube, faz menção ao que diz Pêcheux em *Especificidade de uma disciplina de*

⁹ Zellig Harris, linguista estruturalista americano, publicou em 1952, o artigo *Discourse analysis*. Courtine (2009, p. 46-47) pontua que Harris, ao relacionar no referido artigo os termos “situação” e “discurso”, teve contribuição fundamental na concepção do conceito formulado por Pêcheux e adotado pela Análise do Discurso: condições de produção.

interpretação (1984): a análise de uma sequência deve ser feita por meio da aproximação do interdiscurso como condição de produção e de interpretação dos discursos.

Para as discussões que a Análise do Discurso materialista propõe, então, a noção de condições de produção do discurso está centrada na observação de que o discurso não se limita a aspectos linguísticos, de âmbito sintático, mas também se relaciona a elementos circunstanciais em que o discurso foi produzido. Assim, a análise das CPs se dá por meio de uma articulação entre história, ideologia e materialidade dos discursos (COURTINE, 2009), sendo a ideologia que aloca o sujeito em dado lugar / posição discursiva.

Retomando palavras do próprio Pêcheux (2014, p. 81), discurso “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo geral, [implica] ‘efeito de sentido(s)’ entre os pontos A e B, sendo A e B lugares determinados na estrutura de uma formação social”, e que, na leitura pecheutiana, “estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (PÊCHEUX, 2014, p. 81). Assim, voltamos a importante ponto: devido ao funcionamento da ideologia, ocorre o assujeitamento do sujeito (como sujeito ideológico) “de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar seu lugar*” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 162, grifo do autor).

Sobre o funcionamento discursivo desses lugares projetados e ocupados pelo sujeito como posições no discurso, Pêcheux (2014, p. 82) formula as seguintes questões: “Quem sou eu para lhe falar assim?”, “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”, “Quem sou eu para que ele me fale assim?” e “Quem é ele para que me fale assim?”. As respostas para esses questionamentos se vinculam a dada formação imaginária.

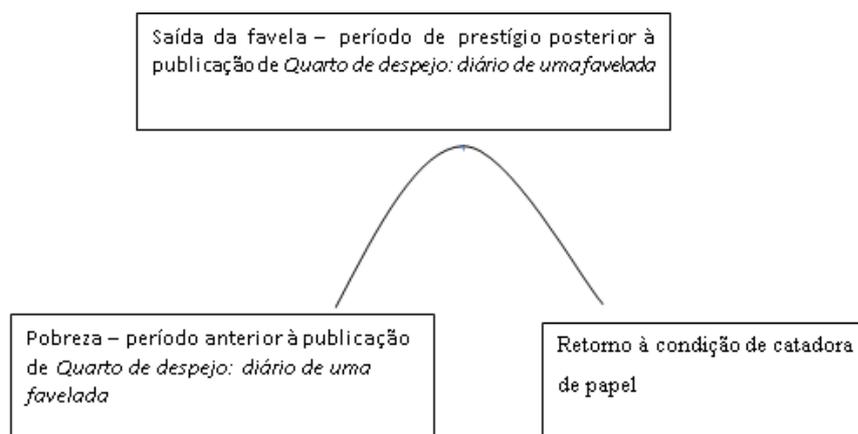
O *corpus* da presente pesquisa, constituído por dizeres do *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, como se destacou na Introdução, será analisado de forma a perceber aquilo que (não) pode ser dito e os lugares que (não) podem / devem ser ocupados por uma mulher, negra, favelada, diante das CPs em que a obra foi escrita e publicada.

Na leitura empreendida nesta pesquisa, considera-se que a história de Carolina Maria de Jesus foi marcada pela trajetória parabólica¹⁰ (como ilustra figura a seguir), partindo da

¹⁰ Segundo o dicionário Priberam on-line, na geometria, parábola consiste em uma curva plana cujos pontos distam igualmente de um ponto fixo (foco) e de uma reta (diretriz). A partir desse conceito e inspirado nas fórmulas e composições que Michel Pêcheux apresenta em *Por uma análise automática do discurso*, elaboramos essa imagem para representar a leitura aqui empreendida de movimentação socio-econômica-espacial de Carolina Maria de Jesus. Cf. PARÁBOLA. In: PRIBERAM. Dicionário da Língua Portuguesa [online]. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/par%C3%A1bola>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

pobreza à ascensão pós-publicação do livro, culminando – em alguma medida – na queda que a levou a encerrar seus dias muito mais perto da pobreza do que da vida de notoriedade alcançada com a publicação do livro.

Figura 1 - Trajetória parabólica de Carolina Maria de Jesus - antes e após publicação do livro



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As leituras em busca de informações sobre a história de Carolina Maria de Jesus foram obtidas por meio das seguintes obras: *Carolina: uma biografia* (2018) e *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), de Tom Farias¹¹ e Levine e Meihy, respectivamente, além do site vidaporescrito.com. A obra de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, registra dilemas sociais e econômicos dos anos de 1955, 1958 e 1959 da cidade de São Paulo e da extinta Favela do Canindé (lugar para os que estão à margem da sociedade; lugar para marginais) – que deu lugar à Marginal Tietê. Migrante, mãe solo, catadora de papel, moradora de favela e tendo estudado apenas até o segundo ano do ensino fundamental, seus escritos fornecem rico material para reflexões com enfoques vários: social, cultural, literário.

Mas, afinal, a partir de que posição/lugar discursivo o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* enuncia? Filha de descendente de escravos, em 1914, nasceu na cidade de Sacramento em Minas Gerais, menos de 30 anos após o fim do trabalho escravo legalizado no Brasil. Tinha o avô – a quem chamava de “Sócrates africano” – como referência em erudição (LEVINE; BOM MEIHY, 2015, p. 23).

Interrompeu os estudos para trabalhar, junto à mãe, na roça. Posteriormente, enfrentaram muitas mudanças de cidade, em busca de emprego como empregadas domésticas.

¹¹ Tom Farias é escritor, crítico literário, pesquisador, biógrafo, autor de diversos livros relacionados à literatura negra brasileira.

Na época em que a mãe faleceu, já morava no estado de São Paulo e optou por seguir à capital em busca de oportunidades. Para obter dinheiro, vendeu produtos, trabalhou em hotéis como faxineira e chegou a tentar ser artista de circo, além de ter trabalhado como empregada doméstica. Entretanto, seu espírito não domesticado e indomesticável não se conformava em ver-se limpando bagunça alheia (LEVINE; BOM MEIHY, 2015, p. 24). Por ausentar-se do trabalho para namorar, era sucessivamente dispensada dos locais onde trabalhava. Ao engravidar do primeiro filho, foi abandonada pelo marinheiro com quem se relacionava e perdeu o emprego. Assim, chegou a Canindé.

Em *Cinderela Negra – a saga de Carolina Maria de Jesus*, Levine e Bom Meihy (2015, p. 25) contam que a autora “carregou tábuas e materiais tirados da construção de uma igreja [...]. Com o que conseguiu, construiu um barraco com as próprias mãos, cobrindo-o com as toscas folhas de zinco”. A partir daí, na favela de Canindé, localizada próximo ao lixão, passou a buscar algum sustento no que era descartado pela cidade.

No trecho destacado a seguir, questionada por uma senhora portuguesa sobre qual era sua ocupação, a resposta oferece demonstração de como (sobre)vive:

[SD6]: O que é que a senhora faz?

- Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo. (JESUS, 2014, p. 105, grifo meu).

À pergunta que normalmente se formula para saber a ocupação do outro e a forma como mantém suas despesas em uma sociedade capitalista, a resposta de Carolina é interessante porque ao mesmo tempo que mostra a ocupação pela qual obtém alguma forma de suprir necessidades básicas / o físico, com alimentos, introduz a ocupação que visa atender a um anseio de alma, como se observa em “Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (JESUS, 2014, p. 22). A resposta para [“o que você faz?”] aponta para o “fazer” como meio de subsistência (catar papel e ferro para vender e obter algum dinheiro), mas também aponta para o “fazer” como meio de resistência¹². Como Andréia Pruinelli, na edição ampliada do *Glossário de Termos do Discurso* (2020, p. 255) destaca, “resistir é aproveitar todas as brechas, rachaduras abertas pela discursividade e, nesses espaços, tecer sentidos/discursos outros possíveis.”

Através das páginas de seu diário – escrito em folhas, papéis, cadernos, enfim, em tudo aquilo que, tendo sido descartado pela cidade, era encontrado por ela enquanto catava e, imediatamente, passava a funcionar como suporte para os registros que pretendia fazer –,

¹² O conceito de resistência será abordado no capítulo seguinte, destinado especificamente a este conceito, considerado central para a presente pesquisa.

pode ser lido (e de alguma forma sentido) o testemunho de uma mulher, negra, mãe de três filhos, desassistida, moradora de um casebre, que enfrenta diariamente desventuras sociais e econômicas em uma cidade que cresce, mas não beneficia a todos (LEVINE; BOM MEIHY, 2015).¹³

¹³ Na presente pesquisa, optou-se por mencionar o nome completo de Carolina Maria de Jesus e o de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como forma de marcar e reforçar a existência daquela que se autodescreve como alguém que cata papel, ferro, e nas horas vagas escreve (JESUS, 2014, p. 105), alguém que “não pode passar sem ler e que levanta para escrever e que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro”, alguém que prefere viver só para o seu ideal” (JESUS, 2014, p. 49). Uma forma de dizer que, aqui, tem lugar e voz e nome aquela que por tantas vezes foi silenciada.

2 TESTEMUNHO E RESISTÊNCIA

No presente capítulo, se pretende apresentar algumas noções de testemunho oriundas de outras áreas de conhecimento para, em seguida, expor a formulação teórica proposta por Mariani (2016, 2018, 2021), que orientará não apenas os recortes de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como embasará o gesto de análise. Ao tratar de testemunho sob a ótica discursiva – conforme propõe a autora – introduziremos os conceitos de memória e resistência, além de um estudo a respeito da noção de memoriável, cunhada por Mariani (2016) e essencial para a compreensão de questões referentes à impossibilidade de tudo dizer e tudo lembrar.

Por ser um conceito central para a discussão aqui proposta e a fim de estabelecer a forma pela qual a noção de testemunho será tratada neste trabalho, apresentaremos, inicialmente, resultados da pesquisa sobre a historicidade da palavra, bem como a forma como é compreendida no campo dos estudos jurídicos. Em seguida, apresentaremos a relação desse conceito com a Literatura, para, então, apresentar o dispositivo analítico pelo qual produzimos nosso gesto de análise do *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Agamben (2008, p. 35-36) registra que “testemunho”, em grego, é *martirs* e que, em latim, haveria os vocábulos *testis* e *supertes*, representando “o que se põe como terceiro em um processo entre dois contendores” e “aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode dar testemunho disso”, respectivamente.

Partindo da concepção grega e considerando que o processo envolvendo tortura e morte de cristãos, em razão da crença, fé ou ideais, foi narrado pela tradição Católica como *martirum*, a noção de testemunho remete a um sujeito que transmite por via oral, escrita ou com sua própria vida uma experiência traumática. No Catolicismo, figuras como Estevão são consideradas heróis (heróis da fé) por terem atravessado o evento (de tortura por apedrejamento) e dado testemunho disso (com sua vida).

O pesquisador, psiquiatra e fundador da psicologia analítica Carl Gustav Jung¹⁴, que despertou a atenção de Sigmund Freud (considerado o pai da psicanálise) sinaliza que o mito universal do herói remete a um “homem ou um homem-deus poderoso” (JUNG, 2008, p. 98) que, na busca por livrar outros da morte e da destruição, vence o mal (adversidades). Entendemos que há um traço de heroico no testemunho, marcas da superação.

¹⁴ Cf. ABDO, 2017.

Este evento – em que a testemunha sofre até o final (leia-se: morte) – configura-se como um dos tipos de testemunho, o de testemunha integral/não sobrevivente, como se verá mais adiante. Outro tipo diz respeito à experiencição de um evento, mas sem que culmine na morte física; trata-se da testemunha sobrevivente, que Patrícia Chiganer Lilenbaum (2007) categoriza como um outro tipo de testemunho.

A noção de testemunho / testemunhar parece evocar, ao senso comum, o universo jurídico, seja ao remeter à figura que relata fato visto ou ouvido, seja àquela que, ao assistir a um ato, valida-o legalmente (como nas cerimônias de Casamento Civil), seja àquela que, convocada ou voluntariamente, se apresenta à justiça, a fim de relatar algo de que tem conhecimento. Há, ainda, a noção de testemunho, que advém da Geologia, indicando restos, vestígios de antigas superfícies destruídas em consequência da erosão.

Tanto o campo jurídico quanto o geológico oferecem características do que seja a noção de testemunho que consideramos aqui: sempre há um sujeito implicado, que, tendo presenciado ou experienciado algo, transmite o que foi ter passado por aquela experiência e o faz por meio da linguagem. Na impossibilidade de traduzir algo do nível da experiência, do impacto de dado acontecimento no sujeito por meio da linguagem, que não dá conta de “dizer o indizível” (MARIANI, 2021, p. 21), apresentam-se vestígios, que exigem do ouvinte / interlocutor estar atento ao que a testemunha dá conta de testemunhar.

Jean-Baptiste Pierron (1995), ao analisar escritos de Santo Agostinho, identifica, ainda, que o testemunho, compreendido como uma das formas de narrativa, tem – assim como uma confissão – um caráter purificador / libertador, nos termos da Psicanálise. Entretanto, se, no primeiro caso, a mera repetição de uma ação ocorrida no passado tem caráter mórbido (já que se realiza tendo em vista obter uma forma de pagar pelo cometido – penitência – e recuperar o caminho em direção à perfeição religiosa e moral), o testemunho não tem como objetivo recuperar um tipo de estatuto de perfeição ou modelo. Corroborando essa análise, Lilenbaum (2007) apresenta o testemunho como uma escolha ética do sobrevivente por justiça, movido pela crença de que o que aconteceu pode ser vingado por meio da palavra, da linguagem. E esse impulso por justiça é um impulso de vida e não de morte.

Ambos – confissão e testemunho – compartilham da necessidade de que exista um outro, que escute / leia, mas o testemunhar não se trata apenas de contar uma história, mas de dar sentido à totalidade do ser. Tal característica põe em destaque uma relação ambivalente daquele que testemunha, uma vez que se vincula tanto à relação de subjetividade com o que testemunha quanto à relação da testemunha com aqueles diante de quem testemunha, os interlocutores (PIERRON, 1995).

Vejam os como o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* registra sua preocupação com a receptividade de seus registros:

[SD7]: Até que enfim parou de chover. As nuvens desliza-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E varias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoida vendo as crianças pisar na lama. (...) Percebi que chegaram novas pessoas para a favela. Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletarios. Fitei a nova companheira de infortunio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças pauperrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.

... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.

... O que eu revoltado é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse uma laranja. (JESUS, 2014, p. 46, grifo meu).

Na [SD7], o sujeito descreve a condição dos favelados num dia de chuva e frio. Trata-se de uma cena que marcou por conter um olhar – conforme categorizado pelo sujeito autor – situado “no mais alto grau de tristeza”: o de quem não tem esperança. Após apresentar essa imagem, levanta-se a possibilidade de que o leitor duvide do seu testemunho. Esse duvidar está atrelado ao envolvimento – nesse caso, ausência de envolvimento – do leitor quanto ao que foi oferecido. Considerando que, nas palavras de Orlandi, “o sentido está sempre em curso” (ORLANDI, 2007a), num movimento ditado pela ideologia, a reação / (in)ação frente ao dito se deve à presença / ausência de identificação ideológica – vinculada a dada FD e os movimentos possíveis de acontecerem em seu interior –, isto é, à identificação, contraidentificação ou desidentificação.

O dizer “alguém [...] lendo o que escrevo dirá... isto é mentira!” aponta para a possibilidade de que um outro, posicionado em FD distinta da ocupada pelo sujeito autor (leia-se: alguém que não more na favela, não seja pobre e não seja favelado *versus* alguém que more na favela, seja pobre e favelado), não receba o que está sendo contado por causa da diferença entre os sujeitos universais de cada FD.

Destaca-se que não se trata de considerar a oposição “verdade” e “mentira” (em “isto é mentira”, na [SD7]) no espectro de valores morais / subjetivos, mas de pensar que a recusa em aceitar o testemunho de que aquelas misérias sejam reais consiste – no nosso gesto de leitura – em uma tentativa de apagamento / silenciamento, mecanismo também da política de silêncio de que fala Orlandi (2007b).

Apresentamos a seguir matéria jornalística de 2022 que atualiza a questão referente à dificuldade em reconhecer a realidade de fome apresentada não apenas em pesquisas socioeconômicas, mas em reportagens, entrevistas, entre outros canais que registram cidadãos

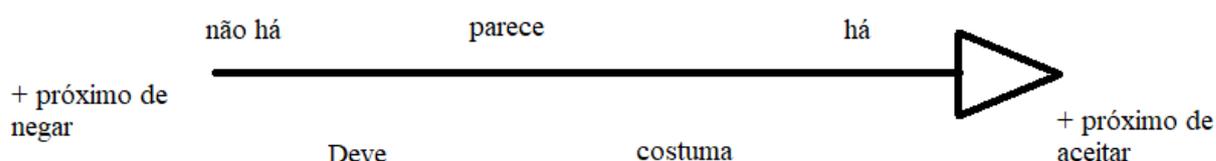
brasileiros como testemunhas da fome. O atual presidente da República do Brasil em entrevista recente diz:

[SD8]: “Essa senadora [Simone Tebet] aí, falou besteira aqui. Gente passa mal? Sim, passa mal no Brasil. Alguém já viu alguém pedindo um pão na porta, ali, no caixa da padaria? Você não vê, pô”, afirmou Bolsonaro. Na sequência, o presidente afirmou que ‘deve ter gente que passa fome no país’”.¹⁵ (G1, 2022, n.p., grifo meu).

Apesar de não integrar o *corpus* inicial da presente pesquisa, avaliou-se importante incluir a fala do atual presidente brasileiro, uma vez que se relaciona ao que acabamos de apresentar: além de atualizar o relato de fome de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* registrou, ainda, uma das expressões do testemunho: falar para não esquecer e não deixar outros esquecerem.

O uso do verbo modal “dever” indica uma tentativa de o sujeito se afastar da assunção / reconhecimento de que há miséria no cenário nacional atual (e mais ainda: seu governo produz fome). Isso porque o verbo “dever” para indicar possibilidade configura uma tentativa de pôr em dúvida essa mazela socioeconômica registrada, inclusive por órgãos oficiais: a escalada de insegurança alimentar. E numa escala de gradação, esse enunciado posiciona tal sujeito num ponto mais distante de aceitação quanto à existência da fome no Brasil. Vejamos:

Figura 2 - Receptividade quanto à existência da fome



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Na [SD8], observamos mecanismos de silenciamento – como se verá mais adiante – identificados em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* bem como a retomada de dizeres registrados na década de 1960. O Professor Titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense e autor de “Ditadura e Democracia no Brasil”, Daniel Reis contesta o conhecido bordão “o povo brasileiro não tem memória” ao destacar que “todos os povos têm memória, só que alguns optam pela memória do silêncio, decidem não pensar no

¹⁵ Cf. BOLSONARO nega, por duas vezes, escalada da fome no Brasil: 'Não existe da forma como é falado'. In: G1. São Paulo: [s.n.], 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/08/26/ja-viu-alguem-pedindo-pao-na-porta-da-padaria-pergunta-bolsonaro-ao-falar-sobre-fome-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 3 set. 2022.

assunto¹⁶”. Ou decidem negá-lo pela tomada de palavra de outrem; pela negação do dizer de determinados grupos.

Destaca-se que o sujeito enunciador da [SD8] se inscreve na FD da classe dominante, que pretende a perpetuação de *status quo* e a manutenção do poder. Fala pela classe dominada, dizendo por todo um grupo de pessoas, negando que passem fome. Devido à FD do enunciador, a posição-sujeito de onde o sujeito enuncia “deve ter gente que passa fome” significa o (seu) mundo e o significa. Na posição de chefe do Poder Executivo, seu dizer representa o discurso oficial. Demonstra, ainda, um silenciamento e a tomada de palavra.

Vejamos a [SD9]:

[SD9]: ... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora.

Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças. (JESUS, 2014, p. 29).

Em nosso gesto de leitura, identificamos que há, de alguma forma, referência aos governantes / dirigentes do país, a quem compete a intervenção em prol de questões visando ao bem-estar da população. Inicialmente, há a caracterização de quem estaria apto a dirigir o país [quem já passou fome], em seguida, a justificativa [a fome ensina / é boa professora] e por fim, a consequência [aquele que teve aulas com a fome se torna mais sensível, mais humano e passa a prestar atenção no próximo].

Retomando Mariani (2021, p. 51), “tanto em Primo Levi quanto em Rigoberta Menchú encontra-se o testemunho da posição de exclusão social daqueles que sobrevivem a um sofrimento muito grande, que podemos chamar traumático”. No gesto de análise empreendido na presente pesquisa, identificamos na [SD7] o testemunho daqueles que convivem com a violência da fome e dos que se dedicam à busca por justiça social, exaurindo-se na repetição de denúncias contra atos cometidos pelo próprio Estado, muitas vezes.

Um dos elementos constitutivos do testemunho é o desejo de testemunhar frente ao outro. Há, portanto, alteridade no testemunho e, segundo Pierron (1995), o que assegurará que um testemunho seja mais significativo e humanizador que outro não está no próprio testemunho, mas no grau de envolvimento desse outro que testemunha. De fato, não se controlam as consequências do testemunho e de sua recepção pelos outros (PIERRON, 1995).

¹⁶ Cf. NEIVA, L. Da euforia à crise: a Constituição de 88 e a jovem democracia brasileira. In: GAMA. [S.l.: s.n.], 2 out. 2022. Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/semana/como-construir-a-democracia/a-constituicao-de-88-e-a-democracia-brasileira/>>. Acesso em: 4 out. 2022.

Isso porque envolve a noção de identificação, efeito da interpelação ideológica que não se dá da mesma forma para todos, já que tudo passa pelo imaginário. Daí que o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* antecipa uma possível reação de seu leitor, frente às inúmeras possibilidades de resposta ao testemunhado (crer que era mentira). Isso porque, em geral, quem tem acesso aos livros e às formas institucionalizadas / eruditas de cultura e aos livros, não são as mesmas pessoas que figuram como personagens de seu diário, mas pertencem a classe dominante, que (assim como o Presidente atual) não acreditarão em suas palavras de testemunha.

Pêcheux (2014) fala em mecanismo de antecipação, o qual se associa ao imaginário, não havendo garantias a priori. Pêcheux (2014) sinaliza que as palavras não têm sentido em si mesmas. Elas têm sentido a partir da posição sujeito de quem as profere/recebe; pelas posições ideológicas em jogo no processo social e histórico de produção ou reprodução.

A esse respeito, Mariani (2018) destaca que Primo Levi permaneceu se significando como alguém não ouvido “apesar dos livros que publicou e das palestras que proferiu”. O sujeito-autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* consegue registrar por meio da ferramenta imperfeita da linguagem¹⁷ o seu memorável quanto à realidade que a violentava e a motivava a escrever. Demonstrava o desejo de ser lida por americanos, por brasileiros, por todos, para que soubessem o que e como era a vida na favela. É por isso que se ocupa em escrever seja durante a noite, com iluminação precária, seja logo nas primeiras horas do dia; sejam relatos do cotidiano, sejam impressões, desejos, fantasias. Apesar do receio de não ser ouvida / ou de que não acreditassem no seu relato, continuava a escrever, como se viu na [SD7] “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (JESUS, 2014, p. 46).

Na sequência, apresentaremos fragmentos de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a fim de aprofundar as reflexões sobre testemunho e realizar o batimento teoria e prática, cara à Análise do Discurso.

Conforme aparato teórico formulado por Mariani (2016, 2018, 2021) reiteramos que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* está sendo entendida discursivamente como testemunho.

Em *Testemunho: um acontecimento na estrutura*, a autora destaca *É isto um homem?*, de Primo Levi, e os relatos de Rigoberta Menchú, sobre o massacre de seu povo, na

¹⁷ Referência à obra *A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso* (2013), de Paul Henry, autor, professor e um dos pesquisadores fundamentais para o estabelecimento e desenvolvimento da Análise do Discurso na França.

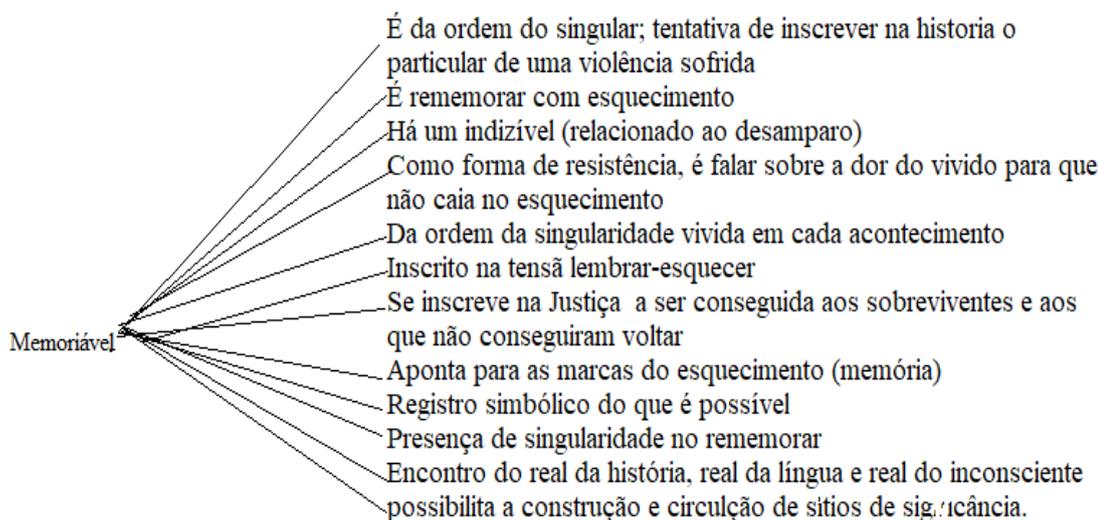
Guatemala. Em ambos os casos, trata-se da narração de desastros cometidos contra a humanidade (*shoá* e o assassinato de indígenas, respectivamente); eventos repletos de violência drástica, em que ocorre o choque entre a historicidade de certos acontecimentos e a singularidade do sujeito (MARIANI, 2021, p. 19), sendo identificável que tanto Levi quanto Menchú passaram por experiência traumática, o que lhes possibilita dar um testemunho / transmitir aos outros o que foi ter passado por tal experiência.

Importante destacar que, ao mesmo tempo em que o sujeito luta para não manter no silenciamento as violências e barbáries a que foi submetido, ele também luta com a impossibilidade de tudo dizer, já que a língua não dá conta de tudo. Tendo em vista essa impossibilidade de tudo dizer, Mariani cunha o termo *memoriável* “para tentar chegar mais perto desse encontro entre o real da história, da língua e do inconsciente” (FERREIRA, 2021, p. 12).

Assim, o sujeito que combate a existência de sentidos oriundos apenas das ideologias hegemônicas / dominantes o faz da forma possível, diante da impossibilidade de tudo dizer, mas na tentativa de colocar em circulação o acontecimento traumático. Nas palavras de Mariani (2021, p. 20), “ao narrar o que é possível, [os sujeitos] demarcam um *memoriável*, ou seja, constroem e circunscrevem a particularidade de seus sítios de significância”.

Tendo em vista a importância desta conceituação para a leitura que se empreende na presente pesquisa, apresentamos a seguir quadro com as características do conceito de *memoriável*, formulado por Mariani:

Figura 3 - Conceito de *memoriável*



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Mariani, 2021.

Após abordar o conceito de memoriável (lido como uma forma de resistência), passamos às ponderações sobre o funcionamento discursivo da resistência. Pêcheux (2016a, p. 281) sinaliza que “não há dominação sem resistência”. Entretanto, como destaca Silva (2015) não se trata de pensar resistência como reação de sujeito frente a dada situação, mas de lembrar que a condição de sujeito está implicada no efeito de interpelação ideológica.

Igualmente importante para se pensar a noção de resistência em termos discursivos é considerar que os lapsos, atos falhos, chistes são brechas por onde surgem contrapontos e se permite a simultaneidade de dizeres. A isso chamou-se mecanismos de resistência. Nos termos de Mariani

[...] resistência em termos discursivos é a possibilidade de, ao dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados. É ressignificar rituais enunciativos, deslocando processos interpretativos já existente, seja dizendo uma palavra por outra (na forma de lapso, um equívoco), seja incorporando o *non sens*, ou simplesmente não dizendo nada. (MARIANI, 1998, p. 26).

Como a autora assinala, a substituição de palavras num lapso ou os atos falhos são, na verdade, constitutivos do dizer ao apontar para outros dizeres possíveis ou até mesmo ao promover silenciamentos e apagamentos. Isso torna cada vez mais importante que se considere a resistência – discursivamente – como uma contradição constitutiva não apenas do sujeito como dos sentidos.

Na presente pesquisa, “resistir” está sendo entendido dessa forma (contradição constitutiva não apenas dos sentidos como do sujeito que luta por um lugar para poder / dizer) e também como um modo de silenciar / de não dizer.

2.1 Efeitos de sentido e gestos de leitura (o recorte)

Neste tópico, pretende-se sinalizar de que forma foi constituído o *corpus* discursivo da presente pesquisa, bem como indicar gestos de leitura que conduziram ao recorte, etapa importante para que se busquem respostas para as questões formuladas em seções anteriores. Além disso, vamos reiterar que a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* está sendo tomada e lida – na presente pesquisa – como testemunho, conforme conceituação de Mariani e não como objeto literário, do gênero memorialístico.

Do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, obra com 191 páginas, foi extraído o nosso *corpus* discursivo. Dada a impossibilidade de analisar todo o material, esse recorte é importante para viabilizar o desenvolvimento do trabalho. Além disso, é necessário destacar que os recortes foram feitos considerando a noção de FD.

No Colóquio Materialidades Discursivas, realizado em 1980, Pêcheux (2016, p. 15) propõe questões importantes sobre a melhor maneira de pensar “materialidade(s) discursiva(s)”: o que seriam as materialidades discursivas? / com que matéria lidamos quando tratamos de materialidade discursiva? Vejamos o que afirma Pêcheux (2016, p. 151):

Nosso empreendimento supõe, parece-me, levar a sério a noção de materialidade discursiva enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada. (PÊCHEUX, 2016, p. 151, grifo meu).

Tendo em vista essa colocação do autor, é necessário considerar que a ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Com isso, se evita empregar “objeto” e “texto” como sinônimos. Isso porque discurso é mais que um documento, mas um monumento, objeto de linguagem, singularidade de uma situação histórica, singularidade de uma existência, como afirmam os organizadores de *Materialidades discursivas*¹⁸.

Dessa forma, podemos compreender sobre as materialidades que, discursivamente, se constituem pelo / no atravessamento da história, da língua e do inconsciente, surgindo da heterogeneidade entre o real da história, o real da língua e o real do inconsciente. A materialidade do discurso, então, é entendida como um aquém sem fronteira assinalável – como a presença-ausência eficaz do outro no mesmo sentido, mas sempre heterogêneo e contraditório.

Sendo o discurso o objeto teórico da Análise do Discurso o olhar do analista precisa se concentrar no processo de produção de efeito(s) de sentido(s) entre locutores, sujeitos que vão construindo e atribuindo significação, conforme a FD em que estão inscritos. Dessa forma, a AD não trabalha com o texto (cujo sentido estaria contido em si e bastaria ao leitor identificá-lo), mas trabalha com o discurso, cujo sentido vai sendo construído, tendo em vista a historicidade e aspectos exteriores à língua. Assim, o discurso – não o texto – é o objeto da AD e da presente pesquisa.

¹⁸ Cf. CONEIN, B. et al. (Org.). *Materialidades Discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 321.

2.2 Dos cadernos ao diário

Como sinalizamos anteriormente, na presente pesquisa não analisaremos *Quarto de despejo: diário de uma favelada* sob a ótica da literatura. Neste tópico, consideramos importante tratar, ainda que brevemente, de discussões acerca do processo de escrita – em folhas e cadernos – até a publicação do diário. Discorreremos, também, sobre o seguinte questionamento: o que diferencia os registros de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de outros diários – que se mantiveram nas gavetas de seus donos ou, no máximo, circulam/circularam entre familiares e amigos pós-morte do autor.

O que haveria de diferente em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a ponto de que as anotações, feitas sob a forma de um diário, tenham alcançado a publicação e, mais que isso, tenham alcançado circulação e relevância, mantendo-se presente até hoje – mais de 60 anos depois de a primeira edição ter chegado às mãos dos primeiros leitores. Destinamos a parte inicial deste tópico para discorrer sobre as CPs da obra. Em seguida, traremos algumas leituras realizadas a respeito de resistência, conceito importante para a AD.

Ao longo de anos, Carolina Maria de Jesus escreveu seu testemunho em cadernos e papéis encontrados no lixo. Posteriormente, esse material foi publicado com o auxílio do jornalista Audálio Dantas, que havia sido capturado não só pela cena de uma mulher escrevendo no meio da favela, mas pelo que estava registrado naquelas páginas (FARIAS, 2018).

Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, os testemunhos consistem em diálogos, impressões, opiniões, comentários, trechos descritivos, permitindo ao leitor certa visualização de dilemas sociais e econômicos brasileiros que persistem até hoje (machismo, feminismo, racismo, pobreza, marginalidade, desigualdade, a ação de instituições sociais como a Igreja e o Estado, a realidade dos despossuídos e desassistidos). Ao longo da obra, o sujeito autor, por meio de seu olhar sensível e incisivo, testemunha a respeito de sua condição, a partir do *quarto de despejo* em que residia e da cidade repleta de *casas de alvenaria*¹⁹, onde a vida parecia – e era – muito diferente.

Ao longo da obra que constitui o *corpus* empírico da presente pesquisa, o sujeito autor

¹⁹ Aqui, faz-se uma oposição entre a favela e a cidade: onde morava *versus* onde buscava seu sustento; onde se deparava com escassez *versus* onde admirava a realidade socioeconômica; enfim, *quarto de despejo*, que é a metáfora criada por Carolina Maria de Jesus para dar conta da favela *versus* as casas de alvenaria onde há planejamento urbano e infraestrutura.

se refere aos seus escritos como sendo um diário, termo usado 11 (onze) vezes ao longo das 191 páginas, como se observa nas SDs a seguir:

[SD10]: Comecei a fazer meu *diário*. [...] Bateram na porta [...] Era o Seu João. [...] Quiz saber o que escrevia. Eu disse ser o meu *diário*. (JESUS, 2014, p. 25-26, grifo meu).

[SD11]: Eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu *diário*. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perder tempo. (JESUS, 2014, p. 28, grifo meu).

[SD12]: Eu disse aos balconistas que escrevi um *diário* que vai ser divulgado no O Cruzeiro. (JESUS, 2014, p. 165, grifo meu).

O título da obra de Carolina Maria de Jesus aponta para o que a Linguística Textual caracteriza como um gênero: o diário. Por meio da estrutura desse gênero, de caráter memorialístico, costuma-se relatar acontecimentos (a)normais; concretos e abstratos; situações e impressões das mais variadas ordens. Entretanto, a questão da tipologia textual e dos gêneros remete à suspensão do que é texto – diário, relato, testemunho. Para a presente pesquisa, a noção discursiva de testemunho e o conceito de memoriável são fundamentais para produzir uma análise seguindo o aparato teórico metodológico da Análise do Discurso “capaz de abrir fissuras nos discursos oficiais colocando em crise a ferida para fazer uma crítica à afirmação do ódio”, como destaca Luciene Jung no texto contido na quarta capa do livro *Testemunhos de resistência e revolta* (2021), de Bethania Mariani.

Ao analisar aspectos literários desse tipo de produção, o ensaísta Philippe Lejeune (2008) tece reflexões importantes sobre a autobiografia, o diário e a escrita de si. Parafraseando o autor, a autobiografia consistiria no resultado da narrativa que um indivíduo faz de si mesmo, em formato de prosa, com viés temporal retrospectivo acerca de sua existência/identidade. Já o diário, ao não atender ao requisito da “perspectiva retrospectiva de narração” (LEJEUNE, 2008, p. 48), seria uma das formas do gênero autobiográfico. Já a escrita de si corresponde àquela que engloba a narração em primeira pessoa na qual o narrador/autor apresenta experiências e narrativas sobre si próprio, faz apontamentos acerca do que por ele foi visto, sentido ou vivenciado, numa busca por entender sua identidade; trata-se de um tipo de escrita mais amplo que a autobiográfica (BATISTA; OLIVEIRA, 2017).

A escrita no diário, que está sendo entendida na presente pesquisa como uma confirmação para o próprio sujeito autor de que está vivo (o uso de verbos na 1ª pessoa do singular e a adjetivação), apontam para esse sujeito que dá seu testemunho do desenrolar dos dias por meio de visões e relatos de pressões associadas à realidade socioeconômica dos moradores da extinta Favela do Canindé, em São Paulo.

Tomando o diário de Carolina Maria de Jesus, entendido aqui, discursivamente, como testemunho e não sob a ótica da literatura, observamos de que forma não apenas as condições de produção do efetivo momento da realização do discurso, bem como elementos sociais, econômicos, históricos, e/ou ideológicos contribuem para que sejam criados efeitos de sentido entre interlocutores, que atuam sob dadas circunstâncias.

Das palavras desse sujeito, ecoa uma urgência no falar, para registrar processos de violência contra a condição humana:

[SD13]: Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. (JESUS, 2014, p. 20).

Os gestos de análise empreendidos ao se analisar a sequência discursiva [Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos] se assemelham ao que Mariani identificou nos testemunhos de Primo Levi e Rigoberta Menchú. Assim,

Para o que está se discutindo aqui, testemunho [...] é um termo vinculado a alguém que passou por alguma experiência de vida (um evento, nas palavras de Agamben) traumática e que, com o relato disso que vivenciou, pode dar um testemunho, ou seja, transmitir aos outros o que foi ter passado por essa experiência. Dar testemunho é transmitir, por via oral ou escrita, essa experiência. Há, portanto, sujeito inscrito no testemunho, há enunciação, nos termos da psicanálise, naquilo que se narra. (MARIANI, 2016, p. 55, grifo meu).²⁰

Tendo em vista a caracterização de testemunho que motivou a presente pesquisa, vemos que, assim como na [SD9], os dizeres de Levi e Menchú tratam de testemunhar uma vivência traumática sofrida, a qual é transmitida, respectivamente, da seguinte forma: “O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade [de contar aos outros, de tornar os outros participantes]” e “Gostaria de dar este testemunho vivo [...] que não sou a única, porque muitas pessoas já viveram e é a vida de todos” (MARIANI, 2021, p. 43).

²⁰ Como se destacou na introdução da presente pesquisa, uma das ocorrências de uso da palavra “trauma” será em citação de algum dos teóricos que discutem testemunho. Aqui se faz referência ao texto publicado na Revista Desenredo, em 2016. Cf. MARIANI, B. Testemunho: um acontecimento na estrutura. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 48-63, 22 set. 2016.

2.3 Testemunha, memória e esquecimento

Neste tópico, figurarão os conceitos de testemunha, memória e esquecimento. Realizaremos, ainda, breve análise da noção de memoriável, cunhada por Mariani (2016), tendo em vista sua posição essencial para se compreender questões referentes à impossibilidade de tudo dizer e tudo lembrar (em referência à tensão entre lembranças e esquecimentos; aos furos na memória). Para tratar da figura da testemunha, seguiremos Gagnebin (2006), pensaremos a memória a partir de Pêcheux (1999), Orlandi (1999) e Gagnebin (2006) e a noção de esquecimento será abordada como em Pêcheux (2014).

Sendo o testemunho o relato da ordem do ontem, faz-se importante pensar sobre o papel da memória, seus furos e lacunas e sobre a impossibilidade de tudo lembrar. José Horta Nunes (1999), na introdução de *Papel da memória* lança as seguintes questões: o que é memória?, como ela se institui?; o que leva determinados acontecimentos históricos/culturais a se inscreverem na memória, enquanto outros não; é possível que acontecimentos causem rupturas na memória?

Sobre esse aspecto, Orlandi (1999, p. 59) sinaliza que a “memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos.” Assim, não apenas a língua – a ferramenta imperfeita para a qual há um impossível que lhe escapa – mas também a memória – marcada por faltas e esquecimentos – não dão conta de tudo dizer; existe o que lhes escapa. Nesse sentido, Gagnebin (2006, p. 11) apresenta uma das preocupações de Walter Benjamin: “não esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes – isto é, cumprir uma exigência e transmissão e de escritura.”

Identificamos em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, justamente esse movimento em busca de não se deixar esquecer. É assim que a “experiência do choque” como classifica Benjamin ou a “memória traumática” (GAGNEBIN, 2006, p. 51) marcam a impossibilidade de assimilar o choque / trauma, o qual provoca uma ruptura, uma descontinuidade. Em geral, isso emudece aquele que passou por tal experiência, uma vez que nas palavras de Gagnebin (2006, p. 51) “aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras”, o que aponta para o fim da narrativa tradicional²¹.

²¹ Aqui, faz-se referência ao seguinte trecho de Gagnebin (2006, p. 51): “uma reflexão convergente sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional, de assimilar o choque, o *trauma*, diz

Gagnebin (2006) retoma a associação que Walter Benjamin faz entre o narrador e duas figuras: a do Justo e a do trapeiro / do catador de sucata e lixo. A primeira remete a uma personagem mítica do judaísmo, caracterizada pelo anonimato e a outra, a “esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder” (GAGNEBIN, 2006, p. 53-54).

A esse respeito, Gagnebin (2006) destaca o ensaio *O narrador*, de Benjamin, em que o autor sugere a ideia de uma narração nas “ruínas da narrativa, uma transmissão entre cacos de uma tradição em migalhas. Segundo Farias (2018), foi justamente em folhas e papéis recolhidos das ruas – por ela mesma – que Carolina Maria de Jesus escreveu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Estabelecendo um paralelo entre o narrador de Benjamin e o de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, observamos as seguintes SDs nas quais o sujeito autor realiza a catagem de: a) formas de subsistir [SD16, SD17, SD18 e SD19]; b) material / suporte onde registrar seu testemunho [SD14 e SD15]; e c) das histórias dos sem nome e que vivem às margens, atuando como aquela que não permite que dizeres alheios ao discurso oficial fiquem escondidos, esquecidos, sem registro [SD20]:

[SD14]: Saí e fui catar papel. (JESUS, 2014, p. 115, grifo meu).

[SD15]: Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo. (JESUS, 2014, p. 105, grifo meu).

[SD16]: Depois fui catar lenha. Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade. (JESUS, 2014, p. 81, grifo meu).

[SD17]: Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas que não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (JESUS, 2014, p. 22, grifo meu).

[SD18]: Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. (JESUS, 2014, p. 12, grifo meu).

[SD19]: Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado. (JESUS, 2014, p. 142, grifo meu).

[SD20]: Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade. (JESUS, 2014, p. 108, grifo meu).

Necessário se faz destacar que na escrita do diário, o sujeito autor se coloca como testemunha, que organiza os registros não como uma narrativa linear, mas com cortes e interrupções, em que podemos perceber – num gesto de leitura – a influência da memória e de

Freud na mesma época, porque este, por definição, fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem.”

suas lacunas (o que é acentuado também pela forma como o diário se organiza²²). Percebemos dessa forma, interrupções e recortes, que dizem da dificuldade da “transmissão e do lembrar” (GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Falando sobre o lembrar, a autora pontua a distinção entre a “atividade de comemoração” e o “conceito de rememoração”. Enquanto a primeira se associa a ações religiosas ou celebrações políticas / de Estado, o segundo remete não apenas a uma repetição daquilo que se lembra, mas à abertura “aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras”. Isso nos remete aos lapsos, atos falhos, chistes, ou seja, à manifestação do sujeito do inconsciente, como postula a AD. Com isso, tendo em vista a tese de Orlandi (1999, p. 61-62) de que “falar é esquecer” (e por extensão incluímos “escrever é esquecer”) é possível perceber que esse esquecimento possibilita o surgimento de novos sentidos, bem como o apagamento de “novos sentidos”.

Sendo o testemunho da ordem do memorável, o testemunho como um “falar urgente que se impõe frente aos esquecimentos que a historicidade, em suas violentas disputas e alternâncias de poder, vai tecendo” (MARIANI, 2021, p. 84).

Sobre a memória, no sentido discursivo, Orlandi (1999, p. 64) diz que a memória / interdiscurso é “o saber discursivo que faz com que, ao falar nossas palavras produzam sentidos”, remetendo a um já-lá”. Além disso, o conceito de FD (de)limita o que pode e deve ser dito – e também o que não pode e não deve –, ou seja, aquilo “habilitado” a comparecer ao discurso de um sujeito em uma posição discursiva dada.

2.4 Resistência e escrita

O objetivo deste capítulo é tratar do conceito de resistência interligando-o à escrita. Trata-se de uma reflexão importante uma vez que, na presente pesquisa, se considera *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como testemunho de resistência. Uma das características desse tipo de testemunho, segundo Mariani (2021), é que esses testemunhos lutam, com

²² Em tópico anterior, por inspiração do texto de Silmara Dela Silva, intitulado *Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia* (em especial as páginas 213-216), pontuamos brevemente algumas características comuns aos diários para sinalizar, assim, o funcionamento desse espaço de escrita.

dizeres possíveis, “contra os sentidos dominantes das ideologias hegemônicas”, demarcando um memorável.

O conceito de resistência, na perspectiva da AD, deve ser pensada como uma prática que se marca na linguagem. Não se trata, como afirma Orlandi (2013), de um ato de voluntarismo do sujeito. No texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, Pêcheux (2016a, p. 281) postula que “não há dominação sem resistência”. Com isso, Pêcheux aponta para, nas palavras de Silva,

pensar a relação entre um dizer e as suas rupturas funcionando simultaneamente, pensando assim a possibilidade do resistir como o espaço do dizer do outro, como o sentido que se move, ainda que em uma fração de segundos, por causa e apesar da interpelação ideológica. (SILVA, 2015, p. 209).

A essa reflexão é necessário incluir a formulação de Pêcheux (2014, p. 278) de que não há ritual sem falhas; nesse sentido, o lapso e o ato falho se relacionam à origem “não detectável da resistência e da revolta”. Aqui se insere, então, a definição de resistência discursiva que será empregada na presente análise, sendo entendida, como a possibilidade de romper sentidos, conforme formulação de Mariani (1998); como possibilidade do comparecimento de outro(s) sentido(s), conforme Lagazzi-Rodrigues; como furo no sentido esperado e a promoção de novos modos de significação.

Nesse sentido, propomos a reflexão: estariam os dizeres de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* fazendo emergir sentidos? Pensar sobre isso implica considerar o papel da memória, entendida, segundo Pêcheux (1999, p. 56), como “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas de conflitos de regularização... um espaço de desdobramentos, réplicas polêmicas e contra-discursos”.

Isso porque a memória – ou interdiscurso – constitui o já-dito (que possibilita tudo dizer), e também é constituída pelo esquecimento, pela falha e isso significa. Assim como a memória tem o papel de atuar na língua como cristizador de sentidos, a língua funciona como meio de resistência nos discursos.

2.5 Por falar de... testemunho

Como se indicou anteriormente, a partir da formulação de Mariani (2016)²³, empreendeu-se a busca por outros textos que tratassem de testemunho, a fim de ampliar o gesto de leitura inicial²⁴, e verificar se era possível considerar discursivamente *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como um testemunho. Nesse sentido, construiu-se os Apêndices da presente pesquisa com informações teóricas levantadas, em caráter inicial, acerca do testemunho, a saber: *A questão do testemunho nas Confissões de Santo Agostinho*, de Pierron (1995), *Testemunho: um acontecimento na estrutura*, de Mariani (2016), ‘*Mas nessa luta se aprende. Se aprende muitíssimo*’. *Testemunho de resistência. Memória*, de Mariani (2021) e *Testemunho: uma breve reflexão sobre ética e estética a literatura judaica*, de Lilenbaum (2007). Haveria em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a transmissão do que foi ter passado por uma experiência traumática²⁵? Esse é o questionamento que inicialmente motivou a presente pesquisa.

A seguir, apresentamos alguns recortes teóricos sobre testemunho a fim de indicar o percurso que nos permitiu encontrar respostas à pergunta acima e realizaremos o batimento entre o gesto de leitura e a teoria. Por meio dos recortes trazidos, pretende-se trilhar o percurso referente ao gesto de leitura empreendido.

Como se propõe uma discussão da ordem do discurso, elencamos algumas SDs a fim de produzir nossa análise. Vejamos:

[SD21]: [...] Vera. Ela disse:

- Faz comida, que eu vou chegar com **fome**.

A frase comida ficou eclodindo dentro do meu cérebro. Parece que o meu pensamento repetia:

Comida! Comida! Comida!

Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom. ... Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome! (JESUS, 2014, p. 175, grifo meu).

A fome, com quem o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* luta diariamente aparece nesse trecho após o pedido/ordem da filha para que a mãe prepare algo para comer. Mas a ausência de alimentos gerou aflição, diante da impossibilidade de atender

²³ Refere-se ao texto *Testemunho: um acontecimento na estrutura*, de 2016.

²⁴ A respeito desse percurso de leitura, constam no Apêndice da presente pesquisa, quadros elaborados a fim de responder ao questionamento proposto.

²⁵ Termo usado a partir da citação apresentada por Mariani (2016, p. 55).

ao pedido da criança. A partir disso, o sujeito retoma o enunciado “dizem que o Brasil já foi bom” e reflete sobre esse dizer. Assim, como “*On a gagné*” (nós ganhamos), enunciado analisado por Pêcheux (1990), [dizem que o Brasil já foi bom] trata-se de um enunciado opaco, afinal, se de um lado restam as perguntas “quem/o quê/como ganhou?” de outro lado, “quem diz/bom para quem?”. O enunciado “dizem que” coloca em dúvida o fato de o Brasil já ter sido bom.

Ao destacar semelhanças entre ela e sua mãe dá-se conta de que apesar de as gerações serem diferentes há em comum o fato de que ambas desconhecem o “Brasil bom” (“meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome!”). A que período poderia se referir o verbo “foi” no pretérito perfeito? A ausência de identificação do sujeito neste caso, parece apontar para uma situação em que, ao se omitir o sujeito, exclui o sujeito que profere o enunciado (Carolina Maria de Jesus) e o ouvinte da possibilidade de ser o sujeito ou de estar envolvido com ele: “*quem diz?*”, “*bom para quem?*”.

O empenho em produzir sentidos positivos sobre a nação pode remeter ao discurso de outra FD que não a do sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, uma vez que negros e pobres escravizados estavam há poucos anos fora do jugo escravocrata, mas continuaram à margem da sociedade; eles não viveram esse período do “Brasil bom”. Quando o sujeito então se propõe a falar, promoveu-se um processo de desidentificação com a FD que afirma “O Brasil já foi bom”. Daí que o testemunho é da ordem do divergente, ao atuar contra a insistência de uma única significação mortífera que vem do outro, conforme apresenta Mariani (2016).

Importante retomar que o sujeito, para a AD, tem constituição complexa, uma vez que é afetado pela ideologia e dividido pelo inconsciente. Nesse sentido, a noção de FD, segundo Pêcheux (2014), é responsável por regular o que pode e deve ser dito.

Na [SD22], o tema continua sendo a fome, mas dessa vez, traz uma nova característica do testemunho: a marca de uma angústia / culpa por ter sobrevivido. Vejamos:

[SD22]: ... Hoje os meninos vão comer só pão duro e feijão com farinha. Eu estou com tanto sono que não posso parar de pé. Estou com frio. E graças a Deus não estamos com fome. Hoje Deus está ajudando-me. Estou indecisa sem saber o que fazer. Estou andando de um lado para outro, porque não suporto permanecer no barracão limpo como ele está. Casa que não tem lume no fogo fica tão triste! As panelas fervendo no fogo também serve de adorno. Enfeita um lar. Fui na dona Nenê. Ela estava na cozinha. Que espetáculo maravilhoso! Ela estava fazendo frango, carne e macarronada. Ia ralar meio queijo para por na macarronada! Ela deu-me polenta com frango. E já faz uns 10 anos que eu não sei o que é isto. ... Na casa de dona Nenê o cheiro de comida era tão agradável que as lágrimas emanava-se dos meus olhos, que eu fiquei com dó dos meus filhos. Eles haviam de gostar daqueles quitutes. (JESUS, 2014, p. 105-106, grifo meu).

Na [SD22], verificamos a angústia e culpa sentidos pelo sujeito ao falar sobre sua vitória contra a fome no dia 3 de agosto de 1958. Isso pode ser observado, respectivamente nos dois blocos de termos destacados a seguir: *a*) indecisa, andando de um lado para outro; permanecer no barracão limpo (angústia) e *b*) espetáculo; fazendo frango, carne e macarronada; fiquei com dó dos meus filhos; e eles haviam de gostar daqueles quitutes (culpa).

Mariani (2016), citando Agamben sinaliza que Primo Levi – autor de *É isto um homem?*, um dos primeiros textos abordados pela analista do discurso sob a ótica do testemunho – identifica que o testemunho envolve a angústia e a culpa por ter sobrevivido. Se durante a *shoá*, era necessário sobreviver ao nazismo, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, o sujeito precisa sobreviver à Fome, contra quem diariamente se vê obrigada a lutar. Em ambos os casos (Levi e Carolina Maria de Jesus), aquele que registra seu testemunho é alguém que discorre sobre a ameaça que o cerca constantemente.

Interessante destacar que a entrada do diário referente à [SD22] já se inicia com o registro de que “pão duro e feijão com farinha” era o cardápio do dia. Sabedora de que esses itens alimentícios eram insuficientes para o sustento dos filhos, demonstra inquietação e angústia ao ver que no barracão onde vivia nada havia para comer além disso. O adjetivo “limpo” aqui, ao invés de remeter a asseio, parece remeter à escassez. Tal metáfora chama a atenção para o fato de não haver nada na despensa / estar sem alimentos para preparar uma refeição digna aos filhos.

Fugindo da realidade de seu barracão, chega à casa de Dona Nenê, onde presencia com deslumbramento, o espetáculo de aromas e sabores de quem tem lume no fogo e as panelas fervendo. É o espetáculo da comida, a heroína que mata sua oponente: a Fome. Enquanto Dona Nenê lhe oferece polenta e frango, algo que não comia há 10 anos²⁶, ela só pode oferecer pão duro, feijão e farinha aos filhos. A culpa e a angústia do sujeito a fazem chorar, por ser ela a única a desfrutar daqueles “quitutes”.

Os dizeres presentes na [SD23] e na [SD24] tratam de mostrar como as adversidades enfrentadas na favela obrigavam os moradores a adotar comportamentos próximos aos dos animais (corvo, porco e rato). Vejamos:

²⁶ Segundo o site *Vida por Escrito*, os filhos de Carolina Maria de Jesus tinham 10, 8 e 5 anos, respectivamente: João José de Jesus, nascido em 1948; José Carlos de Jesus, nascido em 1950 e Vera Eunice de Jesus, nascida em 1954 tinha 10 anos. Seus filhos, portanto, nunca haviam comido o que ela experimentara na casa de dona Nenê. Cf. VIDA por escrito. Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina>>. Acesso em: 16 out. 2022.

[SD23]: [...] Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata *salsa*²⁷ [*salgada*]. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos. Não tinha gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata doce. (JESUS, 2014, p. 41, grifo meu).

[SD 24]: [...] Perguntei a uma senhora que vi pela primeira vez:

– A senhora está morando aqui?

– Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve. Eu sempre ouvi falar na favela, mas não pensava que era um lugar tão asqueroso assim. Só mesmo Deus para ter dó de nós. (JESUS, 2014, p. 48, grifo meu).

Mariani (2016, p. 56) identifica, a partir de *É isto um homem*, de Primo Levi, que o testemunho, em geral, envolve situação em que ocorre *dessubjetivação*, definido como apagamento desse sujeito que testemunha, mediante situações de privação extrema em que retiram dele qualquer vestígio de dignidade para transformá-lo em dejetos / detrito, subtraindo sua humanidade.

Se, em *Testemunho: um acontecimento na estrutura*, Mariani (2016) pontua o conjunto de práticas que extraía dos judeus sua condição de humanos, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a Fome, vista e sentida com mais frequência do que os moradores de Canindé gostariam de encarar, é um dos agentes que forçam os favelados a despir-se da dignidade da pessoa humana²⁸ e aproximar-se a um comportamento animalesco de buscar alimento no lixo, nos rejeitos, como os corvos ou outros animais.

Que sentidos podem ser produzidos pelo dizer [achei um cará no lixo]? Primeiro, retomando o adágio “quem procura acha”, envolve a ação do sujeito em se significar como aquele que procura comida no lixo. Buscar alimento para subsistência neste lugar é reduzir / apagar a dignidade humana, pois animais como ratos, baratas, moscas é que recorrem aos dejetos em busca de alimento. A esse respeito, acrescentamos o artigo 25 da Declaração das Nações Unidas, de 1948, que estabelece que

²⁷ Segundo o dicionário Priberam *on-line*, “salsa” é palavra latina e significa salgada: [herba], erva salgada. Cf. SALSA. In: PRIBERAM. Dicionário da Língua Portuguesa [on-line]. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <[https://dicionario.priberam.org/\[salsa\]](https://dicionario.priberam.org/[salsa])>. Acesso em: 24 ago. 2022.

²⁸ A noção de dignidade da pessoa humana se constitui um dos fundamentos do estado democrático de direito, destacando que a dignidade da pessoa humana merece a devida atenção a expressão surgiu por ocasião da segunda guerra mundial (terror do holocausto) e passou a integrar o diploma legal de diversas constituições nacionais. Cf. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: UNICEF.ORG. [S.l.: s.n.], [1948]. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 5 set. 2022.

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle. (UNICEF, 1948, n.p., grifo meu).

Entretanto, a despeito do que se diga na referida Declaração, há inúmeros seres humanos que não gozam desse direito. Muitos são obrigados a buscar, junto aos dejetos, algo para comer e aplacar a Fome. Da [SD23] (“Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado”), identificamos ao menos dois sentidos possíveis para o verbo “convencer”. O primeiro aponta para um movimento – exitoso – visando convencer alguém de algo (verbo transitivo direto [convencer] + objeto direto [os favelados] + de algo [são animais / precisam imitar o corvo]): os favelados foram convencidos de que precisam imitar os corvos. O segundo sentido aponta para um movimento realizado pelo sujeito “os favelados”. Nesse caso, o verbo pronominal aponta para a ideia de que os favelados passaram a acreditar que precisam imitar um corvo / convenceram a si mesmos de que precisam imitar esse animal²⁹, já que a Secretaria de Assistência Social (braço do Estado) não dava conta de atender a essa demanda popular. Sendo um registro de 1958, período de governo de Juscelino Kubitschek em que a prioridade de sua política era, segundo Figueira³⁰ (2001, p. 380), “o desenvolvimento dos setores de energia, de transportes e de indústrias de base”; as áreas sociais, em que se incluem educação, saúde e a assistência social, ficaram relegadas a um segundo plano.

A menção ao corvo – e não a outro bicho que encontre alimento no lixo – é interessante. Uma característica desse animal é o fato de que sua plumagem é predominantemente preta, assim como a pele do sujeito que realiza esse enunciado, de seus filhos e de tantos outros³¹.

Na [SD23], a menção aos porcos, animais criados em chiqueiros e que metaforicamente representam sujeira e imundície, ressalta a repulsa sentida por viver naquele lugar. Interessante que ao menos dois sentidos possíveis estão em jogo no dizer “tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar para os porcos. Mas se puzessem os porcos aqui, havam de protestar e fazer greve”: o primeiro (que encaminha para a leitura que realizamos e nos levou

²⁹ Segundo reportagem da BBC Brasil, os corvos são animais muito estrategistas na busca por comida. Chegam, inclusive, a “fazer” equipamentos que auxiliem na busca por alimento. Cf. BARANIUK, C. A surpreendente inteligência dos corvos. In: BBC News Brasil. [S.l.: s.n.], 5 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52910678>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

³⁰ Divalte Garcia Figueira é mestre em história pela USP.

³¹ Mais adiante retomaremos essa questão (especificamente no subtópico 3.1.3)

a propor uma noção de assubjetivação³²) é sendo a favela lugar para os porcos os moradores dessa região seriam considerados porcos. Que tratamento se dispensa aos porcos, de que se alimentam? A lavagem que costuma ser dada a esses animais nada mais é que restos de comida, sobras que iriam ao lixo (e não é disso que muitos ali se alimentam?).

Em segundo lugar, ao relacionar protesto e greve, instrumentos usados pela classe trabalhadora para reivindicar melhorias e denunciar injustiças, por meio da interrupção temporária e coletiva de atividades, aos porcos um efeito de sentido produzido seria a atualização de referência à obra de George Orwell, publicada em 1945, e que trata de desigualdades sociais e da concentração de poder. *A revolução dos bichos*³³, dessa vez, se daria com os favelados / pobres assumindo o papel desempenhado pelos porcos no início da revolução empreendida na fazenda.

Um dos aspectos do testemunho identificado no levantamento teórico estabelece relação entre testemunho e tempo. Vejamos a [SD25]:

[SD25]: Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me:

– Leva, Carolina. Dá pra comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fertil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existencia infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (JESUS, 2014, p. 39-40, grifo meu).

Pierron (1995) destaca que o testemunho se constrói com a substância de ontem (do passado), mas se realiza no momento presente. Nessa construção do testemunho, entra em ação o memorável – presença de uma singularidade no rememorar, dada a impossibilidade de tudo dizer e tudo lembrar (MARIANI, 2021, p. 42). Os escritos de *Quarto de despejo: diário*

³² Trataremos da noção que – preliminarmente – formulamos para este conceito mais adiante.

³³ Aqui, refere-se à *Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Obra escrita durante a Segunda Guerra Mundial, período em que eclodiram testemunhos como se mencionou na Introdução desta pesquisa.

de uma favelada estão situados no período entre 1955 e 1960 e, especificamente a [SD21] foi registrada em 21 de maio de 1958, cerca de 5 anos depois do evento descrito ter ocorrido (“em 1953”).

Nas palavras de Lilenbaum,

para Freud, o trauma é uma ferida na memória [...]. A experiência traumática é a que não pode ser assimilada e verbalizada no momento em que acontece. [...] O evento só toma forma posteriormente, após a repetição constante das cenas traumáticas na memória. (LILENBAUM, 2007, p. 140).

Entendendo que a morte do rapaz sem nome que vendia ferros no Zinho se configurou um evento traumático, o testemunho disso só aconteceu muito tempo depois. A esse respeito, Mariani (2021, p. 59) apresenta a formulação lacaniana da “lógica da modulação do tempo no movimento do sujeito”, bem como as suas três instâncias, a saber *o instante de olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir*. No trecho em questão, o dizer “Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena” marca a dificuldade de o sujeito olhar (instância 1); na busca por não olhar, cria a fantasia (“faz de conta”) de que não viu. As instâncias 2 e 3 ocorrem, segundo Lacan, em compasso diferente da temporalidade cronológica (MARIANI, 2021).

Em *Mas nessa luta se aprende. Se aprende muitíssimo* Mariani (2021) introduz a perspectiva de que, segundo Pierron, o testemunho visa transmitir um acontecimento a que não se pode mais assistir. A isso, associamos as instâncias 2 e 3, já que, retomando Lilenbaum (2007) a cena traumática se repete na memória – permitindo sua compreensão – e pode levar à responsabilidade ética do sobrevivente que escolhe “pela justiça, pela crença de que o que aconteceu deve ser vingado pela palavra” (LILENBAUM, 2007, p. 141).

Ao mesmo tempo que o testemunho se caracteriza por falar de algo que aconteceu, formulando sentidos possíveis de serem ditos, produz efeito de presentificação, que como gesto de interpretação produz um passado que se perderia não fosse o registro desse testemunho. O menino sem nome que vendia ferro no Zinho continuaria invisível no pós-morte, assim como o era em vida, mas, nas palavras de Mariani

Entendo que uma forma de produzir visibilidade para os desaparecidos é justamente [...] a de ouvir aqueles que testemunham sobre sua existência, sobre o que é possível de significar o que foi aquela existência modificada abruptamente com a irrupção do acontecimento em sua violência. (MARIANI, 2021, p. 107).

Outro aspecto do testemunho é o fato de falar de um mal-estar, de um sentimento de

não pertencimento, ideia desenvolvida por Mariani em *Fora do lugar: sujeito, língua, cidades*, de 2018, como podemos verificar nas sequências que seguem:

[SD26]: Hoje é a Nair Mathias quem começou imprecisar com os meus filhos. A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. **E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.** (JESUS, 2014, p. 14, grifo meu).

[SD27]: A pior praga da favela atualmente são os ladrões. Roubam a noite e dormem durante o dia. **Se eu fosse homem não deixava os meus filhos residir nesta espelunca. Se Deus auxiliar-me hei de sair daqui, e não hei de olhar para trás.** (JESUS, 2014, p. 188, grifo meu).

Nas duas SDs anteriores [SD26 e SD27], os verbos “mudar” e “sair” apontam para essa ideia de estar fora do lugar. O sujeito expressa esse desejo de buscar um lugar de pertencimento por meio de uma oração subordinada adverbial condicional e de uma súplica a um ser superior por meio do dizer “Se Deus me auxiliar”.

Interessante que o enunciado “Se eu fosse homem não deixava os meus filhos residir nesta espelunca” coloca em jogo o seguinte sentido: se um homem possui filhos, trata-se de um pai (presente ou ausente como os pais dos filhos desse sujeito que profere o enunciado transcrito acima). No discurso religioso, Deus é tido como pai: figura associada ao masculino. Essa construção (Se Deus me auxiliar), então, parece uma reformulação / atualização do dizer religioso “se Deus quiser”. O sujeito ao invés de submeter-se à vontade / ao querer desse pai divino, apenas pede ajuda para sair daquele lugar.

Conforme Pierron (1995), outro dos aspectos do testemunho identificado é o seguinte: testemunhar envolve risco assumido por aquele que ousa testemunhar quando as razões faltam e esse risco assumido pela testemunha condiciona a própria estrutura do testemunho. Vejamos:

[SD28]: Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o **poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.** (JESUS, 2014, p. 39, grifo meu).

[SD29]: Aqui na favela quase todos lutam com dificuldade para viver. **Mas quem manifesta o que sofre é só eu. Eu faço isto em prol dos outros.** Muitos catam sapatos no lixo para calçar. Mas os sapatos já estão fracos e aturam só 6 dias. Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. (JESUS, 2014, p. 36, grifo meu).

A [SD28] e a [SD29] apontam para o que Lilenbaum (2007, p. 141) destacou: o testemunho nem sempre causa o feito esperado de solidariedade. Esse é um dos riscos que a testemunha assume, o de não ter seu testemunho ouvido e/ou compreendido, já que não se está no controle dos efeitos do testemunho / da sua recepção (PIERRON, 1995). O enunciado

“o poeta enfrenta a morte” [SD28] diz desse risco a que o sujeito está submetido; uma morte do esquecimento, do apagamento, da não compreensão, da não escuta daquele que testemunha como forma de lidar com a dor.

Apesar de o testemunho estar centrado no sujeito que enuncia, pois há subjetividade no relatado e o sujeito se compromete com a transmissão singular, a figura do leitor / ouvinte é igualmente importante (MARIANI, 2021, p. 42). A testemunha fala daquilo que viveu e o afirma a partir do memorável (na tensão entre o lembrar e esquecer). O desejo de testemunhar diante do outro se alia à necessidade de esse outro precisar estar atento ao que a testemunha testifica. Assim, no testemunho – realizado em uma via de mão dupla –, a figura da testemunha é privilegiada, mas a do ouvinte/leitor não pode ser desconsiderada. Isso porque o testemunhar é um processo de troca, em que um se propõe a dizer e o outro deseja / se dispõe a receber o que é oferecido.

Conforme Mariani (2018), o testemunho de resistência transmite deslocamentos (porque vai de encontro a sentidos da ideologia dominante) e reviravoltas nos processos de identificação do sujeito. Por transmissão, entende-se relato do que aconteceu com um deslocamento nos processos de identificação e esse processo envolve a produção de efeitos sobre quem ouve.

[SD30]: Quem vem perturbar é o Chico, o Bom-Bril e o Valdemar. O Valdemar levanta de manhã e vem para a favela. Porque este homem não vai trabalhar? Ele não gosta de mim. [...] Eu gostava imensamente da mãe dele. Mas a Dona Aparecida disse-me que foi nós os favelados que deturpamos o seu filho. Mas os homens da favela alguns vão trabalhar. Os outros quando não trabalham ficam na favela. Ninguém chama o Valdemar aqui. É que ele já nasceu com o espírito inferior. [...] Se a gente pudesse escrever sempre elogiando! **Se eu escrever que o Valdemar é bom elemento quando alguém lhe conhecer não vai comprovar o que eu escrevi.** (JESUS, 2014, p. 71, grifo meu).

Por meio da transmissão, que, no testemunho, é algo que fisga (ou não) o sujeito, pode, assim, haver “verdades”, para quem fala e não para quem escuta. Trata-se de uma questão de formação imaginária; a partir dessa formação imaginária, de seu lugar no discurso, do lugar do outro e do que diz, o sujeito toma a palavra a partir de uma posição já constituída historicamente. E o mesmo ocorre com aquele que ouve a testemunha. Por meio da transmissão são produzidos efeitos em quem lê ou ouve dado testemunho. O sujeito da [SD30] goza da ilusão da origem de seu dizer e também na ilusão de uma “única verdade” / único sentido do dizer, numa aparente transparência da linguagem.

O percurso de análise realizado até aqui vem nos conduzindo pelo entendimento de que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de fato pode ser considerado discursivamente

como testemunho. Como já se disse, os estudos de Mariani que trabalham com o testemunho como objeto da Análise do Discurso materialista (em especial os de 2016, 2018, 2021) teceram a compreensão de testemunho que se adota no presente trabalho, conceito entendido como dizeres “necessários e emergenciais, urgentes para sujeitos afetados em suas vidas por uma violência imposta” (MARIANI, 2021, p. 20).

Após alguns anos trabalhando discursivamente com o testemunho, Mariani identifica, sobretudo, a partir de ‘*Mas nessa luta se aprende. Se aprende muitíssimo.*’ *Testemunho de um pai. Memória* (2018), dois tipos de testemunho: o de resistência e o de revolta, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 - Tipos de testemunho

Testemunho de resistência	Testemunho de revolta
- Posição contra “sentidos dominantes das ideologias dominantes”	- Dizer incontido, mas apreensível e analisável
- Urgência do dizer/ objetiva não deixar a violência cair no esquecimento	- Urgência do dizer
- Luta por justiça social	- Marca a posição do sujeito na rede de significantes que o constituem para dizer de si e do laço social
- Sujeito quer falar, ser ouvido e divulgar	- O inesperado do pensamento comparece ao sujeito, fazendo-o enunciar o sentido silenciado do que foi recalcado
- Coloca o acontecimento em circulação (ao dar entrevistas, escrever livro...)	- Flagrado no cotidiano
- Narra o que é possível, demarcando um memorável /Necessidade de narrar	- Surge como acontecimento do dizer – do sujeito – que emerge na estrutura
- É público, materializado em escritos / gravações...)	- É público, materializado em gritos
- Temporalidade do só-depois	- Na temporalidade do calor da historicidade (o agora)

Fonte: Elaborado a partir de Mariani, 2021.

Tendo em vista o que se desenvolveu ao longo deste capítulo, o gesto de leitura que empreendemos aponta para considerar *Quarto de despejo: diário de uma favelada* um testemunho de resistência.

3 ANÁLISES

Como sinaliza Verli Petri (2013, p. 41, grifo meu) “tomar o objeto de análise [...] [*é aceitar*] o desconforto de estar trabalhando com a incompletude e com a contradição – sem ter que trabalhar com oposições e/ou exclusões”. Assim, neste capítulo, a proposta é – da teoria à análise / da análise à teoria – realizar um movimento de ir e vir, agitando processos de produção de sentidos” em SDs de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Após discorrer sobre CPs da obra e destacar conceitos da AD que apontam ao caminho analítico do presente *corpus* (como condições de produção, testemunho, memoriável), desenvolveremos neste capítulo uma análise de dizeres contidos em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A fim de manter o ritmo que propõe a Análise do Discurso (batimento teoria e análise), esses elementos serão postos em cotejo, o que envolverá a retomada de conceitos anteriormente apresentados.

Para a análise que se empreende nesta pesquisa, buscaremos identificar diferentes efeitos de sentido produzidos nos recortes de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, o que envolve a observação de diferentes posições sujeito. Além disso, buscaremos na obra de Carolina Maria de Jesus o testemunho de uma mulher negra, pobre, circunscrita na sociedade brasileira – mais especificamente paulista, urbana – da década de 1960, que tem o intenso desejo de contar, de contar-se em um movimento de resistência que visa ao não esquecimento.

Neste capítulo também se pretende refletir sobre o que – na presente pesquisa – se entende como “acontecimento Carolina”: mulher negra e pobre que adentrou (furou) o espaço letrado androcêntrico, burguês e branco (característico do cenário literário e editorial), escapando / emergindo – ainda que temporariamente – do lugar social a que estava constantemente restrita.

Tendo como ponto de partida a observação de dizeres presentes em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, se buscará responder perguntas propostas na introdução a respeito da imagem construída discursivamente do lugar de onde o sujeito autor fala e do(s) lugar(es) que os outros lhe atribuem. A noção de formações imaginárias proposta por Pêcheux (2016a) também figurará nas análises dos dizeres recortados da obra.

O gesto de análise que ora se empreende propõe uma leitura discursiva, que suspende questões tratadas positivamente como opositivas e excludentes, por exemplo a questão do dizer literário e do dizer ordinário, a fim de contribuir em prol da circulação e divulgação de dizeres de Carolina Maria de Jesus sobre temas cuja discussão necessária segue, ainda hoje,

sendo objeto de “disputa e de luta sangrenta” de sentidos e significações.

A partir de SDs que apontam para práticas sociais instituídas, reafirmamos que a leitura discursiva do texto de Carolina Maria de Jesus permite escapar a essas oposições e exclusões. Mas faz-se necessário tratar sobre o poético e a literatura, ainda que brevemente, pois em diversos dizeres de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, há um quê de poético.

A esse respeito, Eduardo Rodrigues e Luiza Castello Branco (2020)³⁴ sinalizam a importância de reter o olhar no sentido de “poético”. Para além da aparente obviedade / transparência do termo, os autores transcrevem reflexão de Pêcheux (2015), em *Análise de discurso*, texto em que reconhecem o poético como um deslizamento da própria linguagem. Com isso, ao poeta caberia esticar tal propriedade da linguagem até o limite.

Reconhecendo, então, como Rodrigues e Castello Branco (2020) que o poético marca a “regularidade e o fundamento da incompletude da língua”, destacamos como já se mostrou neste trabalho que o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* se significa como poeta. Nesse sentido, os recortes feitos para o percurso de análise que propomos aqui apontam não para a separação estanque entre a língua ordinária e a “língua” poética, mas dizem da compreensão da relação entre a língua e o poético. Assim, como afirmam Rodrigues e Castello Branco (2020, p. 176) o “poético existe (como efeito) não existindo (como exterioridade irreduzível)”.

Retomando Petri (2013) é importante reconhecer que a AD não se ancora em uma metodologia única ou fácil de descrever, o que não significa a ausência de método de análise ou que o desenvolvimento de um dispositivo teórico-analítico possa ser feito por “qualquer um”. Isso porque há um passo a passo, que envolve a teoria e a mobilização de noções a fim de constituir a análise, a qual passamos a realizar a seguir.

3.1 Gesto(s) – inicial(is) – de interpretação / eixos temáticos

Antes de iniciar propriamente o capítulo destinado às análises, faz-se necessário

³⁴ Eduardo Alves Rodrigues e Luiza Castello Branco em *Ousar (re)ler o poético: uma experimentação teórica*, texto que integra o e-book *Linguagem, arte e o político*. Nele, os autores fazem / propõem uma leitura interessante a respeito do efeito do poético na língua. Cf. RODRIGUES; CASTELLO BRANCO, 2020, p. 153-178.

ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar processos de produção de sentidos em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A obra é riquíssima e nos oferece muitos recortes para trabalhos posteriores.

A partir deste tópico, pretende-se percorrer um caminho de análise, desenvolvendo um breve estudo, em que serão analisados os seguintes eixos temáticos: reticências e silêncios, questões de gênero, racismo, favela *versus* Cidade e Fome. No batimento teoria e prática, mobilizaremos as noções de formação imaginária, já que o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz (ORLANDI, 2013).

3.1.1 Por falar de... reticências e silêncios

As reticências costumam ser empregadas para denotar diferentes efeitos, entre os quais se incluem: marcar incompletude / interrupção de pensamento; indicar que dada informação ficou em suspenso; marcar que os fatos se deram com intervalo temporal; sinalizar que se trata de algo sobre o qual se hesita enunciar e, no discurso direto, ainda, podem assinalar que o interlocutor assumiu a palavra, interrompendo o emissor/enunciador. Indicam, assim, algum tipo de supressão.

Como o foco da presente pesquisa é o processo de produção de sentidos – e não a investigação gramático-normativa do uso das reticências, neste tópico, pretendemos analisar o funcionamento discursivo desse sinal de pontuação.

Pretendemos, então, identificar possíveis efeitos de sentido produzidos pelas reticências em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e sua possível relação com a produção de silêncios.

Para iniciar, apresentamos duas SDs em que as reticências foram usadas:

[SD31]: Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pessimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...). Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha. Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. (JESUS, 2014, p. 12, grifo meu).

[SD32]: Quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casa de tijolos. Hoje os favelados estão apreciando os briguentos. São dois irmãos. O Vicente e o João Coque. Lá em frente ao Mercadinho estão brigando dois baianos, e são irmãos. Nem parece que geraram no mesmo ventre.

... Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnancia. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que não morto todos ficam pobres. (JESUS, 2014, p. 55, grifo meu).

Na [SD31], as reticências marcam alteração no sentido / tema do que está sendo dito, já que passou de um desabafo sobre preocupações e insatisfações em relação a sua vida para a descrição da ação que empreendia. Marca-se a passagem de um fluxo de pensamentos para um fluxo de ações. O uso dos parênteses também pode indicar que houve um hiato temporal entre o que se diz antes e depois das reticências. Ocorre também na [SD32] de o sujeito indicar a mudança no assunto sobre o qual registra (do tema briga na favela passou à apresentação da forma como os moradores da cidade veem os moradores da favela).

Outro sentido das reticências observado em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* relaciona-se a estudo desenvolvido por Elzira Divina Perpétua (durante o Mestrado e o Doutorado), que tratou das relações publicitárias, contextuais e editoriais de produção e recepção do referido diário de Carolina Maria de Jesus. Em seu trabalho, Perpétua (2002) cotejou manuscritos de Carolina Maria de Jesus e a versão publicada no livro, encontrando supressões inúmeras, decorrentes do processo de editoração.

A seguir, apresentamos trechos em que o emprego de reticências, segundo o gesto de leitura que empreendemos, marca a supressão de trechos em decorrência de provável alteração empreendida devido a mecanismos publicitários / editoriais, que antecederam a publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São os seguintes:

[SD33]: 12 de julho ... Fui no Frigorifico, ganhei uns ossos. Estou indisposta. Comprei dois pães doces para o João e a Vera. Catei uns tomates. Encontrei um preto iducado e elegante no falar. Disse-me que reside em Jaçanã. (JESUS, 2014, p. 91, grifo meu).

Na [SD 33], o registro do dia 12 de julho já se inicia com as reticências. Perpétua (2003) sinaliza que uma das justificativas dadas por Audálio Dantas³⁵ para o grande número de supressões apoia-se no fato de que a autora tudo repetia, na ânsia de escrever tudo, em busca de testemunhar sem que tudo possa dizer.. Entretanto, a despeito da justificativa de evitar repetições (enfadonhas?) provocou-se um silenciamento de quem buscava falar e ter

³⁵ Importante sinalizar que eventual menção ao nome do editor responsável pela publicação do livro, nos comentários tecidos sobre alterações / supressões no texto de Carolina Maria de Jesus, pretende apenas marcar o funcionamento da prática editorial e não uma crítica ao jornalista. Pelo contrário, na presente pesquisa, reconhece-se, como pontuou a professora Luiza Katia Castello Branco, durante a qualificação que “Carolina encontrou Audálio Dantas na favela, ela o achou”. Com a colaboração dele, conseguiu adentrar de alguma forma o universo editorial / literário brasileiro.

sua voz ouvida. No gesto de leitura adotado, os possíveis recortes do editor seriam uma forma de, pelo menos, estabelecer o quê / como esse subalterno poderia falar (SPIVACK, 2014) – já que não se poderia evitar que falasse. Na sociedade brasileira, paulista, urbana, da década de 1960, uma mulher-negra-pobre tem possibilidade de falar? E se o consegue, por quanto tempo o faz? E teria valor a fala de alguém que ocupe esse lugar triplamente marcado?

Esses questionamentos nos remetem ao que a AD caracteriza como a memória discursiva / interdiscurso em funcionamento. Parece-nos que o sujeito discursivo, na posição de editor-homem-branco, projetou a imagem que faz de si e, conseqüentemente, o lugar do outro (mulher-negra-pobre-pouco-escolarizada). Aproveitamos para destacar que as reticências são bastante recorrentes na obra³⁶, possivelmente marcando a presença desse outro que faz intervenção.

Além deste sentido posto em funcionamento (o de remeter à ação editorial), as reticências aparecem em dizeres do próprio sujeito. Como afirma Orlandi (2013) esse sinal de pontuação não marca apenas o vazio, mas se trata de um signo que indica a presença de uma ausência. Vejamos a seguir alguns enunciados com reticências e indicação de possíveis efeitos de sentido produzidos:

[SD34]: Fui no rio lavar roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o esposo tratam-se com iducação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela também ia lavar roupas. Ela disse-me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia preso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para ele na cadeia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. (JESUS, 2014, p. 22, grifo meu).

[SD35]: Tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo. Conversei com uma senhora que cria uma menina de cor. É tão boa para a menina... Lhe compra vestidos de alto preço. Eu disse:

- Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos.

A senhora disse que cria a menina desde 9 meses. E que a negrinha dorme com ela e que lhe chama de mãe. (JESUS, 2014, p. 24, grifo meu).

[SD36]: O Senhor Ireno disse-me que esta noite houve roubo na favela. Que roubaram roupas da D. Florela e mil cruzeiros de D. Paulina. O meu barracão também está sendo visado. Duas noites que não saio para catar papel. Para evitar aborrecimentos, eu levei o radio para a casa de D. Florela. E eu que estou querendo comprar uma maquina de costura... (JESUS, 2014, p. 27, grifo meu).

[SD37]: Deixei o leito às 5 horas e fui pegar agua. Era só homens que estava na torneira. Ninguem falava. Enchiam as vasilhas e saíam. Pensei: se fosse mulheres... (JESUS, 2014, p. 137, grifo meu).

³⁶ Esta não é uma pesquisa quantitativa, mas chamou-nos atenção o fato de haver presença reiterada de reticências na obra – praticamente em toda página havia, ao menos uma vez, o emprego desse sinal de pontuação. Nessa busca por processos de produção de sentido, chegamos aos estudos de Perpétua (2002, 2003). No início da presente pesquisa, realizou-se a contagem da frequência de uso de reticências, e, na ocasião, foram localizadas ao menos 400 ocorrências. Depois, abandonou-se essa iniciativa.

[SD38]: Deixei o leito as 5 horas e fui carregar agua. Olhei o barraco da Leila. Vi o José do Pinho no meio das vagabundas. Pensei: um moço tão bonito... (JESUS, 2014, p. 139, grifo meu).

[SD39]: Quando eu deixava o leito a Vera já estava acordada e perguntou-me:

- Mamãe, é hoje que eu faço anos?

- É. E meus parabens. Desejo-te felicidades.

- A senhora vai fazer um bolo para mim?

- Não sei. Se eu arranjar dinheiro... (JESUS, 2014, p. 182, grifo meu).

[SD40]: Comprei 20 de carne gorda, porque eu não tenho gordura. Passei no empório do senhor Eduardo para compra 1 quilo de arroz. Deixei os sacos na calçada. A Vera pois a carne em cima do saco, o cachorro pegou. Chinguei a Vera.

- Ordinaria, preguiçosa. Hoje você vai comer m...

Ela dizia:

- Deixa, mamãe. Quando eu encontrar o cachorro eu bato nele. (JESUS, 2014, p. 186, grifo meu).

[SD41]: Vesti os meninos que foram para a escola. Eu saí e fui girar para arrancar dinheiro. Passei no Frigorífico, peguei uns ossos. As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros.

Até eu digo que é para os cachorros... (JESUS, 2014, p. 105, grifo meu).

Na [SD34], as reticências parecem assinalar expressão de alegria / contentamento, marcando envolvimento emocional. Na [SD35], os dizeres “Conversei com uma **senhora que cria uma menina de cor. É tão boa para a menina...**” seguido de reticências parece marcar surpresa: apesar de omitir o adjetivo “branca”, é possível perceber que se trata do espanto diante de um fato inusitado para o sujeito autor, a saber, branco cuidando de negro, de forma afetuosa e não apenas numa relação utilitarista. Na FD em que se inscreve e diante daquilo que testemunha diariamente, os brancos não costumam agir dessa forma. O dizer “E eu que estou querendo comprar uma maquina de costura...” seguido de reticências, presente na [SD36] marca certa hesitação e tristeza, já que saber que seu barracão era visado por ladrões levou-a a tirar de lá o que tinha de valor (o rádio) e a repensar a aquisição da máquina de costura.

Segundo Orlandi (2012), nas três SDs seguintes, as reticências parecem dar lugar ao efeito leitor, uma vez que pontuam uma ausência. O dizer “se fosse mulheres...” ([SD37]) aciona memória discursiva relativa às diferenças entre os gêneros, já que, ao descrever a ação diária de buscar água em um dia em que só havia homens e também silêncio, sugere uma oposição no cenário caso houvesse um grupo de mulheres por lá. Na [SD38], o dizer “Vi o José do Pinho no meio das vagabundas. Pensei: um moço tão bonito...” aponta para a pontuação como o lugar em que aparecem pontos de subjetivação do sujeito (ORLANDI, 2012a). O trecho parece deixar em suspenso um possível julgamento a respeito de José do Pinho. Haveria também a mobilização do interdiscurso quanto ao que se costuma esperar / desejar às pessoas ditas bonitas tendo em vista o padrão estético predominante. Na [SD39], a partir do dizer “se eu arranjar dinheiro” seguido das reticências, entendemos conforme

Orlandi (2007b), que o silêncio marca o ritmo entre o dizer e o não dizer, ativando uma das aflições que ocupam pensamentos do sujeito autor: suprir a necessidade de seus filhos.

Passaremos às duas últimas SDs. Em ambas, aparece a presença de um cachorro. Na [SD40], as reticências parecem produzir ao menos dois sentidos possíveis. No primeiro deles, pode indicar que a fala da mãe foi interrompida pela manifestação de Vera Eunice, que, na tentativa de eximir-se da responsabilidade quanto à perda da carne, apressa-se em indicar o que faria assim que encontrasse o cachorro larápio. O outro sentido pode apontar à supressão do complemento da palavra (da qual sabemos apenas a primeira letra) por se tratar de termo impregnado de carga semântica potencialmente negativa; as reticências, por meio do silêncio podem marcar a revolta, em que o silêncio recorta o dizer (ORLANDI, 2007).

A [SD41] aponta para a dificuldade de reconhecer que devido à escassez de recursos (“fui girar para arrancar dinheiro”), foi necessário recorrer a sobras que não se destinam ao consumo humano (“peguei uns ossos”). Essa situação causa pudor / vergonha a ponto de as mulheres que vasculham o lixo procurando alimento dizerem que o que encontrarem será destinado aos cachorros. O sujeito autor do diário também se identifica com a situação das mulheres e usa a palavra denotativa de inclusão “até” no dizer “Até eu digo que é para os cachorros...” que diz a partir do silêncio das reticências e da indicação do destinatário da carne (cachorro). Sendo a carne oriunda do lixo usada, em realidade, para consumo humano, pode ser lido como parte de uma tentativa de negar – a si mesmo – que sua realidade socioeconômica obriga a adoção de alguns comportamentos indesejáveis.

Ainda sobre o silêncio, Orlandi (2007b, p. 33, grifo meu) trata da etimologia da palavra *silentium*, referida a *silens*, que significa “[o] que se cala, silencioso, que não faz ruído, calmo, que está em repouso, sombra etc”. E continua: “*sileo* não designava propriamente silêncio mas “tranquilidade”, ausência de movimento ou ruído. Assim, “estar em silêncio” equivaleria a “estar quieto”. No trecho a seguir, o silêncio do sujeito – silêncio considerado em sua dimensão política, conforme Orlandi (2007b) –, parece uma concessão à “retórica da dominação (a da opressão)”. Vejamos:

[SD42]: ... Eu estou cansada e enojada da favela. Eu disse para o senhor Manoel que eu estou passando tantos apuros. O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome do Diário, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma destas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escandalo?

- Dá dinheiro para a tua filha! (JESUS, 2014, p. 178, grifo meu).

Se bem que não há reticências nesse trecho, há um funcionamento discursivo que

envolve uma das formas do silêncio tal como propõe Orlandi (2007b). A esse respeito, destacamos o dizer “Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome”, em que o pronome “ele” remete ao pai de Vera Eunice. Observamos que um dos efeitos que esse silêncio provoca é o de equiparar o pai de Vera Eunice aos pais de José Carlos e João José: nenhum deles teve nome exposto no livro. Apesar de um deles possuir condição social e econômica favorecidas (ao que parece, situação distinta dos demais), seu nome – a pedido – ficou silenciado ao longo da obra, assim como os dos outros dois homens com quem teve filhos.

Retomando o significado etimológico para o silêncio apresentado por Orlandi (2007b) como aquilo que não faz ruído, é possível associá-lo ao dizer “E se eu fosse uma destas pretas escandalosas”, que remete à postura assumida pelo sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de manter-se sem fazer ruído ou movimento, como resultado de um esforço por atender ao pedido do pai de Vera Eunice. (Nesta leitura, destaca-se o paralelo entre os dizeres “Podia reconhecer o meu silêncio” e “pretas escandalosas: apesar do desejo de fazer barulho, recolheu-se ao silêncio).

3.1.2 Por falar de questões de gênero (Masculino e Feminino)

O eixo temático que trabalharemos aqui é o relativo aos gêneros, como se anunciou anteriormente. Para iniciar, retomamos a fala de uma ex-ministra brasileira responsável por mulheres, família e direitos humanos³⁷ que bradava “menina veste rosa e menino veste azul” e (re)afirmamos que as noções de feminino e masculino são fruto de construção cultural, histórica, social e ideológica. Neste tópico, analisaremos, discursivamente, as relações entre gêneros na sociedade brasileira paulistana da década de 1960 a partir de dizeres de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Partindo do princípio de que a perspectiva cria o objeto e de que, em geral, a perspectiva masculina significa a mulher³⁸, ou melhor, o objeto-mulher, cabe a reflexão: como se constroem as imagens do que é ser mulher na sociedade paulistana, patriarcal, machista, branca, oligárquica de 1960? Dispomos a seguir algumas SDs que se destacaram em

³⁷ Cf. EM VÍDEO, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. In: G1. [S.l.: s.n.], 3 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>>. Acesso em: 3 set. 2022.

³⁸ Aqui, faz-se referência – com algum deslocamento – a Saussure e à expressão a “perspectiva cria o objeto”.

nosso *corpus* e apontam para as formações imaginárias, discursivas e ideológicas referentes à relação masculino e feminino. Posteriormente, realizaremos as análises:

[SD43]: Elas [mulheres da favela] alude que eu não sou casada. Mais eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. [...] E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. [...] Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. (JESUS, 2014, p. 16).

[SD44]: E o pior na favela é o que os meninos presenciam. Todas as crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua na rua. (JESUS, 2014, p. 45).

[SD45]: Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. *Só lia os nomes masculinos como defensor da patria*. Então eu dizia para a minha mãe:

– porque a senhora não faz eu virar homem? (JESUS, 2014, p. 53-54).

[SD 46]: Ouvi dizer que o Anselmo pulou a cerca e saiu pelo fundo. Eu disse que eu queria ser homem, porque assim eu podia quebrar e bater. Então um homem respondeu:

- Eu queria ser mulher, mas só de dia.

E todos sorriram. (JESUS, 2014, 2014, p. 112).

[SD47]: Encontrei com o motorista que veio despejar a serragem aqui na favela. Convidou-me para entrar no caminhão. O motorista loiro perguntou-me se aqui na favela é fácil arranjar mulher. E se ele podia ir no meu barracão. O motorista disse-me que ele ainda estava em forma. O ajudante dizia que o motorista já havia aposentado. (JESUS, 2014, p. 152).

[SD48]: Fui no senhor Eduardo comprar querosene, óleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto perguntou-me se eu sabia ler. Disse-lhe que sim. Ele pegou o lapis e escreveu:

A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo?

Eu li e entreguei-lhe, sem dizer nada. (JESUS, 2014, p. 118).

[SD49]: Quando eu voltava encontrei com o Nelson da Vila Guilhermina. Disse algo que eu não gostei. Fingi que não compreendi o que ele dizia.

– Mas você é tão inteligente e não compreende porque que é que eu ando atrás de você? (JESUS, 2014, p. 84).

[SD50]: Fiquei horrorizada porque a mulher que estava com o Lalau é casada. Pensei: que mulher suja e ordinária! Homem por homem, mil vezes o esposo.

Creio que um homem só chega para uma mulher. Uma mulher que casou-se precisa ser normal. (JESUS, 2014, p. 126).

[SD51]: A favela é o quarto das surpresas. Esta é a quinta mulher que o Alcino traz aqui na favela. E a sua esposa quando vê, briga. (JESUS, 2014, p. 51).

[SD52]: Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos. (JESUS, 2014, p. 87).

[SD53]: Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (JESUS, 2014, p. 22).

Na [SD43], por meio dos dizeres “Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas”, “elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor” e “Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas” o sujeito autor se orgulha de, por não ter um homem ao lado, estar livre de agressões de variadas ordens, como a econômica, a física e a social, respectivamente, tão comuns no cotidiano de Canindé. As expressões “ser obrigada a” e “ter que”, que apontam para imposições das quais não se pode

escapar – pelo menos não sem dificuldade – aliadas à referência à vida das mulheres indianas, caracterizada como “vida de escrava” vão ao encontro do imaginário fomentado, principalmente pela FD religiosa de que a mulher precisa casar-se e que, de alguma forma comparece na SD em análise por meio do dizer das outras moradoras da favela que fazem referência a essa “pendência” na vida de Carolina, que não atendia ao roteiro ideológico de determinada FD religiosa/tradicional/patriarcal e por aparelhos ideológicos do estado (como a instituição religiosa / igreja), como se fosse o único ou o melhor para as mulheres. O uso da conjunção “mas” relaciona o fato de não ser casada e ser mais feliz que as mulheres da favela que o são. O dizer “eu não sou casada. Mais [mas] eu sou mais feliz do que elas” situa o sujeito em posição de desidentificação com tal FD. Interessante que se tenha colocado em oposição “tambor” e “valsa vienense”, que remetem a tipos de sons diferentes: um aponta para batidas mais duras, à rigidez e o outro para a leveza e a suavidade. Em nosso gesto de leitura, trata-se de mais uma marcação no sentido de opor ser casada *versus* não ser casada.

A [SD44] também traz a questão da violência que assola a mulher casada. O dizer “Todas as crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher” aliado a “para não apanhar sai nua na rua” falam de uma dupla violação: além da física, a da intimidade. A formação ideológica (como a FD religiosa) que autoriza a hierarquia do homem sobre a mulher leva a abusos nesse sentido, que, muitas vezes culminam em feminicídio.

O sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* registra inúmeras práticas sociais resultantes de uma formação patriarcal, que prega uma visão machista sobre mulheres, visão que se faz presente em falas, condutas e posturas. Na [SD45], tem-se a escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, atuando para reforçar discurso único. No dizer “[...] eu lia a História do Brasil e [...] **Só lia os nomes masculinos** como defensor da pátria”, marca-se uma atualização de memória discursiva que insiste no apagamento da mulher em determinados espaços. Nesse trecho em que relata de sua infância, o sujeito autor observa que, por meio da negação e da desvalorização, do apagamento e do silêncio, as mulheres haviam sido postas à margem dos grandes feitos sociais e históricos. Como afirma Brandão (2012, p. 95) “a toda formação discursiva se vê associar uma memória discursiva” e nesse caso à FD religiosa e machista interessa a reprodução desse discurso. Lembremos, por exemplo, de que na narrativa bíblica as mulheres sequer eram contadas; algumas poucas chegaram a ter seu nome mencionado.

Na [SD46], o sujeito manifesta o funcionamento de dada FD que autoriza o homem a “bater e quebrar”. No gesto de leitura que empreendemos, no dizer “eu queria ser homem, porque assim eu podia quebrar e bater” o sujeito enunciador, ao querer fazer-se homem para

intervir de modo diferente nas práticas sociais, buscava um lugar social / discursivo diferente do que ocupava. Assim, o sujeito-autor ao se deparar com limitações relativas à posição sujeito que ocupa, a compara com àquela associada ao conjunto de sentidos que se associam à figura masculina, o que a leva a buscar ocupar esse lugar de força e potência; em outras palavras, esse lugar marcado pelo masculino, segundo FD predominante na sociedade brasileira, paulistana da época – e que persiste até hoje.

Por outro lado, o homem que afirma, em tom de brincadeira, desejar ser mulher, desde que isso ocorresse apenas durante o dia também deixa antever uma imagem do feminino vigente (e que permanece até hoje). Por que motivo não se quereria ser mulher durante à noite? Porque durante o dia ela ‘até’ pode levar uma vida – relativamente – independente, mas à noite, vê-se submetida aos caprichos masculinos, retomando as SDs [SD43] e a [SD44].

Dos dizeres “perguntou-me se aqui na favela é fácil arranjar mulher. E se ele podia ir no meu barracão”, “A senhora é casada? Se não for, quer dormir comigo?”, e “Mas você é tão inteligente e não compreende porque que é que eu ando atrás de você?”, presentes nas [SD47], [SD48] e [SD49], destacamos o verbo “arranjar” que aponta para a forma como o sujeito enunciador (homem) se vê e, principalmente, para a forma como significa a mulher. As investidas desse sujeito que “convida” para dormir junto e que anda atrás de um rabo de saia o situam em uma FD que considera a mulher um objeto destinado a satisfazer caprichos e desejos masculinos. Isso avalizaria que a mulher estivesse sujeita a diversas formas de importunação sexual, como mostra a [SD49] no dizer “[*Nelson da Vila Guilhermina*] disse algo que não gostei”. Nessa sequência, o sujeito autor optou por silenciar o que ouviu (ao empregar o pronome indefinido *algo*) e diante do que ouviu (ao fingir não compreender). Diante do silêncio em negativa ao que propôs, o sujeito enunciador passa a adotar uma argumentação *ad hominem*³⁹ em que parte para o insulto e a ironia visando ofender a mulher que o recusara. Isso fica bem marcado com o uso do “mas” seguido de uma afirmação direcionada a uma característica pela qual a interlocutora era conhecida para buscar desgastá-lo.

Na [SD50], ao avaliar o comportamento da mulher, há adjetivos carregados de carga semântica negativa (suja e ordinária), já na [SD51], ao tratar do comportamento masculino, houve apenas a descrição do fato (É a quinta mulher que o Alcino traz aqui na favela) – sem emissão de juízos de valor. Apesar de em ambas as SDs o tema ser adultério, conforme variasse o gênero do sujeito infiel a abordagem por parte do sujeito autor foi bem diferente.

³⁹ Cf. GARCIA, 2006, p. 380-383.

Essa contradição do sujeito em rejeitar a prática do adultério, se cometida por mulher, se ancora nas FDs machista e religiosa, que postulam fidelidade à mulher casada. Isso porque, para a FD religiosa (cristã), o adultério constitui prática condenável e que a população brasileira além de se autodeclarar majoritariamente protestante / católica, também se inscreve numa FD machista, que autoriza a infidelidade masculina como demonstração de virilidade. Tal dinâmica reafirma que as relações sociais são também relações de poder. A imagem da mulher que predominava na sociedade paulista de 1960 e persiste até hoje não surgiu do nada; pelo contrário, foi constituída na tensão do político com o simbólico, “em processos que ligam discursos e instituições” (ORLANDI, 2013, p. 42).

Da [SD50], destacamos, ainda, o dizer “Uma mulher que casou-se precisa ser normal”, em que o enunciado “ser normal” é determinado por sentidos de “aquiescer à lógica machista e religiosa dominante”, em que se espera que as mulheres sejam “boas esposas”, o que inclui dominar os afazeres domésticos e manter-se atraente para o seu respectivo homem. O efeito produzido pelo adjetivo “normal” ativa o funcionamento do ideário de bela, recatada e do lar⁴⁰, que envolve manter uma conduta moral impecável dentro dessa FD.

O tema maternidade, também associado ao feminino, aparece na [SD52] e [SD53]. No dizer “Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos” identifica-se um desabafo, uma revolta. A revolta por ter “arranjado estes filhos” se ancora tanto na FD religiosa quanto na FD machista, que atribuem à mulher a responsabilidade exclusiva pelos filhos, desde a concepção (como se não houvesse a participação masculina nesse processo biológico) até o cuidado com as crianças. “Golpe da barriga”, “engravidou porque quis” são outros enunciados pertencentes a essas FDs que se manifestaram no discurso desse sujeito. Na [SD53], o dizer “Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu” estabelece um contraponto com o dizer da [SD52] fruto da contradição que constitui o sujeito, ora quer livrar-se dos filhos, ora preocupa-se e por eles quer zelar.

⁴⁰ A formulação adjetivadora (bela, recatada e do lar) integrou título de artigo da Revista Veja – “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, escrito por Juliana Linhares e publicado em 18 de abril de 2016. Cf. LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. In: VEJA. [S.l.: s.n.], 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 16 out. 2022]. A partir da publicação, a expressão ganhou notoriedade nas mídias sociais e desencadeou discussões em AD. Dentre os estudos e artigos produzidos sobre o tema, encontra-se: FONTANA, M. G. Z. Argu(meme)ntando: Argumentação, discurso digital e modos de dizer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO, 3., 2016, São Cristóvão. *Resumos...* São Cristóvão: UFS, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9kyygU147nw>>. Acesso em: 5 set. 2022. E também o artigo de Lucília Maria Abrahão e Sousa com Dantielli Assumpção Garcia, intitulado *Bela, recatada e ‘do lar’*: efeitos metafóricos na trama do político. Cf. SOUSA; GARCIA, 2019, p. 163-177. Acesso em 16 de outubro de 2022.

A partir de SDs de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, elaboramos o quadro abaixo em que foram incluídas FDs referentes a questões de gênero que se destacaram no *corpus*:

Quadro 3 - Quadro de formações imaginárias – Feminino e Masculino (A)

Feminino e Masculino	
Imagem do sujeito sobre o outro – mulheres da favela	<ul style="list-style-type: none"> - Têm marido - São obrigadas a pedir esmolas - Apanham - À noite pedem socorro - Levam vida de escravas indianas - São sujas e ordinárias, caso tenham envolvimento amoroso com outro homem além do parceiro
Imagem do sujeito sobre o outro - homens	<ul style="list-style-type: none"> - Defendem o Brasil - Têm nome nos livros de história - Lhes é permitido quebrar e bater - São obscenos, pornográficos e estúpidos - Pensam que são mais inteligentes do que os outros - Importunam mulheres - Veem mulher como mercadoria - Gozam de posição confortável para assediar mulher - Não devem gostar de mulher que goste de ler e escrever - Traem suas parceiras

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A imagem que o sujeito autor faz de si aponta para um deslocamento, em relação ao que se diz das mulheres da favela, com as quais convive. Analisemos as Sds a seguir:

[SD54]: Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. Ele deu-me 50 cruzeiros e eu paguei a costureira. (JESUS, 2014, p. 49).

[SD 55]: Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. (JESUS, 2014, p. 22).

O dizer “prefiro viver só para meu ideal”, da [SD54], aponta para um distanciamento em relação às FDs religiosa e machista que difundem o cuidado com o lar e o marido como o ideal de vida da mulher. E ao assumir o seu ideal (não um modelo externo, mas algo que lhe traz vida) e por viver para o seu ideal, destaca-se por saber conversar, se sobressai na exposição de ideias e na arte da conquista, o que é motivo de crítica advinda de sujeitos circunscritos em outra FD. Note-se o movimento pendular em relação às FDs machista e

religiosa uma vez que ora se identifica ora se contraiidentifica com tais FDs que entendem “o lugar da mulher” de outra forma.

Ao ser a mulher que gosta de escrever e de ser a mulher do ler (e não a “do lar”) o sujeito se significa como mulher que tem o que dizer. Seus escritos tornaram-na a face pobre e marginalizada da moeda do progresso proposto por Juscelino Kubitschek, ao compartilhar seu testemunho, que não dizia apenas de si, mas de um sem-número de migrantes e moradores de periferias à margem do “castelo-cidade” São Paulo.

Considerando que ao enunciar, o sujeito se encontra inserido em dada formação imaginária e constrói, a partir dela seu dizer, apresentamos a seguir, leituras possíveis das formações imaginárias do sujeito em relação ao *eu Carolina* que se significa e se projeta no discurso. Vejamos, então, – como se anunciou na Introdução – de que forma o sujeito se posiciona ao tomar a palavra no discurso.

Quadro 4 - Quadro de formações imaginárias – Feminino e Masculino (B)

Feminino e Masculino	
Imagem que o sujeito faz de si	Mulher Foi iludida com os homens e arranjou os filhos É mais feliz do que as mulheres casadas da favela / Não inveja as mulheres casadas Fica tranquila à noite e ouve valsas vienenses. Não casou e não está descontente. Sonhava ser homem para defender o Brasil Não quer (homens) porque já está na maturidade Prefere viver só para o seu ideal: escrever É pobre e não tem dinheiro para pagar Pobre lixeira. Não pode resolver nem as minhas dificuldades Está ao lado do pobre

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

3.1.3 Por falar de racismo

Apesar da insistência em se repetir que “não há racismo no Brasil” ou que “vivemos numa democracia racial”, a prática de discriminação, preconceito e racismo se faz presente – tanto na sociedade paulista de 1960 quanto na atualidade. Sendo o sujeito autor desta obra

entendida como testemunho ocupante dos lugares de mulher e de negra, avaliamos importante incluir esse eixo temático.

Neste tópico, então, pretende-se observar de que forma o racismo figura em dizeres de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Na sequência, apresentaremos algumas SDs que apontam para formações imaginárias, discursivas e ideológicas referentes ao eixo temático raça / racismo. Posteriormente, as análises serão realizadas:

[SD56]: E a L. fez um fuá do diabo. Ela estava dormindo com o Valdemar quando o Arnaldo chegou. Era 2 horas. O Arnaldo dizia:

- Vai embora, Valdemar! A negra é minha!

O Valdemar respondia:

- A negra é nossa! Eu cheguei primeiro. (JESUS, 2014, p. 167).

[SD57]: Mas eu não gosto de negociar com portugueses. Eles não tem educação. São obcenos, pornograficos e estupidos. Quando procura uma preta é pensando explorá-la. Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros. O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de figado se ela lhe aceitasse. (JESUS, 2014, p. 93).

[SD58]: ...Enquanto eu estava na rua o Alexandre maltratou a mãe do soldado Edison. Quando eu cheguei ele começou insultar-me:

- Negra suja. Ordinaria. Vagabunda. Lixeira.

Eu não tenho paciencia, lhe chinguei, joguei-lhe um vidro no rosto. Ele fechou a janela. Abriu outra vez, eu lhe joguei uma escova de lavar casa. Ele fechou a janela. (JESUS, 2014, p. 98).

[SD59]: O Seu João veio buscar as folhas de batatas. Eu disse-lhe:

- Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno.

... Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:

- Está escrevendo, negra fidida!

A mãe ouvia e não reprendia. São as mães que instigam. (JESUS, 2014, p. 26).

[SD60]: ... Eu estava chingando o senhor Manoel quando ele chegou. Deu-me boa noite. Disse-lhe:

- Eu estava te chingando. O senhor ouviu?

- Não ouvi.

- Eu estava dizendo aos filhos que eu desejava ser preta.

- E você não é preta?

- Eu sou. Mas eu queria ser destas negras escandalosas para bater e rasgar as tuas roupas. (JESUS, 2014, p. 135-136).

Na [SD56], o dizer “a negra é minha” remonta para a ideia de posse; a ideia de um corpo como posse. E não apenas o corpo feminino, mas o corpo feminino negro. Tendo em vista a ideologia racial que pavimentou a sociedade brasileira durante o período escravagista e deixa marcas até hoje, o estigma de subserviência e inferioridade continuam produzindo eco até hoje. Inscritos numa FD machista, os sujeitos afirmam propriedade sobre aquela mulher. Interessante que a despeito de a propriedade já haver sido requerida por um, o outro brada “A negra é nossa! Eu cheguei primeiro.” Aqui o eu / nós *versus* minha / nossa marca relação utilitarista que se tem com mulher negra. Silenciada, a voz/fala da mulher envolvida na disputa nem aparece; apenas os homens sinalizam suas vontades e desejos.

Da [SD57], destacamos os seguintes dizeres: “não gosto de negociar com português” e “quando procura uma preta é pensando explorá-la” e “Eles pensam que são mais inteligentes do que os outros”. A expressão “negociar com português” produz efeitos de sentido relacionados à memória da dinâmica escravocrata (e a luta de classes continua): antes era o branco português que negociava negros e enriquecia a partir do tráfico humano. Agora, o sujeito enunciador não se sente confortável em estabelecer negócios com o português, pois a postura segue sendo a de explorar (o corpo / as finanças) do negro – que era e segue sendo explorado. A expressão “pensar que”, além de remeter a uma postura soberba (que o português faria de si), produz efeitos de sentido ao se manifestar como parte da ideologia escravocrata. Segundo Souza (2018) tal ideologia balizaria o poder de uma raça com força de manipulação em relação a outra.

Na [SD58] e na [SD59], as agressões verbais que o sujeito recebe remetem à cor da pele associada a adjetivações pejorativas, como fedida e suja. Isso porque, não apenas durante, mas também após o fim da escravidão, mecanismos de inferiorização do que remeta ao negro continuaram em funcionamento. Na [SD59], o sujeito locutor expressa uma das formas de manutenção dessa memória: a transmissão pai > filho, isto é o funcionamento da família como aparelho ideológico do estado.

Da [SD60], destacamos os dizeres “eu desejava ser preta” e “Mas eu queria ser destas negras escandalosas”. Aqui, vemos em funcionamento a contradição constitutiva do sujeito. O sujeito enunciador ao expressar o desejo de ser preta deixa escapar o sujeito do inconsciente, relacionado aos atos falhos. A partir desse enunciado, produz-se o sentido de que o sujeito se veria como não negro. Apenas ao ser questionada, apresenta uma explicação, reformulação para a fala: quer ser “negra escandalosa”. Essa caracterização da mulher negra em geral possui tom pejorativo e é usada para marcar uma posição de distanciamento e, quem sabe de hierarquia, para sinalizar algo como “veja bem, não sou como esses”. No gesto de leitura que se empreende na presente pesquisa, trata-se das diferentes formações ideológicas e discursivas pelas quais o sujeito é afetado, que penetram as consciências individuais produzindo efeito de transparência e normalização. E essa normalização mantém a estrutura vigente.

Ao tratar de relações de força como formações imaginárias, Orlandi (2013) destaca que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. O sujeito mulher-negra-semianalfabeta tem lugar(es) de fala específico(s); o de artista, criativa, produtora de conteúdo relevante não seria um deles.

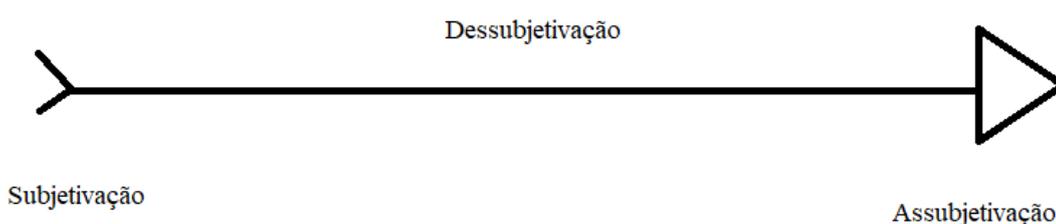
Apesar de ouvir “é pena você ser preta” quando mostrava sua obra escrita, o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* persiste e, ao escrever, foge do/desloca-se

em relação ao paradigma dominante de que a cultura e a literatura são produzidas por brancos-homens-letrados.

Nos recortes feitos referentes a esse eixo temático visando traçar um paralelo entre o modo como a autora fala de si e da sua história em cotejo ao modo como vozes masculinas e femininas a representam, identificamos um reiterado discurso pejorativo sobre esse sujeito negro. Nosso gesto de análise, então, se voltou para esse ponto. Como se afirmou anteriormente, Carolina Maria de Jesus ocupa um lugar triplamente marcado pelo preconceito: o de mulher-negra-pobre. Na sociedade brasileira, em que as FDs escravocrata e machista têm grande mecanismo de funcionamento, o sujeito que ocupa esse lugar tem de enfrentar um acúmulo de discriminações e violências, práticas, que, conforme nosso gesto de leitura, são responsáveis promover processo de assubjetivação⁴¹.

A experimentação / esboço preliminar da compreensão de assubjetivação surgiu a partir do conceito de dessubjetivação proposto por Mariani (2021, p. 44), a saber “processo imposto contra segmentos sociais, classe, gênero ou etnias, que, sob determinadas condições de produção e em determinados lugares, se encontram inteiramente subjugados em nome de alguma instância de poder”. Em nosso gesto de leitura, entendemos que existe um *continuum* que leva ao conceito que ora tentamos formular. A seguir, figura ilustrando o processo de assubjetivação.

Figura 4 - Processo de Assubjetivação



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A esse respeito, observamos, durante a análise das SDs de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, práticas impostas contra classes, gêneros e etnias, simultaneamente (daí falarmos em lugar triplamente marcado). À medida que o sujeito ocupa mais de um desses

⁴¹ O termo *assubjetivação*, também presente em Foucault está sendo entendido aqui de outra maneira. O que pensamos se inscrever na *assubjetivação* é a estratégia de atingir de várias frentes o sujeito até que se alcance sua aniquilação. Trata-se da constituição de um dizer teórico que contribua para a compreensão de efeitos em que situações de exclusão, pobreza, desemprego más condições de habitação e preconceito gerem impactos traumáticos (como conceitua KOLK, 2020) e reforçam funcionamentos de formações ideológicas.

lugares mais se torna alvo, e isso evolui da ideia de retirada/supressão (“-des”) para a ideia de negação/aniquiração (a-).

A seguir, quadro com as formações imaginárias identificadas, em nosso gesto de análise de SDs de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*:

Quadro 5 - Quadro das formações imaginárias – Racismo

Racismo	
Imagem que o sujeito faz de si	Negra adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Tem cabelo obediente e educado Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.
Imagem do sujeito sobre o outro – brancos	Quando procura uma preta é pensando explorá-la O português disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de figado se ela lhe aceitasse. Igual ao negro

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

3.1.4 Por falar da favela e da Cidade

Segundo Rodrigues (2017), a proposta da AD para as pesquisas sobre cidade e discurso envolvem uma mudança na noção de espaço, que passa de uma referência espacial para uma perspectiva discursiva, o que permitirá perceber modos de produção de sentidos. No presente tópico, então, discorreremos sobre duas faces do território paulista que comparecem em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*: a favela e a Cidade⁴². Inicialmente, apresentaremos as SDs e depois, realizaremos as análises.

[SD61]: ... Havia pessoas que nos visitava e dizia:

- Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. (JESUS, 2014, p. 35).

[SD62]: Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2014, p. 32).

[SD63]: Depois pensei: eu não saio do quarto de despejo, o que posso saber o que se passa na sala de visita? (JESUS, 2014, p. 80).

[SD64]: Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela. (JESUS, 2014, p. 40).

[SD61]: Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraizo. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela.

⁴² Optou-se por empregar Maiúscula em Cidade para representar o fascínio que a cidade de São Paulo exercia no sujeito autor, que inclusive falava da favela de Canindé como se não fosse parte da cidade.

As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas. 7.7 (JESUS, 2014, p. 85).

[SD62]: O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava tudo com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o Quarto de Despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada. uma despejada. (JESUS, 2014, p. 147).

[SD63]: Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela. (JESUS, 2014, p. 41).

Nas sequências discursivas [SD62], [SD63], [SD64], [SD65] e [SD66], os dizeres “quarto de desejo” “quintal onde jogam os lixos”, voltei para o quintal” e “com suas úlceras” referem-se à favela; já nos dizeres “sala de visita” “a cidade é o jardim”, “paraíso” pode-se perceber que está posto o sentido de “casa” para a cidade de São Paulo. Entretanto, há cômodos mais nobres que outros e aos pobres foi destinada a parte menos prestigiada. Enquanto a Cidade é um jardim para contemplação, um quintal para descontração, com cores e flores que fascinam os olhos, a favela – quintal onde se joga lixo – é uma úlcera; enfermidade causadora de feridas de difícil cicatrização. Enquanto a úlcera é algo de que se quer ver livre, tanto no jardim como na sala de visita, em geral passa-se tempo; são locais de permanência.

Rodrigues (2017), citando Orlandi, entende que os sentidos da cidade são domesticados pelo planejamento urbano, ao evitar conflitos. A favela, onde impera justamente a falta de planejamento é uma resposta “ao esvaziamento produzido pela proposta de administração de sentidos na busca de um consenso imaginário” (RODRIGUES, 2007, p. 74). Com isso, o dizer da [SD67] marca como que um “improviso” no *look* da Cidade-rainha que usa coroa de ouro, veste veludo e seda – vestimentas nobres – e usa meia de algodão nos pés. Destacamos que o algodão – matéria-prima da meia – produz alguns sentidos possíveis: remete a um material têxtil de pouco valor, remete, por extensão, ao pouco valor atribuído aos moradores da favela e, ainda, seria referência às plantações de algodão no Estados Unidos onde se usava mão de obra escrava. Na [SD61], a favela é caracterizada como lugar para porcos (“chiqueiro”), como já se desenvolveu anteriormente neste trabalho.

3.1.5 Por falar da Fome

Fome: necessidade de comer, ou ainda penúria, miséria e escassez. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a Fome é um personagem com o qual os sujeitos lidam diariamente. Trazemos a seguir, a título de exemplo, algumas sequências discursivas, em que verificamos a temática da Fome, por meio de relatos sobre essa constante companhia aos moradores de Canindé:

[SD68]: Despertei. Não adormeci mais.

Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme.

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem:

– “Não chores por mim. Choraes por vós” – suas palavras profetisava o governo do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. (JESUS, 2014, p. 134).

[SD69]: [...] Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. [...] A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. [...] Pobre mulher! Quem sabe se de há muito tempo ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia:

- Mamãe, eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! (JESUS, 2014, p. 62-63).

[SD70]: Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me:

– Leva, Carolina. Dá pra comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fertil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existencia infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela.

No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (JESUS, 2014, p. 39-40).

Na [SD68], o dizer “Não chores por mim. Choraes por vós” faz referência ao trecho bíblico pré-construído do livro de Lucas, capítulo 23, versículos 28-29 em que Jesus diz: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos! Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram nem

amentaram!” (o que dialoga com a [SD69], em que se destaca a sinfonia que nenhuma mãe gostaria de ouvir “estou com fome”). O enunciado “o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome” encerra, por meio da conjunção alternativa “ou” as duas opções de que o sujeito dispõe para reagir à fome: comer do lixo ou permanecer famélico. Contudo, considerando o enunciado “Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme” o jogo de sentidos entre “dormir com fome” versus “quem está com fome não dorme” limita a apenas uma opção: recorrer ao lixo.

Ainda na [SD68], aparecem os enunciados “Despertei. Não adormeci mais” e “Comecei sentir fome. E quem está com fome não dorme”, em que os verbos “despertar” e “não adormecer” aliados a “sentir fome” e “com fome não dorme”, produzem ao menos dois sentidos: um deles é que dormir é uma estratégia usada para lidar com a fome na ausência de alimentos disponíveis – uma tentativa de fuga. Aqui, o sujeito traz um novo sentido possível. Ações públicas populistas / paliativas em geral são usadas pela classe política como forma de desviar o foco do cidadão do real problema. Assim, a fome muitas vezes usada politicamente como moeda para obtenção de votos, aparece nesses dizeres como aquela que vai fazer despertar de um sono ilusório.

Da [SD69], destacam-se os dizeres “A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado”, “que [*favelado*] quando tem fome recorre ao lixo”, “cata verduras nas feiras”, “pedem esmola” e “assim vão vivendo”. [...] “Pobre mulher!”. O sujeito locutor destaca a existência de um tipo de alma caracterizada de “alma de favelado”. Essa alma faz o seguinte movimento de gradação na busca por alimentos que saciem / aplaquem a Fome: “recorrer o lixo > catar verduras na feira e > pedir esmolas”. Essa sequência parece produzir sentidos referentes à movimentação que envolva menor a maior grau de dependência do auxílio de terceiros. Como “quem tem Fome tem pressa” nem sempre é possível depender de doação voluntária de terceiros (esmola); nem sempre há feiras em funcionamento, mas o lixo, sempre há. De lá é possível obter uma forma de lutar contra a Fome.

Na [SD70], o dizer “A fome era tanta que ele não pode deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu” fala da urgência da Fome. Essa oponente tem diversas estratégias para vencer os desassistidos: ou os ganha pela fome em si ou por complicações relacionadas à procedência do alimento encontrado em locais inadequados ao consumo humano⁴³. A distribuição menos desigual de bens, promovida mediante iniciativa política e econômica e pautada em atitude ética e solidária dos grupos favorecidos reduziria esse triste cenário. Ainda

⁴³ Sequências como essa contribuíram para a elaboração do entendimento anteriormente apresentado sobre a noção de *assubjetivação*.

nessa [SD70], por meio dos dizeres “Não trazia documentos”, “Ninguém procurou saber seu nome” e “Marginal não tem nome” vemos quem são os oponentes da Fome: os desassistidos, os sem nome, os que ficam à margem. Ao mesmo tempo que fala do “pretinho bonito” fala também dos moradores de Canindé e de todos os marginalizados.

A seguir, apresentamos três reportagens recentes, que atualizam dizeres sobre sobre a fome⁴⁴:

Figura 5 - Atualidade da Fome – Brasil (29 set. 2021)



Fonte: A DOR da fome. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 29 set. 2021. Disponível em: <<https://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=a+dor+da+fome&ye=2021&mo=9>>. Acesso em: 4 set. 2022.

⁴⁴ Nos Anexos, consta a transcrição do texto jornalístico das três capas citadas.

Figura 6 - Atualidade da Fome – Brasil (9 ago. 2022)



Fonte: LUTA contra a fome no lixo. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 9 ago. 2022.

Disponível em: <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2022-08-90-25553391.html?messeleccionado=ago&ano=2022>>. Acesso em: 4 set. 2022.

Figura 7 - Atualidade da Fome – Brasil (24 jun. 2022)



Fonte: ‘Só tenho o que comer quando acho no lixo’. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 24 jun. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/fome-no-rio-so-tenho-que-comer-quando-acho-no-lixo-Conta-catadora-25532290.html>>. Acesso em: 4 set. 2022.

Nessas capas de jornal, observamos o predomínio de pessoas negras, sendo majoritariamente mulheres, as que estão mais suscetíveis de sofrerem com o impacto da

escassez, da falta, do aumento de preços.

Retomando Mariani (2021, p. 44), percebemos a noção de dessubjetivação também atrelada à fome, uma vez que dessubjetivar é mais que “uma ausência de significação para si ou sobre si mesmo em função do desmantelamento de uma memória desse ordinário de sentidos”. Assim, dessubjetivar é efetuar “processos de extrema violência contra a própria condição humana” (MARIANI, 2021, p. 44); violência materializada, por exemplo, na retirada de elementos que organizam o sujeito pragmático, como a quantidade de refeições diárias. E ao negar aquilo que regula / dá referência e sentido à vida promove-se a dessubjetivação, que consiste num esvaziamento de sentidos que regulam a vida do sujeito.

Por ocasião dos 60 anos da publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a obra e a escritora têm sido tema de importantes festivais, como a Festa Literária das Periferias (FLUP)⁴⁵. Tentativa de reverter o “memoricídio” que atingiu Carolina Maria de Jesus. Empregando o sufixo de origem latina *-cídio*, que expressa a ação de provocar a morte / extermínio, formulamos o termo “memoricídio” ao fazer um jogo com a palavra “memória” (mesmo mecanismo das palavras “femicídio”, “homicídio”, por exemplo). Daí, criou-se o neologismo, “memoricídio” que fala do processo de silenciamento que impactou de alguma forma a obra de Carolina Maria de Jesus, num movimento de apagamento de seu testemunho que punha em xeque um Brasil das favelas muito diferente do Brasil de Brasília da época.

Fazendo um deslocamento da promessa-slogan de campanha do presidente brasileiro eleito em 2018, o testemunho de Carolina Maria de Jesus fez (faz) ver que existe em nossas terras muito “mais Brasil” (pobreza, fome, omissão) e muito “menos Brasília” (idealizada e fundada por Juscelino Kubitschek em 1960 com a proposta de representar progresso, modernidade e imponência).

As CPs em que estava inscrito o sujeito autor de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, caracterizado como uma mulher-negra-pobre (ocupante, portanto, de um lugar triplamente marcado na sociedade brasileira até os dias atuais) associadas ao conjunto de características comuns / esperadas dos ocupantes do cenário literário e editorial paulista de 1960, composto, senão exclusivamente, majoritariamente pela elite branca e regulada pelo androcentrismo, conduziram-nos a pensar no “acontecimento Carolina”.

Pêcheux (2015, p. 16) formula acontecimento em relação a duas diferentes instâncias temporais: uma atualidade e uma memória. A partir dessa conceituação, esboçamos a

⁴⁵ A Flup (Festa Literária das Periferias) é uma festa literária internacional que se caracteriza por se realizar em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.flup.net.br/post/uma-revolu%3a7%c3%a3o-chamada-carolina>>. Acesso em: 5 set. 2022.

expressão “acontecimento Carolina⁴⁶”, uma vez que, dadas as condições de produção e o contexto editorial que enfrentava, pode ser considerada uma escritora improvável.

No gesto de leitura empreendido, entendeu-se que as reportagens e os trechos publicados nos jornais antes mesmo do lançamento do livro,⁴⁷ fizeram trabalhar o acontecimento em questão – tendo em vista sua atualidade – ao mesmo tempo que promoveram uma convocação / reorganização de memórias, seguindo a análise de Pêcheux (2015, p. 19) ao analisar o enunciado *on a gagné*. Daí, a leitura de acontecimento, como um furo; a leitura do “acontecimento Carolina” indicando que o sujeito autor adentrou um espaço que a princípio não podia / devia ser ocupado por ele, e, portanto, marcou um furo.

A escrita e a publicação da escrita de Carolina Maria de Jesus é, assim, entendida como um ponto de resistência que abrange várias dimensões: gênero, raça, condição socioeconômica de um sujeito à margem (morador da favela e sujeito à Fome). Assim, quando pensamos na formulação “acontecimento Carolina”, pensamos também o acontecimento nos termos da potência do testemunho por meio dizer escrito, em que o sujeito autor Carolina passa a ocupar nova posição enunciativa, ao reescrever o processo do real histórico formulando dizeres alheios ao discurso oficial, alterando seus *status* para não fiquem mais escondidos, esquecidos, sem registro.

No título deste trabalho, inclusive, optou-se por conjugar a regência das preposições *de / em*, gerando as formulações “Testemunho: a resistência **do** *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*” e “Testemunho: a resistência **no** *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*”. No primeiro caso, com a preposição *do*, buscamos aludir à voz de Carolina Maria de Jesus, que testemunha a partir da solidão desse quarto de despejo, que é a favela. Um voz em busca de estar / alcançar outros lugares.

No segundo caso, a preposição *em* (empregada na forma contraída ao artigo masculino *o*) aponta para outro efeito de sentidos e remete à resistência do quarto de despejo (favela) que emerge no cotejo favela *versus* cidade. Assim, pretendeu-se marcar tanto a resistência do sujeito autor Carolina Maria de Jesus quanto a das pessoas que vivem naquele espaço nada privilegiado da cidade. Buscou-se marcar um movimento de ação, reação e resistência das muitas favelas que existem na cidade de São Paulo e por extensão em todas as cidades. E por meio da escrita esse testemunho traz voz à ausência. Voz à ausência de

⁴⁶ Nesta ocorrência empregamos apenas o primeiro e o último nomes da autora pois o caráter abreviado / sintético nos parece potencializar a força deste enunciado / desta expressão que formulamos em caráter preliminar.

⁴⁷ “Dantas (...) publicou, esparsamente, trechos [de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*] acompanhados de sua história no jornal *Folha da Noite*.” (LEVINE; BOM MEIHY, 2015, p. 28-29)

políticas públicas que possam integrar o quarto de despejo (favela) à cidade e voz ao sujeito autor. É a voz da resistência.

CAMINHOS E CONSIDERAÇÕES – POR UM EFEITO DE FIM

Nesta pesquisa, nos propomos a analisar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, aqui tomado como testemunho. Retomamos a conceituação de testemunho usada como ponto de partida para a análise.

Desde o início da pesquisa, uma pergunta nos inquietava: sendo a *shoá* (que atravessou Primo Levi) e o massacre do povo guatemalteco (registrado por Menchú) eventos tão impactantes e drásticos, que de fato marcaram um antes e depois, efetuando um corte (a que se liga o trauma), poder-se-ia ler os relatos a partir da favela do Canindé como testemunho também?

Ao longo das análises, como se apresentou no decorrer do texto, inúmeros relatos de violências persistentes e recorrentes foram identificadas, entre elas, destacam-se, principalmente o duelo contra a Fome, os golpes do racismo e os cerceamentos relacionados ao que define o ser mulher numa sociedade patriarcal e machista. Esses três oponentes que se manifestam de forma mais discreta e velada que os eventos contra a humanidade que acometeram Levi e Menchú se caracterizaram, segundo gesto de leitura empreendido na presente pesquisa, como os acontecimentos comuns ou persistentes ao longo do tempo (KOLK, 2020), que compõem o trauma do tipo crônico. Assim, verificou-se que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* trata-se de um testemunho.

Ao longo da pesquisa (uma leitura dentre várias possíveis), foi possível também analisar a produção de sentidos a partir do aparato teórico da Análise do Discurso, observando processos de produção de sentidos mobilizados discursivamente na construção da imagem da mulher negra e dos lugares que (não) podem / devem ser ocupados por esse sujeito em dada condição de produção, a saber: sociedade brasileira, paulista, urbana, da década de 1960. Identificamos o funcionamento de formações discursivas que determinam o que pode e deve ser dito. E, ainda, foi possível observar o funcionamento da resistência, entendida como possibilidade de romper sentidos, (MARIANI, 1998); como possibilidade do comparecimento de outro sentido (LAGAZZI-RODRIGUES, 1998); como furo no sentido esperado e a promoção de novos modos de significação.

Foi possível, também observar o funcionamento do silêncio – uma leitura que surgiu realmente em meio às análises, já que não pensávamos o testemunho de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a partir do silêncio. Interessante que identificamos três modos de funcionamento do silêncio, a saber: 1) silêncio *sobre* Carolina Maria de Jesus (tendo em vista

o esquecimento em que foi posta pouco após o acontecimento causado pelo diário); 2) certo silenciamento *de* Carolina Maria de Jesus (fruto dos cortes editoriais efetuados); e enfim, 3) o silêncio *em* Carolina Maria de Jesus desvelando que “dizer e silenciar andam juntos” (ORLANDI, 2007b, p. 53). Assim, a “favelada” diz e movimenta silenciamentos do discurso oficial.

Retomando o mencionado no tópico 2.2, entendemos, segundo o gesto de leitura que se empreende, que o diário de Carolina Maria de Jesus, objeto da presente pesquisa se diferencia de outros diários que não “saem das gavetas de seus autores” por alguns motivos, dentre os quais se incluem o fato de o testemunho de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* ter produzido novos processos de significação por meio da ruptura, causada pelo acontecimento discursivo instaurado por Carolina Maria de Jesus e seu diário, em que fez emergir “uma posição enunciativa nova” capaz de reconfigurar o discurso participando do processo de produção do real histórico (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 51).

Além disso, a potência do que se registrou nesse diário apontou caminhos por meio da escrita para uma geração de escritoras e escritores que estavam alijados do universo letrado, androcêntrico, burguês e branco. A posição enunciativa de quem desvela a existência de muito mais além do que o discurso oficial / hegemônico insiste em dizer também é uma marca da potência desse testemunho.

O que mais transborda desse diário é a resistência da batalha contra a fome atrelada à repetição desse duelo (que seria uma das marcas desse testemunho). Nesse sentido, destaca-se que o primeiro registro do livro, datado de 15 de julho de 1955, remete à busca por água – essencial para a sobrevivência – e o último registro, datado de 1º de janeiro de 1960, também trata da busca por água; é a repetição de uma atividade sisifiana⁴⁸, rotineira: lutar para encontrar meios de subsistência para o dia e, achando, já se preocupar em conseguir para o dia seguinte. É a repetição da luta contra a fome e em busca de água.

Pêcheux (2016a, p. 281) afirma que “não há dominação sem resistência, primeiro primado prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”. A resistência do/no *Quarto de despejo: diário de uma favelada* se encontra, conforme nosso gesto de leitura, no tecer em palavras, tal qual Sherazade, do conto das Mil e uma noites,

⁴⁸ O mito de Sísifo trata da punição a um deus grego condenado a rolar diariamente uma pedra montanha acima. Ao chegar ao topo, o peso e o cansaço promovidos pela fadiga fariam a pedra rolar novamente até o chão e no outro dia ele deveria começar tudo novamente e assim para todo o sempre. Cf. CABRAL, J. F. P. O mito de Sísifo e sua conotação contemporânea. In: BRASIL ESCOLA. [S.l.: s.n.], c2022. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/o-mito-sisifo-sua-conotacao-contemporanea.htm>>. Acesso em: 16 de out. 2022.

formas de manter-se viva, por mais um dia, pelos filhos, porque suicidar-se não era um caminho, como ela mesma afirma.⁴⁹ Ao recusar as imagens que tentaram impor-lhe (mulher casada, empregada doméstica, cozinheira) e perseguir o ‘louco’ propósito de escrever e fazer-se publicar a escrita de uma mulher negra, o sujeito autor nos oferece um retrato da resistência feminina.

Como Lagazzi (2018) destaca, retomando Medeiros (2015), a resistência, aqui, envolve não apenas suportar, mas sobretudo sustentar outro lugar que não aquele da dominação. Isso exige força. Requer um posicionar-se mesmo quando seus vizinhos chamavam-na louca por escrever e denunciar as mazelas, requer optar por um caminho alternativo à violência – seja ela física seja moral.

Destaca-se, ainda, que o sujeito autor de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, contribuiu para afirmar o lugar da mulher na escrita e em posições de liderança (como nos episódios em que atuava para apaziguar conflitos na favela, chamar órgãos do poder público para intervir no local, entre outros casos), fazendo-o por meio da palavra. A partir da posição de mulher-negra-semialfabetizada da década de 1960 e dada sua capacidade de mobilização, fez parte de um movimento – cujos efeitos reverberam até hoje – que propõe debater mais intensamente sobre lugares que estão “disponíveis” / acessíveis a determinados grupos no contexto da formação sócio-histórica brasileira.

Dada a impossibilidade de aprofundar todos os pontos da obra, o presente trabalho concentrou-se na noção de testemunho e do recorte de eixos temáticos, relações entre diferentes posições sujeito.

Por meio do resgate da memória, essencialmente lacunar, com falhas e furos – assim como a própria linguagem que não dá conta de tudo dizer –, observou-se, no *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, efeitos de formações discursivas e ideológicas, que atreladas ao interdiscurso, nos permitem – considerando as condições de produção dos discursos –, ver pressões e padrões da época e que até hoje persistem.

Então, para fechar esse texto, mas não as discussões sobre *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, fazemos referência a depoimento de Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus a respeito do encontro da mãe com Clarice Lispector. Segundo Vera Eunice, sentiu-se intimidada. Comparou-se a ela e se viu pequena diante da grandeza de Lispector, ao que esta respondeu: em se tratando de retratar a realidade, Carolina Maria de Jesus é única.

No fragmento de Lewis Carroll (inserido na epígrafe deste trabalho), os personagens

⁴⁹ “então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida” (JESUS, 2014, p. 61).

estão à mesa para um chá e se espremem numa das pontas da mesa gritando “não há lugar”. Em nosso gesto de leitura, a sinalização de Lispector parecia apontar para a existência de lugar para o diferente no território editorial/literário brasileiro. Ainda não chegou o tempo de sentar-se na cabeceira da mesa, mas a relativa persistência e permanência de Carolina Maria de Jesus – ainda que com todas as oscilações – após décadas de publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, podem dar esperança.

Na epígrafe deste trabalho, citando Benjamin, vemos a associação entre catástrofe e a permanência das coisas como estão. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* vemos um sujeito que certamente atuou em prol da não permanência do *status quo* do cenário socioeconômico, abrindo espaço, como diz Edson de Souza (em epígrafe), para a esperança.

A escritora Conceição Evaristo⁵⁰ (2021) em entrevista⁵¹ diz sobre Carolina Maria de Jesus

E na questão da literatura, ela significa, para nós, mulheres negras, que [nós] temos o direito da escrita e da literatura. Carolina é exemplar no sentido da coragem, de se meter num espaço que socialmente não era possível para ela, e isso é o que, de certa forma, eu faço também quando relembro que minha mãe e minhas tias trabalharam [como domésticas] em casa de escritores mineiros. É uma reviravolta no jogo.

E essa reviravolta é esperança. Carolina Maria de Jesus é escritora cuja obra e vida são impactantes. Por tudo o que testemunhou e escreveu, seus dizeres produziram poderosos efeitos transformadores, inspirando movimentos culturais fundamentais, que seguem confrontando diretamente a dita Casa Grande que ainda persiste e insiste em existir no Brasil como uma “elite escravocrata”. Essa ruptura permitiu abrir caminho para outras mulheres negras, como a própria Conceição Evaristo, que afirma ter lido, na década de 1960 o livro recém publicado de Carolina Maria de Jesus. Na ocasião, ela e sua família se viam representadas no livro. E mais que isso:

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e

⁵⁰ Maria da Conceição Evaristo de Brito (Conceição Evaristo), é escritora e estreou na literatura em 1990, apesar de só ter sido reconhecida oficialmente como escritora muitos anos depois. O livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que consiste em treze narrativas protagonizadas por treze mulheres negras juntamente com Olhos d’água figuram entre suas obras mais conhecidas.

⁵¹ EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: 'Carolina Maria de Jesus ainda tinha muito a dizer, e precisava dizer'. *Terra*, [s.l.], 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/conceicao-evaristo-carolina-maria-de-jesus-ainda-tinha-muito-a-dizer-e-precisava-dizer,506327a0f68ccf421cde5510e24067f3mzcbdztv.html>>. Acesso em: 2 set. 2022.

tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. (EVARISTO, 2022, n.p.)⁵².

Esse é um dos legados de Carolina.⁵³ Retomando Gagnebin (2006), na categoria de testemunha que fica, como apresentamos no tópico 2.3, Evaristo, em suas próprias palavras, “lia Carolina sendo também Carolina”. Hoje ter Evaristo lutando contra essas barreiras que a casa grande insiste em manter fixadas, estabelecendo limites até onde os diferentes podem ir aponta para o efeito da transmissibilidade do testemunho de Carolina Maria de Jesus. É nesse retorno reflexivo ao passado que é possível atuar em prol da não repetição e atuar, ao contrário, para esboçar nova história e inventar o presente.

É por isso que, por meio do presente trabalho pretendeu-se também prestar uma singela homenagem ao 106º ano de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, mãe, mineira e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, que *(re)existiu** ao dizer o que precisava ser dito sobre a guerra diária na tentativa de garantir a sobrevivência contra a fome e sobre o ser mulher negra na sociedade brasileira, paulista, urbana, da década de 1960. Trajetória que gerou muitos frutos, seja como inspiração para que novos escritores(as) adentrassem o universo literário ou como mote para a realização de pesquisas sobre sua vida e obra.

Concordando com Petri (2013), não acreditamos na existência do fim / no esgotamento de tudo dizer. Neste capítulo, caminhamos para o efeito de fim, a partir do testemunho do/no *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (Por isso, o capítulo de análises foi intitulado “Gesto(s) – inicial(is) – de interpretação”).

Por essa obra, que se mantém seis décadas desde sua publicação como um testemunho relevante, potente e atual, de questões que persistem até hoje, envolvendo gênero, raça, classe social, marginalidade, desigualdade e retomando a própria Carolina, que faz o seguinte pedido aos leitores de seu diário: “Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: –Muito bem, Carolina!”, dizemos: Muito bem, Carolina!

⁵² EVARISTO, C. Conceição Evaristo – Dados biográficos. *Literafro*, [s.l.], 26 set. 2022. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 27 set. 2022.

⁵³ Fruto do que chamamos aqui de “acontecimento Carolina”, deslocando o conceito pecheutiano.

REFERÊNCIAS

- ABDO, H. *6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung*. In: GALILEU. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/ciencia/noticia/2017/02/6-reflexoes-para-entender-o-pensamento-de-carl-jung.html>>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- A DOR da fome. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 29 set. 2021. Disponível em: <<https://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=a+dor+da+fome&ye=2021&mo=9>>. Acesso em: 4 set. 2022.
- AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARANIUK, C. A surpreendente inteligência dos corvos. In: BBC News Brasil. [S.l.: s.n.], 5 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-52910678>>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- BATISTA, C. S.; OLIVEIRA, P. C. A escrita de si: história e memória em Diários de Motocicleta. *Revista Entrelaces*, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 122-133, jan./jun. 2017.
- BECHARA, E. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 19. ed. rev. e ampl. com exercícios resolvidos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BOLSONARO nega, por duas vezes, escalada da fome no Brasil: 'Não existe da forma como é falado'. In: G1. São Paulo: [s.n.], 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/08/26/ja-viu-alguem-pedindo-pao-na-porta-da-padaria-pergunta-bolsonaro-ao-falar-sobre-fome-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 3 set. 2022.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CABRAL, J. F. P. O mito de Sísifo e sua conotação contemporânea. In: BRASIL ESCOLA. [S.l.: s.n.], c2022. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-mito-sisifo-sua-conotacao-contemporanea.htm>>. Acesso em: 16 de out. 2022.
- CONEIN, B. *et al.* (Org.). *Materialidades Discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- COURTINE, J-J. A noção de condição de produção do discurso. In: COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EduFSCar, 2009. p. 45-67.
- DANTAS, A. A atualidade do mundo de Carolina - Prefácio. In: JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Originalmente publicado em 1993. n.p.

EM VÍDEO, Damares diz que 'nova era' começou: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa'. In: G1. [S.l.: s.n.], 3 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghhtml>>. Acesso em: 3 set. 2022.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo: 'Carolina Maria de Jesus ainda tinha muito a dizer, e precisava dizer'. *Terra*, [s.l.], 5 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/conceicao-evaristo-carolina-maria-de-jesus-ainda-tinha-muito-a-dizer-e-precisava-dizer,506327a0f68ccf421cde5510e24067f3mzcbdzv.html>>. Acesso em: 2 set. 2022.

EVARISTO, C. Conceição Evaristo – Dados biográficos. *Literafro*, [s.l.], 26 set. 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 27 set. 2022.

FARIAS, T. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FAVERO, A. B. *A noção de trauma em Psicanálise*. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *Letras*, Santa Maria, n. 27, p. 39-46, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>>. Acesso em: 6 fev. 2020.

FERREIRA, M. C. L. Prefácio. In: MARIANI, B. *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 2021. p. 11-16.

FIGUEIRA, D. G. *HISTÓRIA* - Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2001. v. único.

FOCAULT, M. *O que é um autor?* Porto: Vega, 1992.

FONTANA, M. G. Z. Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO, 3., 2016, São Cristóvão. *Resumos...* São Cristóvão: UFSE, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9kyygUI47nw>>. Acesso em: 5 set. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: UNICEF.ORG. [S.l.: s.n.], [1948]. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 5 set. 2022.

GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: 34, 2006.

GALLO, S. Discurso de escrita e efeito autor. Niterói: enciDIS UFF, 10 set. 2020. 1 vídeo (7 min 57 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YGBEuvBmdPc>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 25. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GARCIA, T. M. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. *Working Papers in Linguística*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 121-140, 2003.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, A. B. de H. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 1-11.

HENRY, P. *A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. (Orgs.). *Práticas Discursivas e Identitárias. Sujeito & Língua*. Porto Alegre: Nova Prova; PPG-Letras/UFRGS, 2008. Coleção Ensaio.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Originalmente publicado em 1960.

JUNG, C. G. et al. (Org.). *O homem e seus símbolos*. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, L.; ALQUATTI, R. Sujeito. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Glossário de termos do discurso*. Ed. ampl. Campinas: [s.n.], 2020. p. 281-285.

KOLK, B. van der. *O corpo guarda as marcas*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Sextante, 2020. Originalmente publicado em 2014.

LAGAZZI, S. A noção de materialidade na prática analítica discursiva. In: BARBOSA FILHO, F. R.; BALDINI, L. (Org.). *Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades*. Campinas: Pontes, 2018. p. 157-175.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. *A discussão do sujeito no movimento do discurso*. 1998. 121 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017. p. 91-113.

LEJEUNE, P. El pacto autobiográfico. In: LOUREIRO, Á. G. (Org.). *La autobiografía y sus problemas teóricos*. Barcelona: Antropos, 2008. p. 47-61.

LEVINE, R. M.; BOM MEIHY, J. C. S. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Originalmente publicado em 1994.

LILENBAUM, P. C. Testemunho: uma breve reflexão sobre ética e estética na literatura judaica. *Arquivo Maaravi*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 136-144, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13909>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. In: VEJA. [S.l.: s.n.], 18 abr. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 16 out. 2022.

LUTA contra a fome no lixo. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 9 ago. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2022-08-90-25553391.html?messeleccionado=ago&ano=2022>>. Acesso em: 4 set. 2022.

MAGNABOSCO, M. M. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. 2002. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MARIANI, B. Testemunho: um acontecimento na estrutura. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 48-63, 22 set. 2016.

MARIANI, B. Fora do lugar: sujeito, línguas, cidades. In: ORLANDI, E. P.; MASSMANN, D.; NOGUEIRA, L. (Org.). *Linguagem, instituições e práticas sociais*. Pouso Alegre: UNIVAS, 2018. p. 26-40.

MARIANI, B. *Testemunhos de resistência e revolta: um estudo em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 2021.

NARDI, F. de. Condições de Produção. Niterói: enciDIS UFF, 31 jan. 2020. 1 vídeo (5 min 44 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FrToVjnXwVk>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

NEIVA, L. Da euforia à crise: a Constituição de 88 e a jovem democracia brasileira. In: GAMA. [S.l.: s.n.], 2 out. 2022. Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/semana/como-construir-a-democracia/a-constituicao-de-88-e-a-democracia-brasileira/>>. Acesso em: 4 out. 2022.

NUNES, J. H. Introdução. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. n.p.

ORLANDI, E. Discurso, Imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, DF, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

ORLANDI, E. Maio de 1968: Os silêncios da Memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-69.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012a.

- ORLANDI, E. Ponto final: Interdiscurso, Incompletude, Textualização. In: ORLANDI, E. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2012b. p. 109-126.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013.
- ORLANDI, E. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e textualidade*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017. p. 7-35.
- PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura e acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015. Originalmente publicado em 1988.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016a.
- PERPÉTUA, E. D. Produção e recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus: relações publicitárias, contextuais e editoriais. *Em Tese*, Belo Horizonte, v. 5, p. 33-42, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3405/3335>>. Acesso em: 1 set. 2022.
- PERPÉTUA, E. D. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, DF, n. 22, p. 63-83, jan./jun. 2003.
- PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, V.; DIAS, C. (Orgs.). *Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 39-48.
- PIERRON, J-P. La question du témoignage dans les confessions. *Revue des Études Augustiniennes*, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 253-266, 1995.
- PRIBERAM. Dicionário da Língua Portuguesa [on-line]. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/par%C3%A1bola>>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- PRUINELLI, A. Resistência. In: FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Glossário de termos do discurso*. Ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020. p. 253-256.
- RODRIGUES, A. “Aqui é um lugar de paz”: escola e consenso imaginário na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo Revista*, Vitória da Conquista, v. 12, n. 2, p. 71-82, 2017.

RODRIGUES, E. A.; CASTELLO BRANCO, L. K. Ousar (Re)Ler o Poético: Uma Experimentação Teórica. In: FARIA, J. P. de; SANTANA, J. de C.; NOGUEIRA, L. (Org.). *Linguagem, Arte e o Político*. Campinas: Pontes, 2020. p. 153-178.

SILVA, S. D. Discurso, resistência e escrita: por uma análise discursiva dos espaços para os sujeitos na mídia. In: SOARES, A. S. F. et al. *Discurso, resistência e...* Cascavel: EDUNIOESTE, 2015. p. 207-245.

‘SÓ tenho o que comer quando acho no lixo’. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 24 jun. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/fome-no-rio-so-tenho-que-comer-quando-acho-no-lixo-conta-catadora-25532290.html>>. Acesso em: 4 set. 2022.

SOUSA, L. M. A.; GARCIA, D. A. “Bela, recatada e ‘do lar’”: efeitos metafóricos na trama do político (2019). In: SOARES, A. S. F. et al. *Discurso, interlocuções e...* Caxias do Sul: EDUCS, 2019. p. 163-177. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-discurso-interl.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2022.

SOUZA, C. L. G. O direito e a ascendência do racismo como forma de manipulação. In: BELO, F. (Org.). *Direito e literatura contra o racismo*. Belo Horizonte: Relicário, 2018. p. 219-240.

SPIVACK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

VIDA por escrito. Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina>>. Acesso em: 16 out. 2022.

ZOPPI-FONTANA, M. *Cidadãos modernos: discurso e representação política*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

APÊNDICES

O contato inicial com a teoria sobre testemunho, a fim de avaliar a possibilidade de considerar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, discursivamente, como testemunho se deu mediante a leitura de textos de Mariani (2016, 2018, 2021), Pierron (1995) e Lilenbaum (2007). A seguir, apresentamos quadros expositivos elaborados após as leituras, a partir dos quais passou-se a observar a existência de / o funcionamento do testemunho em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*⁵⁴. Convém sinalizar que alguns dos trechos foram transcritos literalmente, outros parafraseados.

Nas tabelas que compõem os Apêndices A a E, informamos o texto teórico lido, autor e ano e os aspectos identificados – preliminarmente – em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Trata-se de um breve apanhado sobre a noção de testemunho, o qual orientou o percurso de desenvolvimento da presente pesquisa.

No Apêndice F, destacamos discursividades sobre Carolina Maria de Jesus com informações que constroem / indicam o que se chamou “acontecimento Carolina” no presente trabalho.

⁵⁴ Importante destacar que os quadros apresentados não indicam todas as leituras teóricas que fundamentaram o trajeto percorrido para que se entendesse *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como testemunho. Trata-se do resultado de uma das etapas prévias de estruturação da presente pesquisa.

APÊNDICE A – Testemunho, por Pierron (1995)

<i>A questão do testemunho nas Confissões de Santo Agostinho, de Jean-Philippe Pierron (1995)</i>
- Testemunho é questão filosófica, em que existe um outro (alteridade); quem aceita receber um testemunho, primeiro encontra alguém
- Testemunho é uma forma de narrativa, que envolve a transmissão de informações
- Testemunho não é apenas verbal, é uma história, é vida, é compromisso existencial; assim, testemunhar não é apenas contar uma história, mas dar sentido à totalidade do ser
- Testemunha é figura privilegiada e tem existência paradoxal: carrega em si o testemunho e ao mesmo tempo se mostra testemunha no presente
- Temporalidade: Testemunho é feito no momento presente, mas com a substância de ontem
- Testemunho é uma troca. Envolve o desejo de testemunhar diante do outro e esse outro precisa estar atento ao que a <i>testemunha dá conta de testemunho</i>
- Testemunho envolve o desejo de receber o que é dado no testemunho, assim como envolve relação da testemunha tanto com o que testemunha quanto com aqueles diante de quem testemunha (recepção)
- Não se controlam as consequências do testemunho e de sua recepção aos outros
- O outro dá sentido ao testemunho quando se deixa tocar pelo que lhe é oferecido
- O testemunho envolve risco assumido por aqueles que ousam testemunhar quando as razões faltam e esse risco assumido pela testemunha condiciona a estrutura do testemunho
- O testemunho não representa o absoluto, mas apresenta-o sem representá-lo. O que se testifica conta tanto como testemunho quanto como forma de testificar. O testemunho pode ser ícone
- Testemunho é respiração [<i>natural, orgânico; algo que se é levado a fazer imprescindível à vida, grifos meus</i>]

APÊNDICE B – Testemunho, por Lilenbaum (2007)

<i>Testemunho: uma breve reflexão sobre ética e estética na literatura judaica, de Patrícia Chiganer Lilenbaum (2007)</i>
- A testemunha está imbuída de noção de vivência intensa e extrema, além do suportável
- Há a testemunha sobrevivente e a não sobrevivente, como Anne Frank ou o mártir Estevão
- O testemunho carrega um realismo que não consegue abarcar o fato (realismo em excesso dessensibiliza)
- Testemunhar o passado para que seja conhecido e mais que isso para que saibam que nunca o conhecerão
- O testemunho é escolha ética do sobrevivente pela justiça, pela crença de que o que aconteceu pode ser vingado pela palavra
- O testemunho muito realista causa trauma de segunda ordem no leitor / ouvinte, que não conseguirá absorver a catástrofe
- O testemunho carrega o limite da linguagem
- Em geral, dada a natureza do trauma, o testemunho só acontece muito tempo depois do evento traumático

APÊNDICE C – Testemunho, por Mariani (2016)

<i>Testemunho: um acontecimento na estrutura, de Bethania Mariani (2016)</i>
- O testemunho é forma de libertação interior ao testemunhar o vivido traumático e transmitir por via oral ou escrita o que foi ter passado por essa experiência / evento traumático
- O testemunho envolve o registrar memórias e com seu relato pode dar testemunho
- O testemunho envolve um narrar sua experiência aos que sabiam; aos que não queriam saber e aos indiferentes
- Em geral, é possível encontrar nos testemunhos a existência de situações que provoquem dessubjetivação, apagamento desse sujeito, mediante situações de privação extrema em situações que retiram do sujeito qualquer vestígio de dignidade para transformá-lo em dejetos (isso ocorre num movimento gradiente)
- O testemunho é da ordem do divergente, ao atuar contra a insistência de uma única significação mortífera que advém do Outro
- O testemunho envolve implicação subjetiva no que está sendo narrado, ou seja, há sujeito inscrito no testemunho
- Para a crítica literária: a escrita testemunhal envolve concepção de linguagem ligada ao trauma; base do testemunho é a ambiguidade: por um lado a necessidade de narrar o que foi vivido e, por outro lado, percepção de que a linguagem é insuficiente para dar conta do que ocorreu (GINZBURG, 2008, não paginado)
- O testemunho de análise: testemunhar sobre um dizer que diz de um dizer esgarçado, já acontecido, é dizer do encontro com a falta de garantias, de insígnias, de sentidos
- O testemunho de percurso de análise: alguns sujeitos conseguem, através de um esforço rigoroso e árduo trabalho sobre a língua, extrair o que foi para eles esse algo impossível de ser suportado. Dão forma de um discurso para poder transmiti-lo a outros (Morel, 2001, p. 234) outras vezes, esse insuportável de ser vivido silencia o sujeito
- O testemunho é substituto da testemunha; sobre a testemunha pesa o encargo de testemunhar, tendo sobrevivido (Leite, 2009, p. 178) Daí, que o testemunho marca também a angústia e a culpa por ter sobrevivido

APÊNDICE D – Testemunho, por Mariani (2018)

<i>'Fora de lugar' – Sujeitos, línguas, cidades, de Bethania Mariani, 2018</i>
- O testemunho mobiliza a escrita de si
- O testemunho é um de processo de subjetivação
- O testemunho é da ordem da memória e porta um indizível
- O testemunho remete a um relato para si, que visa transmitir algo que aconteceu com um sujeito que enuncia a partir de uma posição discursiva e sob determinadas condições históricas de produção
- O testemunho tem vertente na Psicanálise e nas ciências sociais e na literatura, enquanto narrativa de um trauma
- Para a Psicanálise: não cabe julgar em verdade/mentira, pois é impossível tudo dizer. Por passar por significantes, o testemunho mente o real sem deixar de transmiti-lo
- O testemunho transmite algo da experiência que foi o encontro supressivo (evento traumático)
- O testemunho envolve a tomada da palavra para relatar um evento vivenciado em função de uma violência praticada por outros sujeitos, pela família ou pelo Estado toma a forma de uma narrativa em que a memória cumpre seu papel em termos discursivos de rememoração com esquecimentos
- O testemunho é um narrar rememorativo em que há um eu que testemunha (bordando o indizível) bem como os diferentes modos de testemunhar
- O testemunho pode falar de um mal-estar e incidir no desamparo em que se encontra o sujeito após o encontro com o real do acontecimento
- O testemunho pode falar de um mal-estar, de um sentimento de não pertencimento, um fora do lugar
- Em geral, o testemunho evoca imperiosa necessidade de falar sobre o acontecimento, ou acontecimentos vivenciados
- Há necessidade urgente de contar aos outros, torná-los participantes, mas também (e sobretudo) finalidade de libertação interior
- Testemunhar é denunciar práticas e os processos de destituição subjetiva ou dessubjetivação impostos sobre etnias, classes, segmentos que se encontram subjugados em nome de alguma estrutura de poder
- Testemunhos narram desastros cometidos contra a humanidade, assim, a urgência de falar tem sua política de sentidos
- Testemunho em geral, está associado a um processo de subjetivação; disjunção sujeito/sentidos, em que há apagamento dos sentidos que permitam ao sujeito o lugar de enunciar
- Ler um testemunho é ler uma ruptura (não transformação ou processo), um corte seco “quem perde tudo, perde também a si mesmo”
- Alguns tipos de testemunho mencionam necessidade de falar, mas não uma necessidade urgente e imperiosa em termos de denúncia de violência, do acontecimento de uma desumanização
- No testemunho há permanente sensação de desconforto, de falta de encaixe, de se perceber fora do comportamento normal (SAID, 2003, p. 110)
- Nem todo testemunho explicita processo de dessubjetivação, processos cruéis que visam arrancar o cerne da subjetividade, seja pela aplicação de torturas físicas e psíquicas, seja pela tentativa de reduzir o sujeito a um número, sem direito ao uso de sua língua, sem refúgio na fantasia e na memória
- Um testemunho pode ser engendrado por determinado acontecimento em determinada atualidade

temporal
- No testemunho a tomada de palavra para relatar evento vivenciado em função de violência praticada por outros sujeitos, pela família ou pelo Estado toma a forma de narrativa em que a memória cumpre seu papel em termos discursivos de rememoração com esquecimentos
- No testemunho se formula a memória na forma de narratividade
- Ao longo do testemunho, são construídas possibilidades de tomada de palavra
- O imaginário linguístico do testemunho envolve narrar lembranças dolorosas nas quais se inscreveram condições de produção em que se deram eventos de infância, ou ainda, como se deu o evento de violência e processos de des-subjetivação decorrentes da violência

APÊNDICE E – Testemunho, por Mariani (2021)

<i>'Mas nessa luta se aprende. Se aprende muitíssimo'. Testemunho de resistência. memória, de Bethania Mariani (2021)</i>
- O testemunho é um suportar fiel desde o evento pretérito até sua sobrevivência até hoje (Jean-Philippe Pierron)
- Testemunho de resistência: falar de algo que aconteceu é formular sentidos possíveis de serem ditos, ou seja, construir com palavras um sítio de significância possível para esse algo. Isso produz como efeito uma presentificação, presentificação essa que, como gesto de interpretação, produz um passado (Orlandi, 2012)
- O testemunho de resistência está atrelado à noção de um Estado repressor (por Estado repressor, nas palavras de Mariani, consideraremos também: único sentido possível/discurso único/sem espaço para o divergente. Testemunho se opõe a enunciados de indiferença e conformismo)
- O testemunho visa a transmitir acontecimento a que não se pode mais assistir (Pierron, 2010)
- O testemunho é um falar de si, de forma inexorável e urgente, sobre uma violência sem precedentes, muitas vezes inesperada e quase sempre inusitada para aqueles que não estão nos movimentos de resistência
- O testemunho é um falar que se impõe, ou seja, o sujeito precisa dar sentidos para a violência presenciada ou vivenciada
- Os testemunhos de resistência – DISCURSIVAMENTE – formam modalidade de atribuição de sentidos para uma interconexão que se produziu, em algum momento, em dada conjuntura, entre acontecimentos históricos e vida pessoal
- O testemunho insiste na separação entre o invisível e o visível, distância que trata de habitar (Pierron, 2010, p. 31)
- O testemunho sucede a violência; vem depois, em uma temporalidade própria, insistindo em fazer ver e ouvir o que já não pode ser visto nem ouvido
- No relato que testemunha resistência, narra-se o que significou ser marcado por um acontecimento em sua violência
- No dizer do testemunho, transmite-se um saber de outra ordem
- O testemunho de resistência transmite deslocamentos e reviravoltas no processo de identificação do sujeito (transmissão = relato do que aconteceu com um deslocamento nos processos de identificação / na transmissão, aquilo de que se trata é relativo também a um produzir efeitos sobre quem ouve)
- O testemunho de resistência pode ser associado ao que Lagazzi-Rodrigues (2018) propõe como resistência simbólica (resistência simbólica para ela é: reconhecer-se em novos sentidos; é ter a possibilidade de produzir furos no social)
- O testemunho permite dar visibilidade ao que passou por experiência / ao evento e essa visibilidade vai de encontro ao discurso único, é forma de resistência ao Estado opressor
- Testemunhar envolve lutar com palavras a partir de um lugar de quem precisa saber o que aconteceu e saber o que fazer com a dor
- Testemunhar é forma de movimentar os sentidos, forma de fazer resistência ao esquecimento
- O testemunho, em relação com a memória, é falar outra vez, e outra vez mais, para não deixar esquecer, para produzir ressignificação no social e ressignificar também a si mesmo
- O testemunho envolve um lembrar / efeito <i>mise-en-abime</i>

APÊNDICE F – Discursividades

No rol de estudos sobre o legado de Carolina Maria de Jesus, constam as pesquisas de Robert M. Levine e Jose Carlos Sebe Bom Meihy, que culminaram com a publicação do livro *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (2015), disponibilizado ao leitor nacional e ao americano. Há ainda, a dissertação de Elzira Divina Perpétua, intitulada *Solos e litorais da escrita: uma leitura de memórias de marginais* (1993), em que, analisou a figura do sujeito da narrativa, cotejando três obras de caráter biográfico escrito por mulheres: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (Carolina Maria de Jesus); *Ai de vós! Diário de uma doméstica* (Francisca Souza da Silva) e *Cícera, um destino de mulher: autobiografia de uma imigrante nordestina* (Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado). Na tese de doutorado, Perpétua, sob o título *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo* (2000), concentrou-se na comparação dos diversos manuscritos de Carolina Maria de Jesus com o texto publicado, refletindo sobre a influência e a presença de marcas editoriais e publicitárias no texto que foi impresso e traduzido a mais de 10 idiomas⁵⁵.

Em 1995, Marisa Lajolo redigiu a apresentação de Carolina Maria de Jesus para a primeira antologia brasileira dedicada a autores negros, além de ter publicado artigo sobre a autora. A tese de doutorado de Madalena Magnabosco, intitulada *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero* (2002), construída sob a ótica da Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, tratou de relacionar literatura e psicologia em busca de desconstruir clichês que vinculam representações do feminino à histeria ou à subalternidade. Em 2004, surge trabalho escrito por Germana Henriques Pereira de Souza sobre o valor estético da obra caroliniana – *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata* –, no qual considerou o gênero diário e o caráter de testemunho e memória, problematizando a fertilidade literária em descompasso com o exíguo tempo de permanência no espaço escolar e refletindo sobre a forma como a literatura brasileira situa a obra de Carolina Maria de Jesus.

Na USP, foram encontradas as seguintes pesquisas sobre ela: *A mulher e a cidade:*

⁵⁵ Cf. VIDA por escrito. Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina>>. Acesso em: 16 out. 2022. Trata-se do portal biobibliográfico *Vida por escrito* que integra o projeto "Vida por escrito - organização, classificação e preparação do inventário da obra de Carolina Maria de Jesus", contemplado pelo edital Prêmio Funarte de arte negra, categoria memória, em 2013.

imagens da modernidade brasileira em quatro escritoras paulistas (Bianca Ribeiro Manfrini); *De Quarto de despejo a Le dépôtair, o processo de refração na reescrita do diário de Carolina Maria de Jesus* (Erica Cristina de Oliveira) e *Os caminhos Literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética* (Fernanda Rodrigues de Miranda).

Em 2020, a obra e o impacto de Carolina Maria de Jesus na literatura e na sociedade brasileira foram celebrados por ocasião dos 60 anos de publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Eventos importantes como a FLUP, que organizou o Painel Online “A Revolução Carolina”, grande festa da periferia e dos marginais, propuseram uma (re)leitura dos escritos de Carolina Maria de Jesus. Anos antes, a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul haviam incluído *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na lista de leituras obrigatórias para o vestibular.

ANEXO A – Lista de traduções de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*⁵⁶

1. Barak nr.9: **Dagboek van een Brazilianse negerin**. Trad. J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen. Arnhem: Van Loghum Slaterus, 1961.
2. **Lossepladsen**. Trad. Borge Hansen. Copenhagen: Fremad, 1961.
3. **Quarto de despejo: diário de uma mulher que tenía hambre**. Trad. Beatriz Broide de Sahoaler. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1961. (4ª ed. 1962).
4. **Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus; the story of slum life in São Paulo that explodes as a vivid and terrifying social document**. Trad. David St. Clair. Londres: A Four Square Book, 1962.
5. **Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus**. Trad. David St. Clair. Nova York: New American Library, 1962.
6. **Karonina nikki**. Trad. Nabuo Hamaguchi. Tóquio: Kawade, 1962.
7. **Le dépotoir**. Trad. Violante do Canto. Paris: Stock, 1962. (2ª ed. 1965).
8. **Quarto de despejo**. Milão: Valentino Bompiani, 1962.
9. **São Paulo, Strada A, nr.9**. Trad. Romulu vulpescu. Bucareste: Editura Pentru Literatura Universala, 1962.
10. **Skräpkammaren: Dagboksanteckningar av Carolina Maria de Jesus**. Trad. Bengt Kyhle. Estocolmo: Tidens, 1962.
11. **Smetiste: Deník zeny z favely**. Trad. Vlasta Havlínová. Praga: Nakladatelství Politické Literatury, 1962.
12. **Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin**. Trad. Johannes Gerold. Hamburgo: Christian Wegner Verlag, 1962.
13. **Els mals endreços: Diari d'una dona de les barraques**. Tradução Francesc Vallverdú. Barcelona: Fontanella, 1963.
14. **Zycie na Smietniku**. Trad. Helena Czajka. Varsóvia: Czytelnik, 1963.
15. **Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakklakó naplója**. Trad. Hargitai Gyögy. Budapeste: Kossuth Könyvkiadó, 1964.
16. **La favela: casa de desahogo**. Havana: Casa de las Americas, 1965.
17. **Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer brasilianischen Negerin**. 2ª ed., Leipzig: Philipp Reclam, 1979.
18. **Farzande tariki**. Tradução Simin Dakht Tcheharegasha. Teerã: S. N., 1999.
19. **Çöplük**. Istanbul: Armoni, 2002.

⁵⁶ Essa relação foi obtida por meio do site *Vida por escrito*, dedicado a Carolina Maria de Jesus. Cf. VIDA por escrito. Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina>>. Acesso em: 16 out. 2022.

ANEXO B – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 29/09/2021)⁵⁷

Legenda:

Em um país com inflação galopante, desemprego em alta e 19 milhões de brasileiros passando fome, um caminhão carregado de pelanca e osso virou esperança de famílias inteiras. No Rio uma fila do desespero é formada no bairro da Glória por moradores de várias regiões, que percorrem quilômetros para levar ao prato esses restos. O material descartado por mercados e açougues iria para fábricas de sabão e ração de cachorro.

“Antes as pessoas passavam aqui e pediam um pedaço de osso para dar para os cachorros. Hoje elas imploraram por pouco de ossada para fazer comida. Meu coração dói.” (José Divino Santos, motorista do caminhão dos ossos)

⁵⁷ A DOR da fome. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 29 set. 2021. Disponível em: <<https://acervo.extra.globo.com/resultados/?a=a+dor+da+fome&ye=2021&mo=9>>. Acesso em: 4 set. 2022.

ANEXO C – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 24/06/2022)⁵⁸

“Só tenho o que comer quando acho no lixo” (Denise da Silva)

Legenda: Na série de reportagens que começa hoje, o Extra mostra o drama de milhares de famílias que passam fome. No Estado do Rio, o número de pessoas que não têm o que comer aumentou 40% nos últimos quatro anos. Moradora da favela de Para Pedro, em Irajá, Denise da Silva, de 51 anos, depende do que é jogado fora na Ceasa para colocar comida no prato.

“Outro dia briguei com um cachorro por um pacote de salsicha.”

⁵⁸ ‘SÓ tenho o que comer quando acho no lixo’. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 24 jun. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/fome-no-rio-so-tenho-que-comer-quando-acho-no-lixo-conta-catadora-25532290.html>>. Acesso em: 4 set. 2022.

ANEXO D – Atualidades da fome (capa do Jornal Extra – 09/08/2022)⁵⁹

Terça-feira

Luta contra a fome no lixo

Pesquisa mostra aumento da miséria no último ano. No Centro do Rio, pessoas aguardam mercado descartar restos para terem o que comer. Cena já virou rotina.

⁵⁹ LUTA contra a fome no lixo. In: EXTRA. [S.l.: s.n.], 9 ago. 2022. Disponível em: <<https://extra.globo.com/capas-jornal-extra/2022-08-90-25553391.html?messeleccionado=ago&ano=2022>>. Acesso em: 4 set. 2022.